



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**  
**ESCOLA DE BELAS ARTES**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS**  
**LINHA DE PESQUISA: HISTÓRIA DA ARTE BRASILEIRA**

**ROBERTA BACELLAR ORAZEM**

**A REPRESENTAÇÃO DE SANTA TERESA D'ÁVILA**  
**NAS IGREJAS DA ORDEM TERCEIRA DO CARMO**  
**DE CACHOEIRA/BAHIA**  
**E SÃO CRISTÓVÃO/SERGIPE**

Salvador  
2009

**ROBERTA BACELLAR ORAZEM**

**A REPRESENTAÇÃO DE SANTA TERESA D'ÁVILA  
NAS IGREJAS DA ORDEM TERCEIRA DO CARMO  
DE CACHOEIRA/BAHIA  
E SÃO CRISTÓVÃO/SERGIPE**

Dissertação apresentada à Universidade Federal da Bahia como requisito para obtenção da titulação de Mestre em Artes Visuais – Linha de Pesquisa em História da Arte Brasileira com ênfase no norte e nordeste do Brasil.

**PROF.<sup>a</sup> DR.<sup>a</sup> MARIA HERMINIA OLIVERA HERNÁNDEZ**  
ORIENTADORA

Salvador  
2009

**ROBERTA BACELLAR ORAZEM**

**A REPRESENTAÇÃO DE SANTA TERESA D'ÁVILA NAS IGREJAS  
DA ORDEM TERCEIRA DO CARMO DE CACHOEIRA/BAHIA  
E SÃO CRISTÓVÃO/SERGIPE**

Dissertação apresentada à Universidade Federal da Bahia como requisito para obtenção da titulação de Mestre em Artes Visuais – Linha de Pesquisa em História da Arte com ênfase no norte e nordeste do Brasil.

Aprovada em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

Banca Examinadora

---

Dr.<sup>a</sup> Maria Herminia Olivera Hernández (orientadora)  
PPGAV/EBA - Universidade Federal da Bahia

---

Dr. Eugênio de Ávila Lins  
PPGAV/EBA - Universidade Federal da Bahia

---

Dr.<sup>a</sup> Maria de Fátima Hanaque Campos  
DCHF - Universidade Estadual de Feira de Santana

À minha avó Tataia (Yedda Ghislaine Bacellar – *in memoriam*), que sempre me incentivou a pesquisar as artes e me ensinou a admirar com entusiasmo a essência da religião Católica Apostólica Romana.

## AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal de Sergipe (UFS), por todo o aprendizado que tive nessa instituição, durante os três anos finais que estudei no curso de licenciatura em Artes Visuais e dois anos na especialização em Artes Visuais, que me ajudaram a construir os primeiros passos para a pesquisa acadêmica no universo da arte e da história do período colonial no Brasil. A todos os colegas do curso de Artes Visuais e dos demais cursos da UFS. Aos queridos professores, a todos sem exceção alguma, sendo do curso de licenciatura ou da especialização e dos demais cursos da área de ciências humanas e sociais. Aos funcionários que colaboraram para o bom desenvolvimento do meu trabalho como pesquisadora, sou grata especialmente a aqueles do Departamento de Assuntos Acadêmicos (DAA), da Pró-reitoria de Assuntos Estudantis (Proest), da Pró-reitoria de Pós-graduação (Prograd), da Pró-reitoria de Extensão (Proex), da Biblioteca Central (Bicen). Principalmente, aos funcionários do antigo Departamento de Letras e do atual Departamento de Artes e Comunicação (DAC).

À Prof<sup>a</sup>. Msc. Carmen Barreto Lima, amiga e grande incentivadora dos meus primeiros passos na pesquisa em história da arte religiosa no Brasil colonial.

Ao Prof<sup>o</sup>. Dr. Eder Donizete Silva, que incentivou a minha imersão no mundo da história da arte.

Em especial, às queridas parceiras de pesquisa, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Adriana Dantas Nogueira, que, sendo minha orientadora na monografia da graduação com temática da arte colonial e em demais pesquisas e monitorias dentro do curso na UFS, colaborou com a minha formação de pesquisadora; à Prof<sup>a</sup>. Msc. Verônica Maria Meneses Nunes, que, sempre prestativa e parceira incansável nas pesquisas sobre a arte e historiografia religiosa no Brasil colonial, contribuiu em minha monografia de graduação e, como orientadora em tempo integral e incondicional, direcionou-me na monografia de especialização, além de sempre se manter presente e contribuir para esta pesquisa do mestrado.

À Universidade Federal da Bahia (Ufba), onde eu completei a minha terceira trajetória em pesquisa acadêmica na área de arte colonial no Brasil. A todos os funcionários, colegas e professores do Mestrado de Artes Visuais e alguns professores do Mestrado de História e Ciências Sociais. Em especial, ao Prof. Dr. Antônio da Silva Câmara e à Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elyane Lins, que demonstraram entusiasmo às artes com seus ensinamentos, transmitindo aos alunos mais confiança para cursar o mestrado.

Ao patrocínio nesses dois anos de Bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

À minha orientadora, Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Herminia Olivera Hernández, que, desde a seleção, mostrou-se solícita à pesquisa do mestrado, entusiasmada com a temática, sempre se fazendo presente durante todo o processo da dissertação, principalmente, auxiliando-me nas correções, sugerindo mudanças significativas no trabalho, além de me auxiliar nas traduções, com os contatos de pesquisa e com as indicações de material de pesquisa.

À professora Msc. Malie Kung Matsuda, que me estimulou durante o estágio docente que participei em sua disciplina história da arte, onde a mesma me proporcionou a oportunidade de transmitir e discutir, com ela e com os demais alunos da disciplina, a temática que pesquiso.

À minha co-orientadora, que certamente merece esse título, Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria de Fátima Hanaque Campos, que, desde o primeiro contato, mostrou-se uma pessoa disposta a ajudar e, assim, colaborou com esta pesquisa, contribuindo com todas as etapas de desenvolvimento do trabalho, com comentários, orientações, indicação e empréstimo de material de pesquisa, apoio ao acervo fotográfico, além de ter me ensinado todos os dias grandes lições de vida em nossas trocas de e-mails e nos encontros em sua casa.

A duas excelentes instituições de pesquisa em Salvador e em Aracaju, onde qualquer pesquisador consegue uma atenção especial, bom atendimento, acesso ao rico acervo e um ambiente agradável para as pesquisas em história. A primeira, Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (Ihgse), agradeço ao Sr. Diretor Prof. Dr. José Ibarê Costa Dantas e aos seus dedicados e simpáticos funcionários, que sempre abriram as portas da instituição para que eu pudesse aproveitar todo o rico acervo de forma gratuita e com acesso irrestrito, um “prato cheio” para qualquer um que queira realizar um trabalho sério de pesquisa. A segunda, o Centro de Estudos Baianos (CEB), da Ufba, agradeço aos funcionários, em especial, à dedicação do Sr. Mário e Sr. Antônio, que colaboraram diariamente com o acesso aos documentos e livros raros do acervo.

Ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) - 7<sup>a</sup> Superintendência Regional - Bahia, pela autorização do Sr. Diretor Carlos Amorim, que viabilizou minha pesquisa sobre a cidade de Cachoeira/BA no arquivo dessa instituição. Aos funcionários da 8<sup>a</sup> Superintendência Regional do Iphan de Sergipe, pelo acesso aos mapas e plantas de São Cristóvão/SE.

Aos restauradores, Túlio Vasconcelos, Pérside Omena e Enos Omena por terem compartilhado importantes informações sobre as restaurações dos templos estudados nesta pesquisa.

Ao Instituto Dom Luciano Duarte (Idld), que possibilitou a pesquisa no seu Arquivo.

Ao Arquivo do Carmo de Belo Horizonte (Acbh), em especial à Sr.<sup>a</sup> Prioriza Beatriz Junqueira Pedras, que me atendeu cordialmente e me enviou cópias de documentos do acervo do Arquivo.

Ao Convento de Santa Teresa do Rio de Janeiro, em nome da Madre Superiora Maria Auxiliadora, pela atenção ao envio das gravuras antigas sobre Santa Teresa D'Ávila e pelas informações sobre pesquisadores que realizaram trabalhos sobre o convento de Santa Teresa e sobre a Ordem do Carmo.

Ao Arquivo Público do Estado da Bahia (Apeb), em nome dos funcionários da Sessão de Arquivo Colonial e Imperial, e à Sr.<sup>a</sup> Maria Helena do Arquivo de Documentos Pessoais, que possibilitaram o bom andamento desta pesquisa.

Aos carmelitas em São Cristóvão, tanto os atuais frades Sorvani e Sivirino (O. Carmo), que possibilitaram a continuação desta pesquisa na igreja da Ordem Terceira em São Cristóvão, como, também, ao antigo superior do convento Frei João José Costa (O. Carm.) e ao Frei Paulo Luiz Fernandes Silva (O. Carm.), da Igreja do Carmo de Aracaju/SE, que me auxiliaram na pesquisa bibliográfica sobre os carmelitas e colaboraram com a pesquisa de campo no complexo do Carmo de São Cristóvão/SE desde 2006.

Ao Sr. Jomar Lima, Prior da Ordem Terceira do Carmo de Cachoeira/BA, que foi um parceiro, desde o primeiro contato em 2007 através de meus amigos Jerônimo e Leila Taize, possibilitando uma grande abertura para o desenvolvimento das pesquisas naquela instituição. Além de permitir consulta aos documentos do arquivo, reprodução de imagens para o acervo fotográfico desta pesquisa e proporcionar-me sempre auxílio e inúmeros acessos ao complexo do Carmo em Cachoeira/BA.

Aos pesquisadores Eugênio de Ávila Lins, Magno Mello, Maria Conceição da Costa e Silva, Camila Fernanda Guimarães Santiago, Cibele de Mattos Mendes, Mônica Farias Vicente, Célia Aparecida Resende Maia Borges, Leila Mezan Algranti, Robson Luiz Santana Barbosa, Adalgisa Arantes Campos, Mariely Cabral de Santana, Jorge Victor de Araújo Souza, George Félix Cabral de Souza. A todos que, de alguma forma, contribuíram com informações e cederam material para esta pesquisa.

Ao pesquisador e historiador Thiago Fragata, que me cedeu fotografias antigas do seu acervo particular sobre a Igreja da Ordem Terceira do Carmo de São Cristóvão/SE.

Aos fotógrafos Eduardo Vasconcelos Santos, Márcio Vieira Garcez, Gabriela Caldas Gouveia de Melo e Antônio Pereira, que colaboraram com o acervo fotográfico desta pesquisa.

À professora Wilma Ramos, que sempre me auxilia nas correções ortográficas dos meus trabalhos acadêmicos.

Às bibliotecas pesquisadas: Setorial I da Universidade Tiradentes de Aracaju, Central da UFS (Setor de Obras Sergipanas), Gabinete Português de Leitura da Bahia, Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, Dom Clemente da Silva-Nigra do Museu de Arte Sacra da Ufba, Museu de Arte da Bahia, Escola de Belas Artes da Ufba, Centro de Estudos Afro-Orientais da Ufba, dentre tantos outros locais e funcionários que colaboraram com o bom andamento desta dissertação.

Por fim, sou grata a minha mãe, Herlina Maria Bacellar Gomes, que amo muito e que nunca deixou de me incentivar nos meus estudos, pesquisas, leituras, planos futuros, entre tantas coisas, que é a patrocinadora e apoiadora incondicional das minhas pesquisas desde a graduação até o mestrado. Sem a sua ajuda, os meus sonhos não teriam sido concretizados. Além de ser uma parceira que me auxilia durante toda a pesquisa, com seus comentários, produção de traduções, sugestões de correções ortográficas, entre outras atividades.



Que encantamento constatar a humanidade tão fiel a si mesma através do espaço e do tempo! Mas para esta constância há uma condição essencial: o sentimento tradicional religioso. Eu sempre confundi a arte religiosa e a arte: quando religião se perde, a arte também se perde; todas as obras-primas gregas, romanas, as nossas, são religiosas.

Auguste Rodin

## RESUMO

A pesquisa buscou analisar a representação de Santa Teresa D'Ávila nas igrejas da Ordem Terceira do Carmo em Cachoeira, Estado da Bahia, e em São Cristóvão, Estado de Sergipe. Nesses templos, foram analisadas dezoito pinturas de forro que narram momentos da vida de Santa Teresa D'Ávila e, conseqüentemente, da Ordem religiosa do Carmo. O estudo teve como método principal de abordagem o analítico-comparativo, além dos métodos formal e iconográfico-iconológico, significativos no momento da identificação das representações e temas específicos de cada uma das pinturas, comparando-as com as reproduções de gravuras e pinturas da Europa e do Brasil. Em um primeiro momento, foram explanados aspectos históricos dos carmelitas e de suas Ordens Terceiras na Europa, no Brasil e na Capitania da Bahia. Observou-se a relevância e a grande influência de Santa Teresa de Jesus no período contrarreformista, na Europa e em outros territórios conquistados, como o Brasil. Mostrou-se a grande repercussão do modelo de santidade teresiano, que a destacou como Mestra, Mística e Reformadora, mesmo depois de sua morte e, por isso, a sua importância no Catolicismo. Estudou-se o universo artístico-social, como os pintores, as técnicas, os estilos, os encomendantes das obras realizadas no período colonial. Foram localizadas e analisadas dezoito pinturas que representam Santa Teresa D'Ávila, onde predominam as temáticas da Santa como Mística e Reformadora do Carmo. Conclusivamente, a dissertação contribui para os estudos de história da arte dos carmelitas no nordeste do Brasil e para os estudos da pintura sacra colonial na Bahia e em Sergipe.

**PALAVRAS-CHAVE:** Santa Teresa D'Ávila. Pintura colonial. Ordem Terceira do Carmo. Gravuras.

## ABSTRACT

This research aimed to analyze the representation of Saint Tereza D'Ávila in two Churches of The Third Order of Carmo, one in Cachoeira, state of Bahia and the other one in São Cristóvão, state of Sergipe. In both temples, the analysis went through eighteen roof paintings which narrate the main stages of Saint Teresa's life, and consequently, of the religious Order of Carmo. The main approaching methods were the analitic-comparative one, as well as the formal and the iconographic-iconological methods, crucial for identifying the representations and specific themes of each one of the paintings, comparing them with reproductions of engravings and paintings from Europe and Brazil. First of all, there was an explanati on on the historical facts of the Carmelitas and their Third Orders in Europe, in Brazil and in the Capitania of Bahia. The study highlighted the relevance and major influence of Saint Teresa of Jesus during the Counter-Reformation in Europe and in other conquered territories, such as Brazil. Next, the work showed the strong repercussion of the Teresian model of holiness, which defined her as a Master, a Mystic and a Doctor, even after her death and, therefore, her importance for the Catholicism. The social and artistic universes were analyzed, covering the painters, the techniques, the styles, and the comissioners of the paintings executed during the colonial period. Eighteen paintings representing Saint Teresa D'Ávila were identified and analyzed. In those paintings the predominant themes are those of the Saint as a mystic and a reformer of the Carmo. Conclusively, the dissertation gives a contribution to the study of the Carmelite art history in the northeast of Brazil as well as to the study of the colonial sacred paintings in the states of Bahia and Sergipe.

**KEYWORDS:** Saint Teresa of Ávila. Colonial painting. Third Order of Carmo. Engravings.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mosteiro de São José das carmelitas descalças em Ávila (Espanha).....	40
Figura 2: Mapa da Península Ibérica no século XVI.....	42
Figura 3: Gravura nº 2 da série sobre a vida de Santa Teresa de Jesus de Adrian Collaert e Cornelius Galle (1613) .....	53
Figura 4: Estampa reproduzindo a efígie de Madre Teresa de Jesus de Hieronymous Wierix - Bruxelas (séc. XVII).....	54
Figura 5: Mapa destacando Cachoeira e Salvador.....	59
Figura 6: Mapa situando a cidade de São Cristóvão .....	60
Figura 7: Fachada da igreja da Opcc .....	80
Figura 8: Fachada da igreja da Otcc .....	82
Figura 9: Fachada da igreja da Ordem Primeira do Carmo de São Cristóvão (Opcc).....	88
Figura 10: Fachada da igreja da Otcc.....	90
Figura 11: Exemplo de gravura europeia contrarreformista produzida por Simon Vonet no ano de 1637 .....	93
Figura 12: Página de um livro de emblemas intitulado <i>Amoris divini...</i> - por Snyders e Wolsschat – Antuérpia (1629).....	94
Figura 13: Pintura de teto em quadratura da igreja da OTSF da Penitência no Rio de Janeiro de autoria de Caetano de Costa Coelho (segundo quartel do séc. XVIII).....	101
Figura 14: Pintura de retábulo lateral com a imagem de Santa Teresa de Jesus da igreja da Ordem Terceira do Carmo de João Pessoa/PB (séc. XVIII) .....	102
Figura 15: Ex-voto da região de Azaruja (Portugal) dedicado a Nossa Senhora do Carmo no ano de 1830.....	104
Figura 16: Ex-voto da região de Minas Gerais (séc. XVIII) .....	105

Figura 17: Ex-voto da região de Sergipe (séc. XIX) .....	106
Figura 18: Pinturas de teto em caixotões da sacristia da igreja da Opçs com cenas da vida do Profeta Elias (séc. XVIII) .....	110
Figura 19: Brasão da Ordem do Carmo (séc. XVII).....	111
Figura 20: Figura central da pintura de teto em perspectiva da igreja da Ordem Terceira do Carmo de Sabará/MG (séc. XVIII).....	112
Figura 21: Imagem de Nossa Senhora do Carmo localizado no Museu Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro de autoria de Raimundo da Costa e Silva (séc. XVIII-XIX) .....	113
Figura 22: Imagem de Nossa Senhora do Carmo entregando escapulário a São Simão Stock - detalhe da tarja da pintura de teto da Ordem Terceira do Carmo de Mogi das Cruzes/SP - obra atribuída a Antônio dos Santos (1814-15).....	115
Figura 23: <i>Decor Carmelitarum</i> - pintura do teto da capela-mor da igreja da Ordem Terceira do Carmo de Itu/SP - obra do Frei Jesuíno do Monte Carmelo (séc. XVIII) .....	115
Figura 24: Nossa Senhora do Carmo - por Moretto da Brescia - Itália (séc. XVI).....	116
Figura 25: Pintura de Nossa Senhora das Mercês do acervo do Museu de Arte Sacra da Bahia .....	117
Figura 26: Gravura de Nossa Senhora do Carmo no Monte Carmelo que salva as almas do purgatório com o escapulário (séc.XVIII).....	119
Figura 27: Efígie de São João da Cruz - versão 1 – (séc. XVIII).....	121
Figura 28: Efígie de São João da Cruz - versão 2 – (séc. XVIII).....	121
Figura 29: <i>A Aparição de Jesus a João da Cruz e Teresa D'Ávila</i> - pintura de retábulo da igreja da Ordem Terceira do Carmo do Rio de Janeiro/RJ (séc. XVIII).....	122
Figura 30: A Transverberação de Santa Teresa por Josefa de Óbidos na igreja da Matriz de Cascais - Portugal (1672) .....	126
Figura 31: Transverberação de Santa Teresa por Gian Lorenzo Bernini (séc.XVII).....	126
Figuras 32 e 33: Pinturas parietais sobre a Transverberação de Santa Teresa de Jesus da igreja da Ordem Terceira do Carmo (Recife/PE) .....	127

Figura 34: Fachada da igreja da Otcs .....	129
Figura 35: Detalhe central da pintura de teto da igreja da Otcs (séc.XIX).....	130
Figura 36: Fachada do Csts .....	133
Figura 37: Arcaz da sacristia do Csts com as pinturas sobre Santa Teresa.....	134
Figura 38: Pintura de azulejo do claustro do convento de Santa Teresa.....	135
Figura 39: Fachada das igrejas da Otcc e Opcc.....	137
Figura 40: Desenho da fachada principal da igreja da Otcc .....	137
Figura 41: Detalhe da fachada da igreja da Otcc.....	138
Figura 42: Mapa de localização dos principais elementos artísticos da Otcc .....	139
Figura 43: Vista geral da capela-mor da igreja da Otcc .....	140
Figura 44: Pintura em medalhão do teto da Sacristia .....	141
Figura 45: Pintura de teto do Consistório.....	142
Figura 46: Pintura parietal da nave central acima do altar-lateral e entre duas tribunas.....	143
Figuras 47 e 48: Pinturas de forro sob o coro da nave central.....	144
Figura 49: Esquema de localização das pinturas do forro sob o coro .....	145
Figura 50: Pintura de teto em caixotões da nave central .....	146
Figura 51: Detalhe central das pinturas de teto em caixotões da nave central .....	146
Figura 52: Detalhe da pintura de teto em caixotões da nave central próxima ao arco-cruzeiro .....	147
Figura 53: Esquema de localização das pinturas na sacristia da igreja da Otsc .....	148
Figura 54: Fachadas das igrejas da Opcc e Otsc .....	150
Figura 55: Mapa de localização dos principais elementos da Otsc .....	151
Figura 56: Vista da nave central e da capela-mor da igreja da Otsc.....	152
Figura 57: Vista da sacristia e das pinturas do teto .....	153
Figura 58: Esquema de localização das pinturas na sacristia da igreja da Otsc .....	154

Figura 59: Visão geral das pinturas de teto em caixotões da sacristia .....	155
Figura 60: Detalhe da pintura de teto em caixotões da sacristia da igreja da Otcc.....	156
Figura 61: Pintura de teto do forro da capela-mor.....	157
Figura 62: Repintura do teto do forro da capela-mor .....	158
Figura 63: Nossa Senhora do Carmo protege os carmelitas .....	162
Figura 64: Localização da pintura 2 do forro sob o coro da nave central da igreja da Otcc ..	162
Figura 65: Detalhes da composição 2 do forro sob o coro da igreja da Otcc .....	164
Figura 66: Plano celestial .....	165
Figura 67: Plano terrestre .....	165
Figura 68: Tríplice devocional da igreja da Otcc .....	166
Figura 69: Adoração de Teresa de Jesus à Virgem do Carmo.....	167
Figura 70: Localização da pintura 3 do forro sob o coro da nave central da igreja da Otcc ..	167
Figura 71: Detalhes da pintura 3 do forro sob o coro da igreja da Otcc.....	169
Figura 72: Plano celestial e plano terrestre da pintura 3 do forro sob o coro da igreja da Otcc .....	170
Figura 73: Casamento Místico de Santa Teresa D'Ávila com Jesus Cristo .....	171
Figura 74: Localização da pintura 1 do forro do teto da nave central da igreja da Otcc.....	171
Figura 75: Detalhes da pintura 1 do forro do teto da nave central da igreja da Otcc .....	172
Figura 76: Transverberação de Santa Teresa D'Ávila.....	173
Figura 77: Localização da pintura 4 do forro do teto da nave central da igreja da Otcc.....	173
Figura 78: Estudo formal da pintura 4 do forro do teto da nave central da igreja da Otcc ....	175
Figura 79: Ponto de tensão da pintura 4 do forro do teto da nave central da igreja da Otcc..	176
Figura 80: Virgem do Carmo e Menino Jesus entregam os escapulários para os santos reformadores da Ordem .....	177
Figura 81: Localização da pintura 5 do forro do teto da nave central da igreja da Otcc.....	177

Figura 82: Detalhes da pintura 5 do forro do teto da nave central da igreja da Otcc .....	178
Figura 83: Análise formal da pintura 5 do forro do teto da nave central da igreja da Otcc ...	179
Figura 84: As quatro principais devoções da Ordem do Carmo: Virgem Maria, Menino Jesus, Elias e Teresa.....	180
Figura 85: Localização da pintura 7 do forro do teto da nave central da igreja da Otcc.....	180
Figura 86: Detalhes da pintura 7 do forro do teto da nave central da igreja da Otcc .....	181
Figura 87: Estudo formal da pintura 7 do forro do teto da nave central da igreja da Otcc ....	182
Figura 88: Entrega do Sagrado Coração de Jesus para Santa Teresa D'Ávila na presença da Santíssima Trindade, São João da Cruz e monja.....	184
Figura 89: Localização da pintura 8 do forro do teto da nave central da igreja da Otcc.....	184
Figura 90: Detalhes da pintura 8 do forro do teto da nave central da igreja da Otcc .....	186
Figura 91: Estudo formal da pintura 8 do forro do teto da nave central da igreja da Otcc ....	187
Figura 92: São José de Botas guia Santa Teresa de Jesus e monjas carmelitas descalças .....	188
Figura 93: Localização da pintura 10 do forro do teto da nave central da igreja da Otcc.....	189
Figura 94: Detalhes da pintura 10 do forro do teto da nave central da igreja da Otcc .....	190
Figura 95: Lado escuro e lado claro da pintura 10 do forro do teto da nave central da igreja da Otcc.....	191
Figura 96: Esquema do forro sob o coro da igreja da Otcc .....	192
Figura 97: Esquema do forro teto da nave central da igreja da Otcc.....	193
Figura 98: Esquema de leitura do forro teto da nave central da igreja da Otcc.....	194
Figura 99: Localização das pinturas sobre a vida de Santa Teresa no forro do teto da nave central da igreja da Otcc .....	195
Figura 100: Interrelação das temáticas do forro do teto da nave central da igreja da Otcc....	195
Figura 101: Relação entre as pinturas com temática sobre o coração do forro do teto da nave central da igreja da Otcc .....	196



Figura 102: Interrelação das pinturas sobre Maria e Jesus do teto da nave central da igreja da Otcc.....	197
Figura 103: Interrelação das pinturas sobre Jesus do teto da nave central da igreja da Otcc.....	197
Figura 104: Santa Teresa de Jesus recebe inspiração divina para ler.....	199
Figura 105: Localização da pintura 1 do forro do teto da sacristia da igreja da Otcsc.....	199
Figura 106: Detalhes da pintura 1 do forro do teto da sacristia da igreja da Otcsc.....	200
Figura 107: Detalhe do vitral da Igreja de São José de Ávila – Espanha (séc. XVII).....	202
Figura 108: Teresa é abençoada pela Virgem Maria na presença da Santíssima Trindade....	203
Figura 109: Localização da pintura 2 do forro do teto da sacristia da igreja da Otcsc.....	204
Figura 110: Transverberação de Santa Teresa.....	206
Figura 111: Localização da pintura 3 do forro do teto da sacristia da igreja da Otcsc.....	207
Figura 112: Santa Teresa de Jesus recebe inspiração divina para escrever.....	208
Figura 113: Localização da pintura 4 do forro do teto da sacristia da igreja da Otcsc.....	208
Figura 114: Santa Teresa de Jesus tem a visão da Pomba estranha .....	210
Figura 115: Localização da pintura 5 do forro do teto da sacristia da igreja da Otcsc.....	210
Figura 116: Lado terrestre e lado extático da pintura 5 do forro do teto da sacristia da igreja da Otcsc .....	211
Figura 117: Nossa Senhora do Carmo protege os carmelitas.....	213
Figura 118: Localização da pintura 6 do forro do teto da sacristia da igreja da Otcsc.....	213
Figura 119: Imagem de São Simão Stock .....	214
Figura 120: Santa Teresa tem a visão do Cristo atado à coluna.....	215
Figura 121: Localização da pintura 9 do forro do teto da sacristia da igreja da Otcsc.....	215
Figura 122: Teresa tem a primeira visão da Pomba do Espírito Santo.....	217
Figura 123: Localização da pintura 10 do forro do teto da sacristia da igreja da Otcsc.....	217
Figura 124: Vitral da Igreja de São José de Ávila – Espanha (séc. XVII) .....	218

Figura 125: Santa Teresa de Jesus é mestra de oração das monjas carmelitas.....	219
Figura 126: Localização da pintura 11 do forro do teto da sacristia da igreja da Otcsc.....	220
Figura 127: Detalhe das monjas da pintura 11 do forro do teto da sacristia da igreja da Otcsc .....	221
Figura 128: Santa Teresa de Jesus recebe comunhão de sacerdote (?) .....	222
Figura 129: Localização da pintura 12 do forro do teto da sacristia da igreja da Otcsc.....	223
Figura 130: Detalhes da pintura 12 do forro do teto da sacristia da igreja da Otcsc.....	223
Figura 131: Iconografia de um sacerdote .....	224
Figura 132: A comunhão de Santa Teresa D'Ávila de Martín Cabezalero (1670) .....	225
Figura 133: São Pedro de Alcântara entregando a hóstia à Santa Teresa na presença de Livio Mehus (1683).....	225
Figura 134: Esquema das pinturas do forro da sacristia da igreja da Otcsc .....	227
Figura 135: Esquema das pinturas sobre a vida de Santa Teresa do forro da sacristia da igreja da Otcsc .....	228
Figura 136: Esquema de leitura das pinturas do forro da sacristia da igreja da Otcsc .....	229
Figura 137: Mapa da antiga região dos Países Baixos .....	253
Figura 138: Gravura nº 1- Apresentação da série de gravuras de Adrian Collaert e Cornelius Galle .....	254
Figura 139: Gravura nº 2 - Apresentação da efígie e das características de Santa Teresa. ....	255
Figura 140: Gravura nº 3 - Teresa e seu irmão Rodrigo fugiam para a terra dos Mouros quando são encontrados por seu tio.....	255
Figura 141: Gravura nº 4 - Teresa entra para o convento da Encarnação das carmelitas calçadas na companhia de seu pai .....	256
Figura 142: Gravura nº 5 – Doença de Teresa de Ávila.....	256
Figura 143: Gravura nº 6 – Santa Teresa diante do quadro do Ecce-Homo.....	257

Figura 144: Gravura nº 7 – Santa Teresa penitente resiste às tentações do demônio com a força da fé .....	257
Figura 145: Gravura nº 8 - Transverberação de Santa Teresa D'Ávila.....	258
Figura 146: Gravura nº 9 – Santa Teresa diante de São Pedro e São Paulo .....	258
Figura 147: Gravura nº 10 – Cristo revela todo o seu amor por Santa Teresa .....	259
Figura 148: Gravura nº 11 - Santíssima Trindade abençoa Santa Teresa .....	259
Figura 149: Gravura nº 12 - Santa Teresa expulsa os demônios com a Cruz.....	260
Figura 150: Gravura nº 13 - Desposório de Santa Teresa .....	260
Figura 151: Gravura nº 14 – Santa Teresa recebe o colar da Virgem na presença de São José como recompensa do trabalho da Reforma do Carmo .....	261
Figura 152: Gravura nº 15 – Santa Teresa ressuscita seu sobrinho.....	261
Figura 153: Gravura nº 16 – Jesus Cristo coroa Santa Teresa pelo seu primeiro monastério carmelita descalço em Ávila.....	262
Figura 154: Gravura nº 17 – Santa Teresa levita na presença de religiosos e fiéis durante a Eucaristia .....	262
Figura 155: Gravura nº 18 – Santa Teresa persuade os padres João da Cruz e Antônio de Jesus para a Reforma do Carmo.....	263
Figura 156: Gravura nº 19 - A aparição de Nossa Senhora protetora para os carmelitas no convento da Encarnação em Ávila - Espanha .....	263
Figura 157: Gravura nº 20 – Santa Teresa e monja carmelita recebem a iluminação dos anjos a caminho de Salamanca .....	264
Figura 158: Gravura nº 21 – Santa Teresa se depara com sacerdote obsidiado por demônios .....	264
Figura 159: Gravura nº 22 – Santa Teresa recebe o consolo de santo dominicano pela Reforma do Carmo .....	265
Figura 160: Gravura nº 23 – Santa Teresa recebe inspiração do Espírito Santo .....	265
Figura 161: Gravura nº 24 – Morte de Santa Teresa .....	266

Figura 162: Gravura nº 25 – Santa Teresa aparece diante das monjas no convento das carmelitas descalças de Segóvia - Espanha .....	266
Figura 163: Mapa do Brasil Colonial .....	267
Figura 164: Série de gravuras da vida de Elias e os profetas do Baal – pelo gravador flamenco Gerard de Jode (1585) .....	280
Figura 165: A Santíssima Trindade e a Sagrada Família – gravura de Anton Wierix e Hieronimus Wierix (séc. XVII) .....	281
Figura 166: São João da Cruz contempla Nossa Senhora coroada, Menino Jesus, Cristo crucificado, Espírito Santo, ao lado de seu benfeitor – gravura de Hieronimus Wierix (séc. XVII) .....	281
Figura 167: Cenas da vida de Maria - Ascensão da Virgem Triunfante - série de gravuras de Anton Wierix (1604) .....	281
Figura 168: Cenas da vida de Maria - A Senhora Mãe Consoladora - série de gravuras de Anton Wierix (1604) .....	281
Figura 169: Cena da contemplação de Maria por Santa Teresa D'Ávila e a contemplação do Menino Jesus por Santo Antônio de Pádua – desenho a carvão atribuído a Pietro de Pietri (séc. XVII-XVIII) .....	282
Figura 170: União das efígies de São João da Cruz que contempla o Cristo crucificado e de Santa Teresa de Jesus que contempla a Pomba do Espírito Santo – gravura da família Firens de Paris (séc. XVI-XVII) .....	282
Figura 171: São Pedro de Alcântara (?) contempla a Virgem Maria e o Menino Jesus e Santa Teresa contempla a Pomba do Espírito Santo diante de Deus e de São João Batista – desenho atribuído ao pintor espanhol Pedro Atanasio Bocanegra (séc. XVII) .....	282
Figura 172: A Virgem Maria com o Profeta Elias (?) e São João da Cruz (?) – gravura de Joannes Stradamus e Phillipus Galle (séc. XVII) .....	283
Figura 173: A Contemplação do Cristo Protetor ou Pantocrator (?) – gravura de C. Bloomaert e L. Lootx (séc. XVII) .....	283
Figura 174: Conjunto de anjinhos músicos – gravura de I. Pasmelli e Hipollito Mavvoui ...	283

Figura 175: Abertura da série de gravuras da <i>Vita mystici doctoris Sancti Joannis a Cruce...</i> de Zucchi produzida para a biografia escrita por Alberto de San Cayetano (1748).....	284
Figura 176: Gravura nº 44 (reprodução da efígie de João da Cruz) da série de gravuras da <i>Vita mystici doctoris Sancti Joannis a Cruce...</i> de Zucchi para a biografia escrita por Alberto de San Cayetano (1748).....	284
Figura 177: Profeta Elias alimenta os corvos .....	285
Figura 178: Santíssima Trindade, Virgem do Carmo Protetora e carmelitas – pintura mexicana do século XVIII .....	285
Figura 179: Efígie de São João da Cruz .....	286
Figura 180: São João da Cruz exorcista – espantando demônios de uma beata.....	286
Figura 181: Frontispício do livro <i>Reforma de los carmelitas descalzos...</i> - de Frei Francisco de Santa Maria – publicado em Madri (1651) - gravura de Herman Pannels .....	286
Figura 182: Transverberação de Santa Teresa por Anton Wierix (séc. XVII).....	287
Figura 183: Transverberação de Santa Teresa diante da Santíssima Trindade e da Sagrada Família por Anton Wierix (séc. XVII) .....	287
Figura 184: Santa Teresa contempla o crucifixo – gravura do francês Claude Mellan (1661) .....	288
Figura 185: Efígie de Santa Teresa – gravura do flamengo Michiel Snyders (1613) .....	288
Figura 186: Visão de Teresa dos jesuítas - gravura do francês François Spierre (1667) .....	288
Figura 187: Virgem e São José acompanhados de anjos trazem a coroa para Teresa de Jesus – gravura dos franceses Jean Boulanger e Nicolas Loir (1651) .....	288
Figura 188: Esboço da Transverberação de Santa Teresa – desenho italiano impresso por Johann Friedrich Greuter (séc. XVII).....	289
Figura 189: Transverberação de Santa Teresa – gravura de Johann Wolfgang Baumgartner (séc. XVIII).....	289
Figura 190: Transverberação de Santa Teresa – gravura do alemão Johann Baptist Klauber (1750) .....	289

Figura 191: Êxtase de Santa Teresa de Jesus ou Santa Rita - gravura do alemão Jacob Frey (1720) .....	289
Figura 192: Efígie de Teresa de Jesus (séc. XVII) .....	290
Figura 193: Transverberação de Santa Teresa - pintura anônima (séc. XVIII).....	291
Figura 194: Série de gravuras sobre a vida de Santa Teresa de Jesus por I. Palomino (1752) .....	292
Figura 195: Série de gravuras sobre a vida de Santa Teresa de Jesus por I. Palomino (1752) .....	292
Figura 196: Série de gravuras sobre a vida de Santa Teresa de Jesus por I. Palomino (1752) .....	292
Figura 197: Série de gravuras sobre a vida de Santa Teresa de Jesus por I. Palomino (1752) .....	292
Figura 198: Série de gravuras sobre a vida de Santa Teresa de Jesus por I. Palomino (1752) .....	293
Figura 199: Série de gravuras sobre a vida de Santa Teresa de Jesus por I. Palomino (1752) .....	293
Figura 200: Série de gravuras sobre a vida de Santa Teresa de Jesus por I. Palomino (1752) .....	293
Figura 201: Capa de livro (séc. XVIII) .....	293
Figura 202: Capa de livro (séc. XVIII) .....	294
Figura 203: Capa de livro (séc. XVIII) .....	294
Figura 204: Capa de livro (séc. XVIII) .....	294
Figura 205: Capa de livro (séc. XVIII) .....	294
Figura 206: Capa de livro (séc. XVIII) .....	295
Figura 207: Capa de livro (séc. XVIII) .....	295
Figura 208: A visão de Santa Teresa da Pomba do Espírito Santo - gravura de Douda impresso na casa de Marcos-Miguel Bousquet – mercador de livros (séc. XVIII).....	295

Figura 209: Teresa e seu irmão Rodrigo são salvos pelo seu tio quando fugiam para a Terra dos mouros.....	296
Figura 210: A visão da Pomba do Espírito Santo ( <i>Aut pati, aut mori – Ou sofrer, ou morrer</i> ) .....	296
Figura 211: Efígie de Santa Teresa .....	296
Figura 212: Casamento Místico de Teresa de Jesus com o Cristo Ressuscitado (Desposório de Santa Teresa) .....	297
Figura 213: Mensagem do anjo a Teresa de Jesus ( <i>Hanc, quam mihi dedisti tibi Dô – Esta, que deste a mim Deus meu</i> ) .....	297
Figura 214: Teresa tem a visão do Cristo ressuscitado e de Deus.....	298
Figura 215: Transverberação de Santa Teresa.....	298
Figura 216: Teresa tem a visão do Cristo da Coluna.....	299
Figura 217: João da Cruz conta histórias sobre a Santíssima Trindade para Teresa de Jesus e monja .....	299
Figura 218: Teresa tem a visão dos jesuítas .....	300
Figura 219: Teresa tem a visão da guerra dos cristãos contra os mouros .....	300
Figura 220: Teresa e monjas são guiadas por dois cavaleiros pelos caminhos da Espanha para a Reforma do Carmelo.....	301
Figura 221: Teresa recebe comunhão de Sacerdote e a hóstia voa diretamente para sua boca .....	301
Figura 222: Teresa recebe inspiração da Pomba do Espírito Santo para escrever .....	302
Figura 223: Teresa recebe o punhal de Jesus (Desposório (?)).....	302
Figura 224: Teresa ressuscita seu sobrinho na presença de sua irmã e de seu cunhado .....	303
Figura 225: Esquema do forro sob o coro da nave central da igreja da Otcc.....	306
Figura 226: Esquema do forro do teto da nave central da igreja da Otcc.....	307
Figura 227: Esquema do forro do teto da sacristia da igreja da Otcc .....	308

## **LISTA DE SIGLAS**

Acbh - Arquivo do Carmo de Belo Horizonte  
ACO - Arquivo Carlos Ott  
Adld - Arquivo Dom Luciano Duarte  
Aejs - Arquivo Estadual do Judiciário de Sergipe  
Aotcc - Arquivo da Ordem Terceira do Carmo de Cachoeira  
Apeb - Arquivo Público do Estado da Bahia  
Apes - Arquivo Público do Estado de Sergipe  
AHU - Arquivo Histórico Ultramarino  
BN - Biblioteca Nacional  
Csts - Convento de Santa Teresa de Salvador  
Cpab - Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia  
Ihgse - Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe  
Iphan - Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional  
O.C.D. - Ordem dos Carmelitas Descalços  
O.Carm. - Ordem dos Carmelitas Calçados  
Opcc - Ordem Primeira do Carmo de Cachoeira  
Opes - Ordem Primeira do Carmo de Salvador  
Opesc - Ordem Primeira do Carmo de São Cristóvão  
Otcc - Ordem Terceira do Carmo de Cachoeira  
Otes - Ordem Terceira do Carmo de Salvador  
Otesc - Ordem Terceira do Carmo de São Cristóvão  
Otsf - Ordem Terceira de São Francisco  
PCB - Província Carmelitana da Bahia  
Ufba - Universidade Federal da Bahia  
UFS - Universidade Federal de Sergipe



## LISTA DE ANEXOS

<b>ANEXO A</b> - Mapa da antiga região dos Países Baixos (simulação dos territórios nos séculos XV, XVI e XVII) .....	253
<b>ANEXO B</b> - Série de 25 gravuras - intitulada <i>Vita B. Virginis Teresiae a Iesu</i> - de autoria de Adrian Collaert e Cornelius Galle (1613) .....	254
<b>ANEXO C</b> - Mapa do Brasil Colonial .....	267
<b>ANEXO D</b> - Mapa do Recôncavo Baiano .....	268
<b>ANEXO E</b> - Documento <i>Rendimento annual deste nosso Convento da B<sup>a</sup></i> . (1847) .....	269
<b>ANEXO F</b> - Mapa do Centro Histórico de Cachoeira/BA (Iphan) .....	270
<b>ANEXO G</b> - Relação de pacotes encontrados no Aotcc e seus respectivos documentos ....	271
<b>ANEXO H</b> - Mapa do Centro Histórico e Artístico de São Cristóvão/SE (Iphan) .....	275
<b>ANEXO I</b> - Correspondência recebida da década de 1970 - documento nº 8.104 do Adld .....	276
<b>ANEXO J</b> - Correspondência expedida da década de 1970 - doc. nº 7.15 do Adld .....	278
<b>ANEXO K</b> - Gravuras avulsas e pinturas dos santos da ordem do Carmo e outros temas de devoções contrarreformistas .....	280
<b>ANEXO L</b> - Imagens avulsas de Santa Teresa de Jesus .....	287
<b>ANEXO M</b> - Gravuras avulsas e livros sobre Santa Teresa de Jesus da Biblioteca do Convento de Santa Teresa do Rio de Janeiro/RJ .....	291
<b>ANEXO N</b> - Pinturas do arcaz da sacristia do Csts .....	296
<b>ANEXO O</b> - Planta do piso inferior do complexo do Carmo em Cachoeira/BA (Iphan) .....	304
<b>ANEXO P</b> - Planta do piso inferior do complexo do Carmo em São Cristóvão/SE (Iphan) .....	305
<b>ANEXO Q</b> - Esquema das pinturas dos forros das igrejas da Otcc e Otsc .....	306

# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>28</b>
<b>1 A ORDEM DOS CARMELITAS.....</b>	<b>33</b>
1.1 ORIGEM DOS CARMELITAS .....	33
1.2 REFORMA TERESIANA.....	36
1.3 A INFLUÊNCIA DE SANTA TERESA DE JESUS NA IDADE MODERNA .....	43
1.4 OS CARMELITAS CALÇADOS E AS ORDENS TERCEIRAS DO CARMO NO BRASIL.....	57
1.4.1 <i>A Capitania da Bahia e os religiosos carmelitas</i> .....	57
1.4.2 <i>As instituições de leigos carmelitas</i> .....	67
1.4.3 <i>A Ordem Terceira do Carmo de Cachoeira/BA</i> .....	76
1.4.3.1 Cachoeira/BA no Período Colonial .....	76
1.4.3.2 A Presença dos Carmelitas em Cachoeira/BA .....	79
1.4.4 <i>A Ordem Terceira do Carmo de São Cristóvão/SE</i> .....	84
1.4.4.1 São Cristóvão/SE no Período Colonial.....	84
1.4.4.2 A Presença dos Carmelitas em São Cristóvão/SE.....	87
<b>2 OS PROGRAMAS ICONOGRÁFICOS E A PINTURA NO INTERIOR DAS IGREJAS CARMELITAS DO BRASIL.....</b>	<b>92</b>
2.1 ARTESÃOS, TÉCNICAS, MATERIAIS E ESTILOS ARTÍSTICOS.....	92
2.2 DEVOÇÕES E ICONOGRAFIAS CARMELITANAS .....	106
2.2.1 <i>As representações visuais de Santa Teresa de Jesus</i> .....	124
2.3 ANTECEDENTES HISTÓRICOS E ARTÍSTICOS DAS IGREJAS CARMELITAS EM SALVADOR/BA.....	128
2.3.1 <i>Igreja da Ordem Terceira do Carmo de Salvador</i> .....	129
2.3.2 <i>Convento de Santa Teresa dos carmelitas descalços</i> .....	131
2.4 REPERTÓRIO PICTÓRICO DA IGREJA DA OTCC .....	136
2.4.1 <i>Descrição espacial do conjunto arquitetônico</i> .....	136
2.4.2 <i>Pinturas</i> .....	141
2.4.2.1 <i>Pintura de Teto da Sacristia</i> .....	141

2.4.2.2 Pintura de Teto do Consistório .....	142
2.4.2.3 Pinturas Parietais da Capela-mor e da Nave Central .....	142
2.4.2.4 Pinturas do Coro .....	143
2.4.2.5 Pinturas de Teto em Caixotões da Nave Central .....	145
2.5 REPERTÓRIO PICTÓRICO DA IGREJA DA OTCSC .....	149
2.5.1 <i>Descrição espacial do conjunto arquitetônico</i> .....	149
2.5.2 <i>Pinturas</i> .....	152
2.5.2.1 Pinturas de Teto em Caixotões da Sacristia.....	152
2.5.2.2 Pintura de Teto do Forro da Capela-mor .....	157
<b>3 ANÁLISES ARTÍSTICAS DAS REPRESENTAÇÕES PICTÓRICAS DE SANTA TERESA D'ÁVILA NAS IGREJAS DA ORDEM TERCEIRA DO CARMO DE CACHOEIRA/BA E SÃO CRISTÓVÃO/SE .....</b>	<b>159</b>
3.1 PROCEDIMENTOS.....	159
3.2 PINTURAS DA IGREJA DA OTCC.....	162
3.2.1 <i>As pinturas do forro sob o coro e do forro do teto da nave central</i> .....	162
3.2.2 <i>Interrelação e particularidades das representações dos forros</i> .....	192
3.3 PINTURAS DA IGREJA DA OTCSC .....	199
3.3.1 <i>Pinturas do forro do teto da sacristia</i> .....	199
3.3.2 <i>Interrelações e particularidades das representações do forro</i> .....	227
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>230</b>
<b>FONTES PRIMÁRIAS .....</b>	<b>234</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>235</b>
<b>FONTES ELETRÔNICAS .....</b>	<b>244</b>
<b>GLOSSÁRIO .....</b>	<b>247</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>253</b>

## INTRODUÇÃO

Este trabalho teve como principal objetivo estudar as representações de Santa Teresa D'Ávila nas igrejas da Ordem Terceira do Carmo das cidades de Cachoeira - Estado da Bahia - e São Cristóvão - Estado de Sergipe. O estudo volta-se para a arte religiosa desses locais, privilegiando o seu repertório pictórico, onde foram identificadas as imagens em que há cenas sobre a vida de Santa Teresa D'Ávila.

A escolha do tema surgiu com base nas pesquisas anteriormente realizadas, quando se finalizou, em 2006, a monografia de conclusão de curso de Licenciatura em Artes Visuais<sup>1</sup> e, em 2008, a monografia da Pós-Graduação *Lato Sensu* em Artes Visuais.<sup>2</sup> Ambas buscaram aprofundar mais os estudos sobre o histórico da Ordem do Carmo, da Ordem Terceira e Convento de São Cristóvão/SE, e, especificamente, da temática predominante nas pinturas daquele complexo religioso: a história da vida de Santa Teresa D'Ávila. Nessas pesquisas, foram percebidas algumas lacunas que deveriam ser aprofundadas: como a relação direta entre o território da Bahia e de Sergipe no período colonial, no tocante aos aspectos social, religioso, político, econômico e cultural; a arte das igrejas carmelitas na região da Capitania da Bahia e de Sergipe, entendendo-as dentro de um mesmo contexto histórico-cultural; a atuação das instituições leigas carmelitas na Capitania da Bahia e de Sergipe; entre outros questionamentos.

Para este trabalho de mestrado, privilegiou-se o estudo de somente duas igrejas da Ordem Terceira - a de Cachoeira e de São Cristóvão, tendo em vista que na região existe ainda a Ordem Terceira de Salvador. Porém essa passou por modificações no século XIX e não contempla a arquitetura e o repertório artístico do período colonial.<sup>3</sup>

Cachoeira e São Cristóvão são duas cidades que já foram pesquisadas pelos historiadores, mas a relevância do trabalho dá-se a partir do momento em que são estudadas em conjunto, pensando-se em um contexto no período colonial e dentro de uma região maior,

---

<sup>1</sup> O título do trabalho é “Arte colonial sergipana: análise dos elementos artísticos das igrejas da Ordem Terceira e Conventual do Carmo em São Cristóvão/SE”.

<sup>2</sup> O título do trabalho é “A história da vida de Santa Teresa D'Ávila. Leitura iconográfica das pinturas de teto da sacristia da igreja da Ordem Terceira do Carmo. São Cristóvão, Sergipe.”

<sup>3</sup> Esta igreja sofreu incêndio no final do século XVIII e no início do século XIX passou por reformas, adquirindo características da arte neoclássica.

onde a administração era regida por Salvador, que interligou todos os aspectos da vida social, política, religiosa e cultural daquelas duas cidades. O trabalho também é importante na medida em que pensa a questão artístico-religiosa dos carmelitas de Cachoeira e São Cristóvão como algo unificado, ou, pelo menos, que ambos os templos eram regidos pela mesma instituição religiosa, ou seja, pela Província Carmelitana da Bahia, que controlava e aplicava as mesmas regras nas duas regiões.

Durante o século XX, a temática do período colonial no Brasil foi muito debatida entre pesquisadores das áreas de artes, arquitetura e história, entre outros. Muito já foi discutido sobre a arte religiosa de cidades históricas nos Estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco. Todavia, a região de Sergipe tem poucas pesquisas que analisam a arte e a história do seu período colonial, ainda mais a relacionando à região da Bahia, que é referência direta para o local. Conforme Bazin (1983, p.160): “[...] do outro lado do Rio São Francisco, o atual Estado de Sergipe constitui uma dependência, bem provincializada, mas com influências de Pernambuco e Bahia.” Estudar a região de Sergipe interligada à do Recôncavo Baiano significa relacionar dois locais importantes para a Capitania da Bahia, tendo em vista que existem poucos trabalhos que enfoquem essa relação de forma tão próxima.

Sendo assim, as metas específicas do trabalho foram: realizar levantamentos de dados históricos sobre a história dos carmelitas na Capitania da Bahia; coletar dados históricos sobre a cidade de São Cristóvão e de Cachoeira; catalogar e classificar os elementos artísticos da igreja da Ordem Terceira de São Cristóvão e de Cachoeira; identificar, com base nas pinturas, as técnicas, os materiais, os suportes, as tipologias, as distribuições, os espaços, a presença de elementos compositivos, os artistas; realizar um estudo iconográfico de representações artísticas e simbólicas contidas nas pinturas da igreja da Ordem Terceira de São Cristóvão e Cachoeira; analisar as iconografias com base nas reproduções de gravuras e pinturas européias e baianas.

Portanto, o estudo apontou para as duas Ordens Terceiras do Carmo de Cachoeira/BA e São Cristóvão/SE que tiveram ligação histórica no período colonial, interligadas pela Capitania da Bahia. Foram pesquisados os aspectos semelhantes de ambas as igrejas: tipo de igreja, de grupo social, de ordem religiosa, de arte colonial. O trabalho descreveu aspectos acerca da teoria da história da ordem religiosa dos carmelitas calçados; da classe social de devotos da Ordem Terceira do Carmo, e da Capitania da Bahia e de Sergipe no período colonial, relacionando-a com Portugal e Espanha. A arte foi trabalhada à medida

em que insere num contexto nacional baiano, onde foram analisados os seus aspectos históricos, temáticos, religiosos, estilísticos, sociais, entre outros.

A metodologia do trabalho foi centrada, principalmente, no método analítico-comparativo. Além disso, foram utilizados os métodos da leitura de obra de arte, com o uso da análise estética, identificando os estilos artísticos; da análise formal, expondo os elementos visuais na estrutura construtiva, e de composição e percepção visual; da análise iconográfico-iconológica, definindo as temáticas e os símbolos; além da interpretação das imagens em seu contexto histórico-cultural.

O trabalho foi desenvolvido em torno da seguinte problemática: de que forma são produzidas, no período colonial, pinturas religiosas com princípios religiosos e temáticas semelhantes nas duas Igrejas de Ordem Terceira do Carmo de Cachoeira/BA e São Cristóvão/SE?

Foram formuladas as seguintes hipóteses: representar Santa Teresa D'Ávila foi uma prática recorrente das igrejas de Ordem Terceira carmelita no Brasil no período colonial; as Ordens Terceiras do Carmo de São Cristóvão/SE e Cachoeira/BA foram geradas com base em uma mesma matriz, ou seja, a partir da Ordem Terceira do Carmo de Salvador, e esta, conseqüentemente, baseou-se na Ordem Terceira do Carmo de Portugal; alguns integrantes das Ordens Terceiras de ambas as cidades também eram membros da Ordem Terceira do Carmo de Salvador ou eram concomitantemente membros da Ordem Terceira do Carmo em Cachoeira/BA e em São Cristóvão/SE; os pintores de ambas as igrejas conheciam e transitavam ao mesmo tempo por São Cristóvão/SE e por Cachoeira/BA no período colonial; Salvador/BA foi uma cidade que inspirou os pintores de ambas as cidades; no período colonial, os pintores vieram de uma mesma região, ou de uma mesma escola de pintura; todas as pinturas foram idealizadas a partir das mesmas fontes de grande circulação, ou seja, com base nos Estatutos da Ordem do Carmo e com base nas gravuras europeias que retratam a vida de Santa Teresa D'Ávila, essas estampas, por sua vez, circularam pelas duas regiões no período colonial.

Muitas fontes primárias foram utilizadas para a construção do trabalho, foram coletados documentos do Arquivo da Ordem Terceira do Carmo de Cachoeira, do Arquivo da Ordem Geral do Carmo de Belo Horizonte, do Arquivo Público do Estado da Bahia, Arquivo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Indiretamente, através de fontes secundárias, foram acessados alguns documentos do Arquivo Ultramarino, da Biblioteca Nacional, da Ordem Terceira do Carmo de Salvador, do Arquivo do Judiciário do Estado de Sergipe, entre outros. Essa documentação permitiu contextualizar historicamente o trabalho

na época colonial e aproximar mais as datações do período de construção das representações pictóricas, haja vista que os documentos originais de encomenda e contrato com os artistas não foram localizados.

Alguns autores foram importantes para requalificar pontos centrais do trabalho: Saggi (1975), Boaga ([s.d.]), Wermers (1963), Mattos (1964), Hernández (2005 e 2009), entre outros, em relação à História dos carmelitas; Berbara (2009), Gutiérrez (2006), Vazquez (2000), Sánchez-Castañer (1982), entre outros, em relação à influência de Santa Teresa de Jesus na Igreja; Borges (2007, 2005, 2004), Algranti (1993 e 2004) e Gonçalves (2005), entre outros, em relação à influência de Teresa de Jesus no Brasil; Ott (1998 e 1989), Calderón (1983), Bazin (1983), Flexor (2008), entre outros, em relação à história da Ordem Terceira do Carmo de Cachoeira; Nunes (1996 e 2006), Freire (1977 e 1998), entre outros, em relação à Ordem Terceira do Carmo de São Cristóvão; Martinez (1979), Casimiro (1996), Russel-Wood (1970), entre outros, em relação às instituições laicas carmelitas no Brasil e na Capitania da Bahia; Campos (2000), Flexor (2009 e 1974), entre outros, em relação à pintura colonial no Brasil e na Capitania da Bahia; Sebastián (1989), em relação às iconografias religiosas, enfim, dentre tantos autores que contribuíram para a construção do texto.

Vale salientar a importância das pesquisas feitas também em documentos eletrônicos, tanto em bibliotecas nacionais como as de Portugal e de Espanha quanto em bibliotecas de universidades e de museus como a Digital da Universidade do Porto e o Museu Britânico, dentre tantas outras que possibilitaram a pesquisa de material acadêmico e de reproduções de gravuras e pinturas. Foi importante também a consulta aos dicionários de termos específicos católicos, de termos artísticos e históricos e da língua portuguesa.

O primeiro capítulo desta dissertação discorreu sobre o histórico da Ordem dos carmelitas, trazendo desde a sua origem, seus fundadores e organizadores, seus princípios religiosos. Foram discutidas as mudanças ocorridas com a Idade Moderna e os novos pensamentos da Igreja Católica contrarreformista, uma vez que a Reforma da Ordem do Carmo foi impulsionada por Santa Teresa D'Ávila. Dessa forma, a vida dessa religiosa, que é destaque neste trabalho, foi apresentada através dos relatos mais significativos de sua biografia e das pessoas com as quais a monja se relacionou. Foi mostrada a forte influência dessa religiosa na sua época e, com sua morte, a repercussão de seu modelo de vida e santidade, ao longo dos séculos XVII, XVIII e XIX, na Europa e nos continentes conquistados - América, Ásia e África. Para situar o trabalho no Brasil Colônia, foi discutida a relação entre a Capitania da Bahia e as regiões de Cachoeira, na Bahia, e São Cristóvão, em Sergipe, tendo em vista as aproximações territoriais, além de políticas, econômicas, religiosas,

entre outras. Também, foram estudados os carmelitas calçados no Brasil, enfocando a atuação desses religiosos dentro do território baiano e sergipano, destacando a atuação da Província Carmelitana da Bahia, revelando o seu apogeu no século XVIII e seu declínio no século XIX, a ponto de haver a extinção daqueles religiosos na região. Por fim, foram analisadas as instituições de leigos carmelitas, ou seja, as Ordens Terceiras do Carmo na Capitania da Bahia, compreendendo as duas instituições laicas de Cachoeira e São Cristóvão, trazendo a atuação delas durante o período colonial.

No segundo capítulo, a discussão iniciou-se em torno da produção da arte colonial no Brasil, seus artistas, técnicas, materiais e estilos artísticos. Foi dado destaque à atuação do artista colonial, principalmente dos pintores, e sua relação com a sociedade laica e religiosa. Posteriormente, foram examinadas as temáticas religiosas e artísticas que circularam na Colônia dentro do universo da Ordem carmelitana, privilegiando as representações visuais de Santa Teresa e discutindo a sua incidência visual nas igrejas da Ordem Terceira do Carmo. Nesse contexto, foram estudados os antecedentes históricos e artísticos das igrejas carmelitas em Salvador, partindo do princípio de que essa região influenciou as outras duas cidades, objeto da pesquisa. Para isso, foram destacadas duas igrejas em Salvador - igreja de Santa Teresa dos carmelitas descalços e igreja da Ordem Terceira do Carmo - as quais, sendo anteriores às igrejas de Cachoeira e São Cristóvão, podem ter influenciado as duas instituições de leigos já citadas. Foram expostos os repertórios pictóricos das igrejas de Ordem Terceira do Carmo de Cachoeira e São Cristóvão, realizando-se a descrição espacial do conjunto arquitetônico e descrevendo-se todas as pinturas existentes nos interiores de cada templo.

O terceiro capítulo tratou da análise artística daquelas pinturas que manifestam a temática da vida de Teresa D'Ávila. Foram estudadas dezoito pinturas que representam a Santa, das quais oito se encontram na igreja de Cachoeira e dez na igreja de São Cristóvão. Vale destacar que nesse universo pictórico o gênero predominante é o de teto em caixotões. O objetivo da análise foi identificar cada temática da vida da monja e os elementos simbólicos de cada cena, além de discutir as técnicas empregadas pelos artistas. Esse exercício foi embasado nas comparações das pinturas com as gravuras européias, que narram cenas sobre a vida de Teresa D'Ávila, com outras pinturas e esculturas produzidas no mesmo período na Europa e América, e com os escritos da Santa, destacando o conteúdo autobiográfico do seu *Livro da Vida*.

O trabalho também traz um glossário de termos técnicos e artísticos, além de um vasto material iconográfico, contando com reproduções de gravuras e pinturas e de fotografias.



## 1 A ORDEM DOS CARMELITAS

*Ser Carmelita – um nada agraciado – pela bondade extrema do Senhor. Ser Carmelita – um nada sublimado – a vida de união com o Salvador. Ser Carmelita é ser espiga d’ouro curvada ao peso de grãosinhos mil. É possuir um singular tesouro. É na fraqueza forte, ser viril. Ser Carmelita é permanecer ditosa à grei feliz da divinal Maria. E junto estar sempre da mãe bondosa. Fruir da Irmã a agradável companhia. Ser Carmelita é com simplicidade da ‘infância’ percorrer a doce trilha. Viver com o Pai em santa intimidade e Lhe ser sempre a pequenina filha. Ser Carmelita é ser alma de prece. É no silêncio amar a solidão. É contemplar o lourejar da messe, ganhando obreiros para a imolação. Ser Carmelita é abandonar-se inteira aos ternos braços do melhor dos Pais. É ser qual flor, abrindo-se fagueira. Ao sol do amor, aos beijos matinais. E se o Carmelo é todo um poema iniciado na visão de Elias. Ser Carmelita é então ter por lema ‘Zelo Zelatus’, rico de harmonias. Ser Carmelita é dedilhar a lira, cantando estrofes ao Supremo bem. É desferindo sons que o amor inspira. Olhar o azul como a esperar alguém. E se do céu, a voz ouvisse amante: que falta, filha, a tua imensa dita? – Nada, Meu Deus, diria palpitante. Tudo me deste, Pai, sou Carmelita. (JOANA D’ARC apud BOAGA, [s.d.], p.68-69).*

### 1.1 ORIGEM DOS CARMELITAS

A Ordem do Carmo tem sua origem na Idade Média, na região do Monte Carmelo, próximo à Haifa, que se localiza na Palestina, atual região de Israel. Esse local entre o século XI e XII foi tomado por eremitas latinos, oriundos das cruzadas medievais, para conquistar a Terra Santa.<sup>4</sup> Havia um grupo de monges que habitou a região no século XII, e

---

<sup>4</sup> Assim como Mattos (1964), alguns autores como Wermers (1963) e Saggi (1975) afirmam o surgimento de cruzados latinos na Palestina já por volta do século VI.

tinha como inspiração o profeta Elias.<sup>5</sup> Esse personagem foi um profeta bíblico que marcou a história de Israel e que, durante muito tempo, dedicou-se à vida solitária e contemplativa a Deus. Segundo Mattos (1964, p.1):

Os Carmelitas remontam aos tempos do profeta Elias, considerado por luminares da Igreja como seu patriarca. Este varão ilustre, de que nos fala a Sagrada Escritura, monge e guerreiro, viveu em completa solidão, à sombra das matas que cobriam o planalto do Monte Carmelo, em Samaria, Palestina. Oculto em ermo, dedicou-se à vida das orações e da contemplação a Deus.

Referindo-se à devoção Eliana, Saggi (1975, p.2) coloca que: “Tanto na época quanto depois, os carmelitas nunca deram a alguém em particular o título de fundador, permanecendo fiéis ao modelo de Elias, ligado ao Monte Carmelo pelo episódio narrado em 1Rs 18, 20-45 (sacrifício e nuvenzinha) e pela tradição patrística greco-latina.”

Há também, desde o início, a devoção dos monges à Virgem Maria, já que se tem indícios de que devotos construíram uma capela dedicada à Virgem do Monte Carmelo, situação esta que revela desde o início a dedicação mariana desses religiosos. Saggi (1975, p.2) confirma esse fato: “Construíram uma capela e a dedicaram à Maria, Mãe de Jesus. Isso fez com que surgisse neles o sentimento de pertença a Nossa Senhora como Senhora do Lugar. Dela, tomaram o nome e, a ela, deram os atributos dados ao fundador e padroeiro.”

Conforme Wermers (1963), relatos historiográficos registram a existência de dois grupos de eremitas que ele identifica como distintos: um deles, espalhado pela região conhecida como Fonte de Elias, e o outro, morando na Gruta de Elias. Após análises daqueles, baseadas em fontes da época, de relatos de religiosos e até mesmo de documentos fundamentais da Ordem do Carmo, o pesquisador constatou que o primeiro grupo identificado era o dos carmelitas, quanto que para o segundo grupo não se pôde fazer essa afirmação. Sobre os monges da Fonte de Elias:

Ao descrever o renascer da Igreja na Palestina, a seguir às Cruzadas dos séculos 11 e 12, conta ele a história dos Monges que moravam no Carmelo, perto da fonte de Elias. [...] Pois, das diversas partes do mundo, de todas as línguas e raças, de todas as nações, piedosos peregrinos e religiosos confluíram à Terra Santa, atraídos pela fama dos Lugares Santos. [...] Outros imitando o exemplo do homem santo e solitário, que foi o Profeta Elias, professavam a vida eremítica no Monte Carmelo, sobretudo na parte que se avança sobre a cidade de Porfíria, a actual Haifa, próxima de uma fonte, conhecida como a Fonte de Elias, não longe do mosteiro de Santa Margarida. [...] A visão é geral e global: o reflorescimento da Igreja e a intensificação da vida religiosa desde as últimas Cruzadas dos séculos 11 e 12. Um movimento ainda em evolução e progresso. Do mesmo modo, a vida dos eremitas do Monte Carmelo é pintada em pinceladas rápidas e gerais. Não se fala num nexó organizado entre esses eremitas, nem tão pouco é negada a existência de tal nexó. (WERMERS, 1963, p.20-21).

---

<sup>5</sup> Período de morte e nascimento entre 486 a 458 a.C. (RODRIGUES, 2005, p.93).

Apesar de serem religiosos dispersos entre si, pois tinham uma vida de recolhimento e de solidão, eles conseguiram se organizar como grupo, e pediram ao Patriarca de Jerusalém, Santo Alberto Avogadro,<sup>6</sup> que escrevesse suas constituições como ordem do Monte Carmelo. Mais adiante, por volta de 1205-1214, o patriarca tratou de organizar o grupo de eremitas, redigindo e aprovando a Regra dos carmelitas, que foi aceita pelo Papa Honório III<sup>7</sup> em 1226, sendo que a autorização definitiva lhes foi dada em 1245, por Inocêncio IV.<sup>8</sup>

No mesmo período, ocorreram dois fatos que fizeram com que os carmelitas tivessem que se reorganizar. O primeiro foi o surgimento da Bula<sup>9</sup> Papal de Gregório IX,<sup>10</sup> de 1229, onde se obrigava aos religiosos a mais estrita pobreza, ou seja, que fossem uma ordem mendicante assim como os Franciscanos e os Dominicanos. Logo em seguida, por motivo de invasão, porque os mulçumanos queriam retomar a Terra Santa, os monges tiveram que se mudar para a Europa ocidental, e os que não foram, morreram nas guerras ocorridas no local. De acordo com Sala (2002, p.68-69):

Entretanto, as derrotas dos exércitos cruzados na Terra Santa tornaram monte Carmelo inseguro para os eremitas ocidentais, os quais retornaram à Europa, mais especificamente a Chipre, à Sicília, à França e à Inglaterra, onde ocorreu o primeiro Capítulo Geral da Ordem (encontro com fins de determinar a legislação interna) no ano de 1247, dirigido por São Simão Stock.<sup>11</sup> A ordem foi adaptada às condições das terras ocidentais para onde havia sido transportada. A vida dos Carmelitas foi transformada: os monges eremitas tornaram-se frades mendicantes e como mendicantes tornaram-se populares em toda Europa Ocidental.

Na Europa, os carmelitas almejavam continuar com os mesmos princípios de vida contemplativa e solitária, porém eles notaram que isso seria quase impossível devido às exigências do Papa Gregório IX concernentes à dedicação ao voto de pobreza. Na época, foi difícil arrecadar dinheiro, porque também havia a falta do exercício da liturgia no culto dos carmelitas, dificultando a arrecadação de esmolas pelos fiéis. Junto a esse fato, destaca-se a situação conturbada dos carmelitas em se adequar financeiramente à Europa onde terrenos, produtos, dentre outras coisas, eram mais dispendiosos do que no Oriente. Nesse momento,

---

<sup>6</sup> Nascimento na cidade de Parma, Itália, ano de 1149; e morte na cidade de São João do Acre, Jerusalém, em 14 de setembro de 1214.

<sup>7</sup> 176º Papa - período de seu pontificado de 1216 a 1227.

<sup>8</sup> 179º Papa - período de seu pontificado de 1243 a 1254.

<sup>9</sup> Ver significado desse e dos demais termos técnicos na sessão Glossário.

<sup>10</sup> 177º Papa - período de seu pontificado de 1227 a 1241.

<sup>11</sup> Nascimento em Kent, Inglaterra, no ano de 1165; e morte na cidade de Bordeaux, França, em 16 de maio de 1265.

surgiu a figura do Superior Geral da Ordem, São Simão Stock, que lançou seu primeiro Capítulo Geral em 1247, solicitando o pedido para que os carmelitas se tornassem mendicantes, o qual foi aprovado por Inocêncio IV.

Sala (2002, p.69) afirma que, mais adiante, “em 1431, a regra foi amenizada por Eugênio IV,<sup>12</sup> provocando a cisão entre observantes e conventuais. Tensões internas e a situação política da Europa, em rápida transformação, enfraqueceram a estrutura da Ordem.” A partir daí, os carmelitas deixaram de ser mendicantes, construíram muitos conventos femininos e masculinos pela Europa, além de terem desempenhado papéis de destaques em universidades e assumido bispados.

## 1.2 REFORMA TERESIANA

Por volta do século XV, iniciaram-se movimentos isolados a favor de reformas na Ordem do Carmo, tendo em vista que em períodos anteriores surgiram tensões internas e, até mesmo, complicações políticas, sociais e religiosas na Europa, situações tais que acabaram enfraquecendo a estrutura da Igreja Católica Apostólica Romana.<sup>13</sup> Boaga ([s.d.], p.9) afirma que na Igreja as formas de agir e pensar foram mudadas entre os séculos XIV e XVI, dividindo as atividades em dois tipos distintos - o apostolado e as ordens religiosas:

Um conflito ulterior e muito acentuado entre a Contemplação e a ação, nos séculos XIV e XVI produz um novo tipo de eremitismo com quase identificação de vida contemplativa com vida eremítica. No decurso do século XVI a separação de oração do apostolado tem uma grande repercussão na reforma das Ordens religiosas e no nascimento de novas: - as novas Ordens (agora chamadas Congregações) são fundadas procurando o apostolado como fim principal (Deus no próximo). Para elas a oração era um meio necessário para o apostolado. - as Ordens (agora chamadas ‘Regulares’) vêem o seu ideal com olhos diferentes, isto é, centralizado no contato direto com Deus [...].

A organização política na Idade Moderna<sup>14</sup> ocasionou a junção entre Governo Absolutista e Igreja Católica, são os chamados sistemas de padroado régio, onde os

---

<sup>12</sup> 206º Papa - período de seu pontificado de 1431 a 1447.

<sup>13</sup> Alguns motivos, tais como: o florescimento dos estudos, o enfraquecimento do espírito religioso causado pelas calamidades como a Peste Negra (1347-1350), o Cisma do Ocidente, a “claustralidade”, esses acontecimentos provocaram de tal forma que a Igreja Católica foi perdendo prestígio perante os fiéis.

<sup>14</sup> Considerado pelos historiadores como o período delimitado entre o final do século XV e o final do século XVIII.

governantes tinham autorização da Igreja para controlar, de forma deliberativa, o sistema de interesses comuns em âmbito político, econômico e religioso no reino e nas colônias. Isso ocorreu nos países cristãos, principalmente Espanha e Portugal, ocasionando uma forte submissão à autoridade papal e uma sólida aliança com o poder de Roma.

Dentro da Ordem carmelitana, tais mudanças se refletiram claramente nas tentativas de reformas que ocorreram em vários locais da Europa, como na França e na Itália, a partir do século XV.

Ainda no século XV, surgiu a Reforma Protestante que provocou mudanças na Igreja Católica com o movimento de Contrarreforma no século XVI e o surgimento das leis Tridentinas.<sup>15</sup> Essa situação estimulou nos religiosos, dentre várias ações, a vontade de diminuir o avanço dos protestantes através da *missioneação*.

Saggi (1975, p.4) afirma que a questão principal para os carmelitas sempre fora a implementação de uma reforma na Ordem e que as tentativas anteriores produziram notáveis frutos. O autor destaca três superiores gerais da Ordem que ajudaram na Reforma definitiva dos carmelitas: Nicolau Audet (+1481, -1562), João Batista Rossi (+1507, -1578) e João Batista Caffardo (+1592).

Dessa forma, a partir das iniciativas de Audet, Rossi e Caffardo em reformar a Ordem, a monja carmelita espanhola, Teresa D'Ávila<sup>16</sup> concretiza a ideia na Espanha. Sobre essa intenção, Boaga ([s.d.], p.62) enfatiza que: “Santa Teresa, a grande reformadora de sua ordem em tempo de grande perda da fé, a qual, querendo ajudar à Igreja, via como meio eficaz para tal a verdadeira renovação da vida interior.”

A monja teve muitas dificuldades para empreender a reforma, tendo sido proibida e perseguida até mesmo pelos próprios carmelitas. Porém, obteve ajuda de leigos e religiosos, pois, além de sua família abastada (principalmente com a ajuda de seu pai), ela teve a afeição de párocos e de frades de várias Ordens Religiosas (da Companhia de Jesus, principalmente), dos nobres da sociedade espanhola, assim como tinha a simpatia do Rei Felipe II.<sup>17</sup> Teresa

---

<sup>15</sup> As Leis Tridentinas foram formuladas e aprovadas durante o Concílio de Trento que aconteceu entre 1545-1563, sendo o 19º concílio ecumênico da Igreja Católica, onde o principal objetivo foi criar estratégias que controlassem o avanço da Reforma Protestante. É um dos três concílios fundamentais da Igreja e as leis tridentinas foram aplicadas por muitos anos, do século XVI até o início do século XX.

<sup>16</sup> Nascimento na cidade de Gotarrendura, região da província de Ávila, Espanha, em 28 de março de 1515; e morte na cidade de Alba de Tormes, região da província de Salamanca, Espanha, em 4 de outubro de 1582.

<sup>17</sup> Nascimento em Valladolid, Espanha, em 21 de maio de 1527; e morte em Madrid, Espanha, em 13 de setembro de 1598. Felipe II da Espanha (também conhecido como Felipe I de Portugal a partir da União Ibérica em 1580) foi um dos reis mais católicos e influentes da época, que manteve muitos territórios com a política absolutista e as ideias contrarreformistas, com o objetivo de conter a expansão do protestantismo.

conseguiu fundar conventos femininos, de forma isolada, em boa parte da Espanha. Conforme Saggi (1975, p.5), sobre o início da Reforma:

O Prior Geral Rossi captou o espírito formador deste novo curso e o exaltou, desejando que se tornasse o fermento para toda a Ordem. Em abril de 1567 ele se encontrou com Santa Teresa de Ávila e a exortou a fundar tantos mosteiros femininos ‘quantos os cabelos que tinha na cabeça’. Quanto aos religiosos, já antes que Santa Teresa projetasse a extensão da sua reforma ao ramo masculino (para que as monjas ‘descalças’ pudessem ter ajuda espiritual dos seus confrades), o prior geral Rossi tinha favorecido várias tentativas de maior interiorização da vida, seja na Itália como na Espanha. Quanto aos conventos dos descalços, ele permitiu, em 10 de agosto de 1567, que se abrissem dois. Nestes os ‘contemplativos’ deviam permanecer sempre sujeitos à obediência do provincial de Castilha [...].

Em 1567, na cidade de Medina Del Campo, a freira, já com a idade de 52 anos, conheceu o jovem Frei João<sup>18</sup> e juntos impulsionaram uma nova vertente na Ordem, os carmelitas descalços (simbolizados pelo uso de sandálias) ou Teresianos.<sup>19</sup> Isso serviu para diferenciá-los da identificação mais antiga, que era representada pelo calçado fechado (sapatos e meias) e que posteriormente se tornou Ordem dos carmelitas calçados ou da Antiga Observância.

A partir de 1568, o frei agora chamado de João da Cruz, com a ajuda de outros frades, também lança a fundação de alguns conventos masculinos e ajuda Teresa em suas atividades.<sup>20</sup>

Durante os anos de 1572 a 1577, ele foi confessor espiritual no convento dos carmelitas calçados da Encarnação na cidade de Ávila, instruindo as monjas a pedido de Teresa de Jesus. Porém, João da Cruz sofreu punições por estar participando do movimento reformista, uma vez que alguns superiores do Carmo não concordavam que ele fosse diretor espiritual de um convento calçado, porque nessa época os descalços ainda não eram legalmente reconhecidos pela Ordem do Carmo. Sesé (2009, p.57) relata os conflitos no convento da Encarnação:

‘Senhoras, trago-vos para confessor um santo’. Com essas palavras, Teresa anunciava, em maio de 1572, às religiosas do convento da Encarnação de Ávila, para o qual fora nomeada priora em outubro de 1571, a chegada de João da Cruz. São cento e trinta religiosas da Observância, isto é, não reformadas. Para a maioria, a chegada da fundadora da Reforma para ser priora delas não fora bem vista. [...] Chamar para confessor das monjas da Encarnação o primeiro Carmelita da Reforma não podia deixar de desagradar aos padres da Observância, que tinham a tutela

---

<sup>18</sup> João de Yepes nasceu na região de Fontiveros, região da província de Ávila, Espanha, em 24 de junho de 1542; e morreu na cidade de Úbeda, região da província de Jaén, Espanha, em 14 de dezembro de 1591.

<sup>19</sup> Chamados também de Teresianos.

<sup>20</sup> Ver o livro *Itinerário espiritual de São João da Cruz* de Berardino (2005, p.50-68).

espiritual desse convento. [...] João mora inicialmente no convento dos carmelitas da observância. Calçados e descalços coabitam, então, harmoniosamente e dividem entre si a direção espiritual das religiosas da Encarnação.

Esse convívio pacífico entre calçados e reformadores durou somente alguns anos, já que em 1577, João da Cruz foi preso e sofreu maus tratos no episódio do seu encarceramento no convento da cidade de Toledo, segundo Lodi (2001, p.606-607):

Em 1575, um capítulo geral dos Carmelitas, em Piacenza, emitiu um juízo severo contra a ação dos reformadores da regra de Castela, porque considerados 'rebeldes, desobedientes e contumazes'. Em 1577, João foi levado para Toledo e fechado numa cela durante nove meses, nos quais padeceu penas físicas e angústia mística do Getsêmani; descreveu suas experiências místicas nas primeiras estrofes do Cântico espiritual. Por intervenção da Virgem, fugiu para junto das Carmelitas, que o esconderam no estado em que se achava, 'desfigurado como uma imagem da morte', enquanto ele chamava seus perseguidores ('mitigados') de insígnis benfeitores.

A Reforma, baseada na mais restrita clausura e rigidez possível entre os religiosos carmelitas, teve princípio nas ideias da Contrarreforma e voltou-se para a Regra Primitiva carmelita de contemplação e eremitismo organizada por São Alberto Avogadro. Como a vida missionária era muito visada pela reforma teresiana, Teresa de Jesus<sup>21</sup> lutou com certa dificuldade, e João da Cruz, algumas vezes, deixava sua cela para pregar o Evangelho aos pobres. "No começo da própria Reforma, a maior parte dos descalços considerava as Missões uma necessidade tão urgente, que missionários Carmelitas eram enviados a fundarem conventos onde não era possível praticar a contemplação." (WERMERS, 1963, p.48).

Outra vocação carmelita que se firmou na época da reforma foi a mística,<sup>22</sup> onde o amor de Deus se fazia pela contemplação, Teresa de Jesus e João da Cruz foram os grandes disseminadores da junção entre os movimentos de Contrarreforma da Igreja e as atividades místicas, assim como expõe Borriello (2003, p.709-710):

Mas a idade moderna viu também os dois grandes místicos espanhóis, Teresa de Jesus e São João da Cruz, que representam o ponto mais alto da codificação da experiência mística e aos quais se referem todos os teólogos posteriores. Eles viveram plenamente o clima do Concílio de Trento (1545-1563), que ligava a mística à atividade missionária fora e dentro dos conventos. A mística tornou-se mística da ação, foi vivida na reforma carmelitana, e teve sua expressão mais alta,

---

<sup>21</sup> A monja também pode ser chamada de Teresa de Jesus, porque foi desta forma que ela se autodenominou e assinou em documentos e em suas obras literárias.

<sup>22</sup> "Os místicos são os que atestam que Deus é visível já agora pela fé ou em visão. Ver Deus é dar-se conta de que ele existe e de que, como no caso de Agostinho, é inútil procurá-lo fora de si, porque ele está no íntimo do homem mais do que o próprio homem. Por isso a história da mística, isto é, daquela experiência que se faz no plano sobrenatural e nas profundezas misteriosas do encontro homem-Deus, só pode ser a tentativa de apreender a experiência que, ao longo dos séculos, o homem fez dessa presença misteriosa e, no entanto, clara, secreta, mas também luminosa." (BORRIELLO, 2003, p.706).

alguns séculos depois, justamente numa santa Carmelita declarada padroeira das missões: Teresa de Lisieux.

A primeira iniciativa de Teresa para a Reforma foi a fundação da sua primeira igreja de monjas descalças, em 24 de agosto de 1562, o convento de São José das carmelitas descalças em Ávila (ver figura 1).



Figura 1: Mosteiro de São José das carmelitas descalças em Ávila (Espanha)  
Fonte: <<http://upload.wikimedia.org>>, acesso em: 2 ago. 2007

Segundo Esquivias (2004, p.150):

[...] a igreja do convento de São José de Ávila, obra de Francisco de Mora realizada em 1608. Ao longo de seus vinte anos de atividade reformadora, entre 1562 e 1581, Teresa conduziu diretamente 16 fundações de Monjas Carmelitas, a primeira dessas foi a de Monjas de Carmelitas Descalças da Antiga Observância da Regra de São José de Ávila (24 de agosto de 1562), desta chegou a ser priora a própria santa até obter – depois de seis meses – a permissão necessária para poder residir aqui. Quatro anos depois, Teresa obtinha do Superior Geral dos Carmelitas a aprovação para sua Reforma e a licença para fundar novos conventos de frades e de monjas. Por si só, esses fatos outorgam uma importância fundamental ao estabelecimento desse primeiro convento Teresiano, cuja dedicação revela a sincera devoção de Teresa pelo patriarca São José. No mais, é famosa a proverbial austeridade e pobreza do edifício, cujas primitivas celas foram ampliadas por recomendação de São Pedro de



Alcántara,<sup>23</sup> quem fez a reformadora do Carmelo ver que as monjas precisavam de mais espaço para viver.<sup>24</sup>

Com a permissão de superiores religiosos e políticos e com o patrocínio de nobres da sociedade espanhola, o intuito foi criar o maior número de fundações para levar as ideias contemplativas a todos, por mais simples que fossem essas casas religiosas. Durante a Reforma, Teresa fundou alguns conventos das carmelitas descalças - em Ávila, Medina, Malagón, Valladolid, Toledo, Pastrana, Salamanca, Alba de Tormes, Segóvia, Beas, Sevilla, Villanueva del Jarama, Palencia, Soria e Burgos - na Espanha. São João da Cruz, com os conventos dos descalços, fundou quase a mesma quantidade de conventos em todas essas regiões.

Há um mapa que, sendo a simulação do território da Península Ibérica, pode-se ter uma noção na região central dos locais - Reino de Castela: León, Castela Nova e Velha, e Andaluzia - que foram percorridos por Santa Teresa D'Ávila e São João da Cruz (ver figura 2).<sup>25</sup>

---

<sup>23</sup> Nascimento na cidade de Alcántara, região de Extremadura, Espanha, em 1499; e morte em Arenas de San Pedro, região de Castela e León, Espanha, em 18 de outubro de 1562.

<sup>24</sup> “[...] la iglesia del convento de San José de Ávila, obra de Francisco de Mora realizada en 1608. Alo largo de sus veinte años de actividad reformadora, entre 1562 y 1581, Teresa llevó a cabo directamente 16 fundaciones conventuales de carmelitas descalzas, la primera de las cuales fue ésta de Monjas de Carmelitas Descalzas de la Antigua Observancia de la Regla de San José de Ávila (24 de agosto de 1562), de la que llegó a ser priora la propia santa tras obtener -después de seis meses- el permiso necesario para poder residir aquí. Cuatro años después, Teresa obtendría del General de los Carmelitas la aprobación para su Reforma y la licencia para fundar nuevos conventos de frailes y de monjas. Por si solos, estos hechos otorgan una importancia fundamental al establecimiento de este primer convento teresiano, cuya advocación refleja la sincera devoción de Teresa por el patriarca san José. Además, es famosa la proverbial austeridad y pobreza del edificio, cuyas primitivas celdas fueron ampliadas por recomendación de san Pedro de Alcántara, quien hizo ver a la reformadora del Carmelo que las monjas precisaban de más espacio para vivir.” (ESQUIVIAS, 2004, p.150).

<sup>25</sup> Ver trabalho de Corchado y Soriano (1971) que mostra os caminhos percorridos por Santa Teresa de Jesus e São João da Cruz na região de La Mancha na Espanha (*Caminos recorridos por Santa Teresa de Jesús y San Juan de la Cruz en La Mancha*), mostrando as várias rotas que os dois santos realizavam, os conventos e outros locais frequentados, os transportes utilizados, as pessoas, as hospedarias e o comércio dos locais frequentados, dentre outras questões.

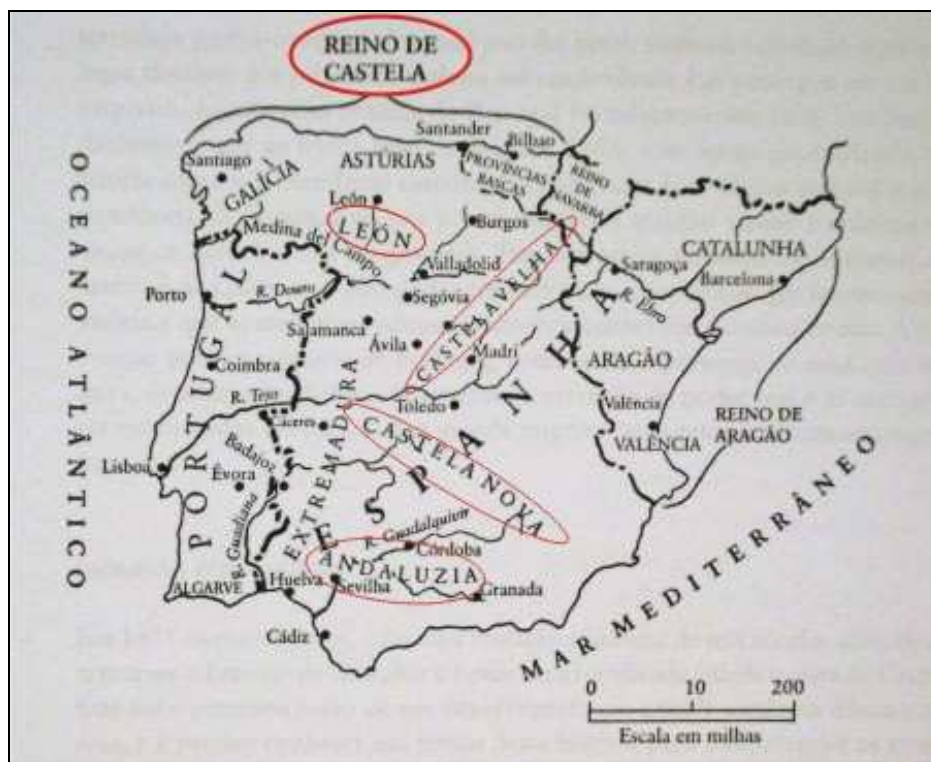


Figura 2: Mapa da Península Ibérica no século XVI  
 Fonte: Schwartz e Lockhart (2002); desenho: Roberta Bacellar Orazem

Apesar de todas as dificuldades, os descalços foram reconhecidos pela Igreja e separados dos calçados no ano de 1580, de acordo com Sesé (2009, p.119):

Em 22 de junho de 1580, publica-se a bula do papa Gregório XIII, ordenando a separação dos carmelitas descalços em províncias distintas. A Reforma da Ordem do Carmelo, durante muito tempo tida como suspeita [...] obtém, finalmente, reconhecimento oficial. [...] O rei Felipe II interveio a favor da Reforma. [...] Para acertar esses dispositivos, convoca-se, em 3 de março de 1581, um capítulo provincial dos carmelitas descalços, em Alcalá de Henares. João da Cruz comparece acompanhado do vice-reitor do Colégio São Basílio. O capítulo compõe-se de aproximadamente vinte religiosos que desempenharam, todos, papel importante na história da Reforma da Ordem. [...] No decorrer do capítulo, definem-se as novas constituições destinadas a reger homens e mulheres carmelitas.

Morujão (2003, p.1), por sua vez, relata sobre a aceitação regulamentada da Reforma do Carmo da seguinte forma:

A reforma Carmelita iniciada por Santa Teresa em Agosto de 1562, transformada em província Carmelita por Breve de Gregório XIII,<sup>26</sup> em 22 de Junho de 1580, e posteriormente erigida em Congregação em 10 de Julho de 1587, pelo Breve *Cum de Statu* de Sixto V,<sup>27</sup> foi talvez um dos marcos mais visíveis e vigorosos da corrente de renovação da vida religiosa e da espiritualidade da Península Ibérica, no início da Idade Moderna.

<sup>26</sup> 225º Papa – período de seu pontificado de 1572 a 1585.

<sup>27</sup> 226º Papa – período de seu pontificado de 1585 a 1590.

Posteriormente, essas mudanças foram reconhecidas pela outra vertente da Ordem, apesar de sempre existirem alguns relatos de discórdias entre as facções e pelo fato de permanecerem separadas constitucionalmente por leis eclesiásticas até o século XX. Segundo Saggi (1975, p.9), os descalços e calçados permaneceram distintos até 1904, quando foram feitas as Constituições Turonenses para toda a Ordem, estas sendo aprovadas em 1930. Em 1971, houve uma atualização das Constituições da Ordem do Carmo, sendo que um novo capítulo de Constituições foi repensado em 1983 e aprovado em 1995.

Porém ambas seguiram um modo de vida mariano e contemplativo, devotados a entrega total divina através da oração e da reclusão conventual. As duas vertentes da Ordem dos carmelitas, durante o século XVII e XVIII, expandiram-se por quase toda a Europa Ocidental e pelos continentes conquistados - América, África e Ásia -, em número crescente de conventos e religiosos. Além disso, foram criadas duas instituições laicas dentro da Ordem dos calçados que a fez crescer com a ajuda dos fiéis: a Confraria<sup>28</sup> do Escapulário e a Ordem Terceira, esta, tomando como padroeira a Virgem Maria do Monte Carmelo, mas também tendo forte devoção à Santa Mística e Reformadora Teresa de Jesus.

### 1.3 A INFLUÊNCIA DE SANTA TERESA DE JESUS NA IDADE MODERNA

Santa Teresa de Jesus é uma das mais importantes figuras femininas do período contrarreformista tanto na Espanha, quanto em Portugal, e demais continentes conquistados como América, África e Ásia. A imagem de Teresa na Idade Moderna converge em seu forte modelo de santidade formado por ela e pelas pessoas que com ela conviveram, sendo reapropriado e resignificado pela Igreja e pelos fiéis ao longo dos anos. A mudança no modo de pensar e viver carmelita retomada por Teresa repercute de tal maneira que, logo após a sua morte, sua fama se espalha rapidamente, não só entre os religiosos e leigos da Espanha, mas entre os fiéis de vários locais do mundo católico. Segundo Borges (2005), essa influência da

---

<sup>28</sup> Segundo Pedras (2000, p.80-81): “As confrarias são associações que têm a sua origem na Idade Média, mais especificamente nas corporações de artes e ofícios, às quais integravam indivíduos de uma mesma ou diversas profissões, mas com o único objetivo de auxílio mútuo em doenças, misérias ou catástrofes. [...] As associações de caridade já existiam em Portugal desde a fundação da nacionalidade em Coimbra e no Porto, sendo as mais tradicionais as do Espírito Santo, Nossa Senhora da Piedade, Penitência e São Lázaro. A finalidade específica da confraria é a prática de devoção a um santo. Geralmente, são pessoas de um mesmo bairro, vizinhos que cultuam o santo da capela ou da Igreja mais próxima, e se comprometem a manter viva sua devoção, seu culto, promovendo a sua festa.”

Santa, que vai surgir até mesmo além-mar, não é mero acaso, já que foi uma atitude da época enfatizar e divulgar como exemplo o modelo de santidade, e isso foi principalmente priorizado no governo de Felipe II em Espanha e Portugal.

Não foi por coincidência que surgiram tantas figuras vistas como santas num mesmo período, São Pedro de Alcântara, Teresa d'Ávila, São João da Cruz, também elas influenciadas pela geração anterior, onde pontificaram nomes como São João de Ávila,<sup>29</sup> São Francisco Xavier,<sup>30</sup> Santo Ignácio de Loyola<sup>31</sup> e Santo Tomás de Villanueva.<sup>32</sup> (BORGES, 2005, p.2).

Para se ter noção da importância de Santa Teresa de Jesus, cabe ilustrar alguns acontecimentos que marcaram a sua trajetória de vida. Teresa de Cepeda e Ahumada nasceu no ano de 1515 na região de Ávila, na Espanha. A família de Teresa era abastada, com título de nobreza, assim ela teve uma educação avançada em relação às mulheres da época, além de poder ter contato com as pessoas mais influentes da Espanha.

Aos dezesseis anos, Teresa foi enviada pelo pai para estudar em um convento das agostinianas,<sup>33</sup> onde as moças de sua classe social e idade eram encaminhadas para aprender os bons costumes. Posteriormente, Teresa decidiu mudar de ordem religiosa e aos vinte e um anos de idade tomou o hábito no Convento das carmelitas da Encarnação da cidade de Ávila, em 2 de novembro de 1536, e professou no dia 3 de novembro de 1537. Por vinte e sete anos, a freira viveu nesse convento, presenciando uma superpopulação de monjas, uma clara diferenciação de tratamentos e benefícios a partir da estratificação social.

Uma das questões dentro do convento que Teresa contestava eram as falhas dos religiosos carmelitas por falta de um acompanhamento espiritual mais rigoroso, porque dizia que os confessores daquela casa não sabiam levá-la a um caminho mais seguro próximo a Deus:<sup>34</sup>

---

<sup>29</sup> Nascimento na cidade de Almodóvar del Campo, região de Cidade Real, Espanha, no ano 6 de janeiro de 1500; e morte na cidade de Montilla, Espanha, em 10 de maio de 1569. Sacerdote espanhol e participante da Contrarreforma, teve contato com os Jesuítas e com Felipe II da Espanha.

<sup>30</sup> Nascimento na cidade de Xavier, Espanha, no ano 7 de abril de 1506; e morte na ilha de Shangchuan, China, em 3 de dezembro de 1552. Jesuíta militante da Contrarreforma.

<sup>31</sup> Nascimento na cidade de Azpeitia, Espanha, no ano 31 de maio de 1491; e morte em Roma, Itália, em 31 de julho de 1556. Fundador da Companhia de Jesus, um dos nomes mais influentes dentro da Igreja Contrarreformista.

<sup>32</sup> Nascimento na cidade de Fuenllana, região de Cidade Real, Espanha, em 1488; e morte na cidade de Valência, Espanha, em 9 de setembro de 1555. Frei Agostiniano, influente no reino espanhol, foi confessor do rei Carlos I, antecessor de Felipe II.

<sup>33</sup> Refere-se ao convento de Nossa Senhora das Graças das agostinianas em Ávila, Espanha.

<sup>34</sup> Talvez a religiosa estivesse questionando a falta de posicionamento dos religiosos carmelitas frente às novas mudanças do pensamento contrarreformista.

Demorei-me nessa cegueira creio que mais de dezessete anos, até que um padre dominicano, grande letrado, desenganou-me em certas coisas, e os da Companhia de Jesus infundiram-me temor de tudo, agravando-me aqueles péssimos princípios, como passarei a contar. (TERESA DE JESUS, 1998, p.28).

Sendo assim, Teresa escolheu para si muitos mentores espirituais e a maioria não era carmelita, além de um padre dominicano, que foi o confessor de seu pai por muitos anos, existiram outros religiosos presentes na vida de Teresa, ela tinha principalmente uma afeição por alguns padres jesuítas, mas também por dominicanos, agostinianos, dentre outros.<sup>35</sup> O franciscano São Pedro de Alcântara foi um dos seus mais estimados confessores e incentivadores da Reforma do Carmo. A maioria desses religiosos vivia na Espanha, nos locais onde Teresa transitava, ou eram teólogos e professores que frequentavam principalmente a Universidade de Salamanca, na Espanha, um dos centros de formação mais antigos da Europa e onde a religiosa teve apoio financeiro e espiritual.<sup>36</sup>

Com isso, Teresa sempre enfatizou durante a Reforma do Carmo que as monjas descalças deveriam escolher elas próprias os seus confessores espirituais, fato que levantou muitas críticas na época, mas que explica a sua variada lista de confessores espirituais e o seu contato com as mais diferentes ordens religiosas da Espanha.

Em vida, esses religiosos a aconselharam e, com a sua morte, alguns deles revelaram e defenderam a sua santidade. Os mentores espirituais ajudaram Teresa a se aprofundar mais nos estudos da Mística e nos sentimentos de mudanças na Ordem do Carmo.

O misticismo de Santa Teresa, por exemplo, é antes de tudo um misticismo que, embora apoiado nas leituras espirituais do seu tempo, na Bíblia e na vida de santos, adaptado e interpretado a partir de suas experiências. Ela analisava sua psicologia sobrenatural e a descrevia, com clareza, seus diferentes estados de alma. Teresa de Jesus nutria-se fortemente da espiritualidade de seu tempo. Entretinha relações com confessores, interrogava os espirituais com os quais tinha contato, dialogava com teólogos, escutava com atenção os sermões e homilias. (BORGES, 2004, p.42).

---

<sup>35</sup> Em um trecho da carta de 17 de janeiro de 1570, enviada ao seu irmão Lorenzo de Cepeda, que se encontrava na cidade de Quito (Equador), Teresa faz questão de indicar a seu irmão, quando este retornasse a Espanha com seus filhos, os colégios de outras ordens religiosas. Segundo Sanchez-Castañer (1982, p.177), dentre outros assuntos na carta, Teresa: “Narra, também, negócios familiares e adverte a seu irmão dos bons colégios que há para seus filhos, quando vierem a Ávila. Cita o de São Gil dos jesuítas e o famoso de Santo Tomás dos dominicanos”.

“Narra, también, negocios familiares y advierte a su hermano de los buenos colegios que hay para sus hijos, cuando vengan a Avila. Cita el de San Gil de los jesuitas e el famoso de Santo Tomás de los dominicos” (SANCHEZ-CASTAÑER, 1982, p.177).

<sup>36</sup> Ver o trabalho de Vázquez (2000) sobre *Teresa de Jesus e a Escola de Salamanca (Teresa de Jesús y la Escuela de Salamanca)*.

Durante a sua vida como religiosa, Teresa teve uma vasta produção literária, pois foi letrada, mestra e figura importante no contexto de sua época.

Teresa de Jesus escreveu quatro grandes obras que, em ordem cronológica e com seus títulos traduzidos para o português, são: 'Livro da Vida' (1562, primeira redação; 1565, segunda redação), 'Caminho de Perfeição' (1566, duas redações: manuscritos do Escorial e de Valladolid. Ainda existem cópias manuscritas em Madri, em Salamanca e em Toledo), 'Castelo Interior ou Moradas' (1577) e o 'Livro das Fundações' (escrito desde 1573 até 1582, pouco antes de sua morte). Também são de sua autoria: 'Relações Espirituais', 'Conceitos do Amor de Deus', 'Exclamações da Alma a Deus', 'Constituições', 'Modo de Visitar os Conventos', 'Certame', 'Resposta a um Desafio Espiritual'. (SANTOS, 2006, p.20).

Quase todos os livros foram escritos a pedido de seus confessores espirituais, ou até mesmo para o ensino da oração e do relato de seus encontros místicos com Deus para orientar as monjas descalças. Mesmo assim, Teresa foi perseguida pela Inquisição, em decorrência principalmente da divulgação das cópias do manuscrito de seu *Livro da Vida*, uma vez que suas obras só foram impressas após a sua morte. Sobre as acusações inquisitoriais, alguns religiosos tomaram a sua defesa:

[...] paralisando a continuação de sua atividade fundacional até 1580 por conflitos internos da ordem carmelita e por haver sido denunciada à Inquisição por suas obras espirituais. De novo intervém Bañes<sup>37</sup> em sua defesa, advertindo-na por não controlar a difusão manuscrita de suas obras e emitindo uma opinião em 1575 sobre o livro de sua Vida, no que confirma sua ortodoxia, apoia sua atividade fundacional e assinala 'que não é enganadora' e que sempre esteve guiada 'pela vontade de acertar'. (VAZQUÉZ, 2000, p.125).<sup>38</sup>

Um exemplo de que Teresa escrevia suas obras por estrita obediência, encontra-se nesse trecho do prólogo que escreveu para seu livro *Castelo Interior ou Moradas*:

Entre as ordens que tenho recebido da obediência, poucas se me afiguram tão difíceis como a de escrever sobre assuntos de oração. [...] De outra, ando há três meses com tanta zoadia e fraqueza na cabeça, que me custa muito escrever até para negócios indispensáveis. [...] resolvi aceitar o trabalho, embora com bastante relutância. [...] E assim começo a cumprir essa obediência hoje, festa da Santíssima Trindade do ano de 1577, neste mosteiro de São José do Carmo de Toledo, onde atualmente me encontro. [...] Quem me mandou escrever, disse que estas monjas dos nossos mosteiros de Nossa Senhora do Carmo têm necessidade de quem lhes esclareça algumas dúvidas em matéria de oração. Em sua opinião, ninguém lhes poderia fazer tanto bem como eu, se acertar em dizer alguma coisa, visto as

---

<sup>37</sup> Padre Domingo Bañez, da ordem dominicana, confessor espiritual de Teresa e assíduo ajudante e defensor da Reforma carmelita. Nascimento em Valladolid, Espanha, em 29 de fevereiro de 1528; e morte em Medina del Campo, Espanha, em 22 de outubro de 1604.

<sup>38</sup> “[...] paralizando la continuación de su actividad fundacional hasta 1580 por conflictos internos de la ordem carmelita y por haber sido denunciada a la Inquisición por sus obras espirituales. De nuevo interviene Bañez en su defensa, riñendola por no controlar la difusión manuscrita de sus obras y emitiendo un dictamen en 1575 sobre el libro de su Vida, en el que confirma su ortodoxia, apoya su actividad fundacional y señala ‘que no es enganadora’ y que ha estado guiada siempre ‘por la gana de acertar’.” (VAZQUÉZ, 2000, p.125).

mulheres se entenderem melhor umas às outras e estas irmãs me terem tanto amor. (TERESA DE JESUS, 2006, p.24-15).

Teresa ainda escreveu algumas poesias e cerca de 450 cartas, muitas delas endereçadas a nobres, religiosos e políticos influentes da Espanha, principalmente no período da Reforma no Carmo. Segundo Sánchez-Castañer (1982), as cartas de Teresa de Jesus são as fontes de pesquisa menos estudadas pelos pesquisadores, mas que são materiais importantes para se conhecer o seu perfil, pois representam a continuação de seus livros e é onde ela demonstrou seu lado mais espontâneo e humano, emergindo traços de sua santidade. Do total de cartas que se tem conhecimento, o autor as classificou em nove grupos: primeiro, seus familiares; segundo, personalidades de sua época; terceiro, padre Jerônimo Gracián;<sup>39</sup> quarto, outros padres carmelitas; quinto, madre María de São José;<sup>40</sup> sexto, outras madres carmelitas;<sup>41</sup> sétimo, teólogos e sacerdotes; oitavo, suas amigas; nono, amigos e colaboradores.<sup>42</sup>

---

<sup>39</sup> Jerónimo Gracián Dantisco, ou Jerónimo Gracián da Madre de Deus, nasceu em Valladolid, Espanha, em 6 de junho de 1545, e morreu em Bruxelas, Bélgica, no ano de 1614. Amigo e fiel confidente de Teresa, esteve ao seu lado e ajudou a expandir os descalços na Espanha e fora dela. Seu primeiro encontro com Teresa ocorreu na cidade de Beas em 1575, estando o padre com 28 anos de idade e a monja completando 60 anos de vida. Uniu-os num grande afeto e assim Teresa depositou nele grande confiança. Após a morte da Santa, Gracián tentou fundar conventos dos descalços fora da Espanha, mas logo foi perseguido e expulso da Ordem pelos superiores descalços, assim como alguns descalços fizeram com outros religiosos que participaram da Reforma junto a Teresa.

<sup>40</sup> María de Salazar Torres, ou Madre Maria de São José (Salazar), nasceu em Toledo, Espanha, no ano de 1548, morreu em Cuerva, Espanha, em 19 de outubro de 1603. Uma das mais estimadas companheiras de Teresa, tendo o seu encontro com a freira e ajudou a fundar muitos conventos em Espanha, sendo a fundadora do primeiro convento das carmelitas descalças em Portugal, na cidade de Lisboa, no ano de 1585. Sobre a religiosa e sua atuação no Carmelo descalço feminino em Portugal ver o trabalho de Morujão (2003).

<sup>41</sup> Companheiras de Teresa na Reforma dos Deslcaços foram as monjas carmelitas Ana de Jesus e a Beata Ana de São Bartolomeu. Sobre Ana de Jesus: “Ana de Jesus (nascida Ana de Lobera, 1545-1621) pode ser considerada a seguidora mais fiel de Santa Teresa e sua continuadora na Reforma do Carmelo Descalço. Chegou em Salamanca a mando da Santa e protagonizou a fundação de vários conventos da península, entre eles os de Beas (1575), Granada (1582) e Madri (1586). Com a morte de Santa Teresa, foi a encarregada de levar a cabo a expansão da ordem pela França e Flandres.” (TORRES, 1996, p.9-10). “Ana de Jesús (nacida Ana de Lobera, 1545-1621) puede considerarse la seguidora más fiel de Santa Teresa y su continuadora en la reforma del Carmelo Descalzo. Llegó a Salamanca de la mano de la Santa y protagonizó la fundación de varios conventos de la península, entre ellos los de Beas (1575), Granada (1582) y Madrid (1586). A la muerte de Santa Teresa fue la encargada de llevar a cabo la expansión de la orden por Francia y Flandes.” (TORRES, 1996, p.9-10). Sobre Ana de São Bartolomeu: “Nasceu em Almendral, Castela, em 1549. Foi recebida por Santa Teresa no Mosteiro de São José, em Ávila, o primeiro da Reforma. Professou como carmelita descalça em 1572. Escolhida por santa Teresa como companheira de viagem e enfermeira, propagou ardosamente o seu espírito fundando, após a morte da Fundadora, vários Carmelos na França e em Flandres. [...] Morreu em Antuérpia, no ano de 1626.” (SCIADINI, 1990, p.89-90).

<sup>42</sup> Estes amigos e colaboradores foram geralmente nobres espanhóis que ajudaram Teresa em sua Reforma, doando terras, comprando ou construindo casas religiosas, dentre outros donativos. Um dos nomes mais conhecidos e que ajudou Teresa, inserindo-a fluentemente na sociedade espanhola e ajudando-a na Reforma do

Em um dos trabalhos sobre as cartas teresianas enumeram-se estas em 457, além de alguns fragmentos ou trechos. Autografados ou originais há uns 245. Fala-se até de 15.000 cartas as que em sua vida mortal dirigiu Teresa aos mais diversos sujeitos, desde o Rei ao que cuidava do pombal dos Cepeda em Gotarrendura. Por desgraça não existem hoje as que escreveu ou recebeu dos grandes santos da época, com os quais sabemos manteve correspondência. Entre eles São Pedro de Alcântara, São Francisco de Borja,<sup>43</sup> São Luis Beltrão,<sup>44</sup> o Papa São Pio V,<sup>45</sup> etc... Muita culpa disso tem provocado uma mal entendida devoção que tem cerceado e mutilado - e subtraído - bastantes cartas para obter assinaturas ou relíquias da santa.<sup>46</sup>

Em sua produção literária é percebida uma linguagem simples, que os pesquisadores consideram atingir as camadas mais populares da sociedade e um dos motivos de suas obras terem sido tão rapidamente difundidas na época, além de permanecerem tão famosas até hoje. Também, destaca-se a sua linguagem Barroca<sup>47</sup> e mística, representando a ambiguidade e a contradição em um momento turbulento com grandes mudanças, que foi o momento de sua vida na Espanha, o qual alguns historiadores denominam de *Século do Ouro Espanhol*.<sup>48</sup>

Em Alba de Tormes, Espanha, morreu Santa Teresa de Jesus no dia 4 de outubro de 1582. Como tradição religiosa da época realizada em pessoas importantes, o seu corpo foi mutilado e dividido em partes que foram entregues como relíquias e preservadas em conventos e castelos do reino espanhol e português.

Após sua morte, alguns religiosos e influentes da sociedade espanhola apelaram para a sua beatificação (em 1614) e canonização (em 1622) pela Igreja Católica. Mais adiante, no século XX, ano de 1970, o Papa Paulo VI<sup>49</sup> a declarou como doutora da Igreja.

Carmo, foi a viúva Dona Guiomar de Ulloa, nobre espanhola da cidade de Ávila, que tinha influência econômica, política e religiosa na sociedade da época.

<sup>43</sup> Nascimento em Gandía (atual cidade de Valência), Espanha, em 1510; morte em Roma, Itália, em 1 de outubro de 1572.

<sup>44</sup> Nascimento em Gandía (Valência), Espanha, em 1526; morte no mesmo local, em Gandía (Valência), Espanha, em 9 de outubro de 1581.

<sup>45</sup> 260º Papa - período de seu pontificado de 1566 a 1572. Nascimento em Bosco, Itália, em 17 de Janeiro de 1504; morte em Roma, Itália, em 1 de maio de 1572.

<sup>46</sup> “Hasta se habla de 15.000 cartas la que en su vida mortal dirigió Teresa a los más diversos sujetos, desde el Rey, al que cuidaba em palomar de los Cepeda en Gotarrendura. Por desgracia no existen hoy las que escribió o recibió de los grandes santos de la época, con los que sabemos sostuvo correspondencia. Entre ellos San Pedro de Alcántara, San Francisco de Borja, San Luís Beltran, el Papa San Pio V, etc... Mucha culpa de ello ha tenido una mal entendida devoción que ha cercenado y mutilado – y sustraído – bastantes cartas para obtener firmas o reliquias de la santa” (SÁNCHEZ-CASTAÑER, 1982, p.173).

<sup>47</sup> Ver significado desse termos e dos demais termos artísticos na sessão Glossário.

<sup>48</sup> *Siglo de Oro Español* é a época considerada pelos historiadores como o apogeu da cultura espanhola, especialmente o renascimento no século XVI e o barroco do século XVII.

<sup>49</sup> 261º Papa – período de seu pontificado de 1963 a 1978.



Vale ressaltar que a sua santidade é rapidamente aceita pela Igreja, fato curioso por se tratar de uma mulher<sup>50</sup> e uma vez que foi canonizada no mesmo processo de pessoas importantes como Santo Inácio de Loyola, São Isidro Labrador,<sup>51</sup> São Francisco Xavier e São Felipe Neri.<sup>52</sup>

Seus livros foram publicados e divulgados por todos os locais onde dominava o pensamento católico. Alguns carmelitas descalços também trataram de disseminar a sua santidade e seguir as recomendações prescritas no *Livro das Fundações* e demais leis publicadas durante a Reforma, além de fundar rapidamente conventos em diversos locais dentro ou fora do reino espanhol, como em Portugal e Países Baixos.

Muitos foram os escritos sobre Santa Teresa D'Ávila - desde a sua morte até o presente momento - que impulsionaram a sua fama. Logo após sua morte, existiram pelo menos quatro biógrafos, religiosos de variadas ordens religiosas da Espanha, que exaltaram a santidade de Teresa em biografias completas, principalmente para impulsionar o processo de beatificação, são eles: Padre Francisco de Ribera,<sup>53</sup> da Companhia de Jesus; Frei Diego de

---

<sup>50</sup> A mentalidade da época tratava as mulheres como fracas e enganadoras. Em seu trabalho, Cammarata (1992) demonstra a restrita condição da mulher na época moderna, onde o autor diz que, dentre vários casos, a mulher era relegada aos serviços domésticos, e, em outro caso, aquelas que quisessem exercer o sacerdócio, mas que possuíssem uma postura fraca, mandava-se que fossem excluídas junto aos “hemafroditas, monstros e dementes”. O autor demonstra que o discurso místico foi bem apropriado por Teresa, já que, na época, foi o único onde uma mulher atuou e falou de uma maneira pública. Assim, a monja utilizou de estratégias de submissão e uso de linguagem íntima que elevou seu exemplo de santidade: “Os argumentos intelectuais dos eruditos sobre a deficiência natural feminina justificam a exclusão da mulher da hierarquia eclesiástica e da educação teológica. [...] Ao escrever a partir de uma posição de exclusão cultural, Santa Teresa de Ávila (1515-82) tem que adaptar o discurso tradicionalmente masculino à articulação do desejo feminino para poder definir sua totalidade de prazer ou êxtase [...]” (CAMMARATA, 1992, p.58).

“Los argumentos intelectuales de los eruditos sobre la deficiencia natural femenina justifican la exclusión de la mujer de la jerarquía eclesiástica y de la educación teológica. [...] Al escribir desde una posición de exclusión cultural, Santa Teresa de Ávila (1515-82) tiene que adaptar el discurso tradicionalmente masculino a la articulación del deseo femenino para poder definir su totalidad de placer o éxtasis [...]” (CAMMARATA, 1992, p.58).

<sup>51</sup> Nascimento em Madrid, Espanha, no ano de 1080; e morte no dia 30 de novembro de 1172. Conhecido santo espanhol da Idade Média, viveu como lavrador e teve muitas visões místicas.

<sup>52</sup> Nascimento em Florença, Itália, no dia 22 de julho de 1515; e morte no dia 26 de maio de 1595. Considerado Apóstolo de Roma e fundador da Congregação do Oratório.

<sup>53</sup> Francisco Ribera de Villacastín nasceu em Villacastín, Espanha, no ano de 1537; e morreu em Salamanca, Espanha, no ano de 1591.

Yepes,<sup>54</sup> da ordem de São Jerônimo; Frei Luis de León,<sup>55</sup> da ordem de São Agostinho; e Julian de Ávila,<sup>56</sup> dos carmelitas descalços.<sup>57</sup>

Além dos biógrafos que escreveram em sua época, são inúmeros os escritos sobre Santa Teresa D'Ávila. Em sua grande maioria, os autores traçam um perfil de vida com base principalmente em seu *Livro da Vida* e demais escritos da Santa. Atualmente, existem algumas referências de biografias, dentre vários casos, destaca-se internacionalmente a obra escrita por Marcelle Auclair (1959), a qual inspirou outros trabalhos contemporâneos. Pode-se citar o texto de organizado por Enzo Orlandi no final de 1960 que foi traduzido para a versão portuguesa por João Maia (1972). No Brasil, encontram-se textos produzidos por editoras católicas como os livros dos carmelitas descalços Frei Gabriel de Santa Maria Madalena (1986) e Frei Pedro Paulo di Berardino (1999); além da biografia da jornalista Rosa Amanda Strausz (2005), e da dissertação de mestrado da historiadora Luciana Lopes dos Santos (2006).

Contudo, o que colaborou para a rápida divulgação de sua santidade no mundo católico contrarreformista foi principalmente a disseminação de gravuras Barrocas que contavam através de imagens as narrativas de sua vida. Essa prática de divulgar a história de santos em gravuras e, posteriormente, adaptar essas imagens para outro suporte artístico como a pintura, é uma tradição medieval que foi reforçada com o Concílio de Trento, fazendo com que o religioso e o fiel utilizassem a arte como ferramenta didática para transmitir, reforçar ou impor a doutrina católica. Conforme Sebastián (1989, p.239):

Uma das características da iconografia barroca cristã foi o pleno desenvolvimento que adquiriram as ordens religiosas, que até o século XV apenas havia iniciado. Fenômeno decisivo nesta mudança foi o impulso que se deu às ordens religiosas como força propulsora da nova espiritualidade contrarreformista. Característica das ordens religiosas foi a tendência em criar grandes ciclos de quadros históricos sobre um personagem ou uma ordem, isto chegou ao seu pleno desenvolvimento no século XVII, e encontra nas Igrejas, claustros, refeitórios, bibliotecas e outras salas

---

<sup>54</sup> Nascimento em Yepes, Espanha, no ano de 1530; e morte na Espanha, em 1 de junho de 1613. Além de confessor de Teresa, foi um dos mais estimados confessores de Felipe II.

<sup>55</sup> Nascimento em Belmonte, região de Cuenca, Espanha, 1527; morte em Madrigal de las Altas Torres, região de Ávila, Espanha, em 23 de agosto de 1591.

<sup>56</sup> Nascimento desconhecido, mas se supõe que tenha sido na cidade de Ávila, pelo seu sobrenome; morte em Ávila, Espanha, em 20 de fevereiro de 1605. Carmelita adepto à Reforma da ordem, foi confessor de Teresa e capelão por 42 anos do convento de São José em Ávila.

<sup>57</sup> Ver o trabalho de Fita Colomé (1915) sobre quatro biógrafos de Santa Teresa no século XVI (*Cuatro biógrafos de Santa Teresa en el siglo XVI. El P. Francisco de Ribera, Fr. Diego de Yepes, Fr. Luis de León y Julián de Ávila*).

monacais os marcos adequados para sua exposição e leitura tanto histórica quanto retórica e mística. (SEBASTIÁN, 1989, p.239).<sup>58</sup>

A própria Teresa de Jesus vivenciou essa cultura visual da época, com a prática de culto e uso das imagens em seu cotidiano. No trabalho de Gutiérrez (2006), são analisados os conceitos de devoção e imagem de culto nos templos da Contrarreforma a partir de exemplos na vida de Santa Teresa de Jesus. O autor afirma que o imaginário religioso teresiano, fazendo um paralelo com a mentalidade da Idade Moderna, demonstra a forte intimidade dos católicos com o universo das imagens:

Teresa, boa conhecedora da arte conventual de seu tempo, encomenda crucifixos pintados em Toledo para suas monjas de Sevilha e gravuras sevillanas de qualidade para as de Castela, ou talhas de Burgos e de Madri. Denomina-se como copiadora e fornecedora no mercado da imaginária e da estamperia, gêneros que em ocasiões dá ou recebe como fineza de seus benfeitores. Sabe bem distinguir entre a iconografia mais tradicional [...]. Podemos assinalar em seus textos três diferenças sobre a imagem: o ícone propriamente dito ou a imagem como tal; as imagens descritas em suas visões e, por último, o panteão iconográfico tradicional através das fórmulas oracionais. (GUTIÉRREZ, 2006, p.10-11).<sup>59</sup>

Após sua morte, o modelo de santidade teresiano também é divulgado no mundo católico através de gravuras, nesse caso, as suas imagens foram feitas a partir de seus escritos, refletindo, principalmente, as suas cenas de êxtase ou visões místicas.<sup>60</sup>

Com a Contrarreforma operou-se a multiplicação das imagens e relíquias de bem-aventurados que experimentaram a vida humana. Os santos tornaram-se para o mundo católico concidadãos dos seus devotos, configurando-se como modelos de vida retratados nas suas biografias, muitas vezes, com traços de humanidade, podendo, assim, as pessoas ‘comuns’ se apropriarem ou tentarem copiar os exemplos de exercício de piedade. (CAMPOS, 2003, p.150).

---

<sup>58</sup> “Una de las características de la iconografía barroca cristiana fue el pleno desarrollo que adquirió la de las órdenes religiosas, que hasta el siglo XV apenas se había iniciado. Fenómeno decisivo en este cambio fue el impulso que se dio a las órdenes religiosas como propulsoras de la nueva espiritualidad contrareformista. Característica de las órdenes religiosas fue la tendencia a crear grandes ciclos de cuadros históricos sobre un personaje o una orden, lo que llegó a su pleno desarrollo em el siglo XVII, y encuentro en las Iglesias, claustros, refectorios, bibliotecas y otras salas monacales los marcos adecuados para su exposicion y lectura tanto histórica como retórica y mística.” (SEBASTIÁN, 1989, p.239).

<sup>59</sup> “Teresa, buena conocedora del arte conventual de su tiempo, encarga crucifijos pintados en Toledo para sus monjas de Sevilla y grabados sevillanos de calidad para las de Castilla, o tallas de Burgos y de Madrid. Se perfila como acopiadora y provedora en el mercado de la imaginería y de la estampa, géneros que em ocasiones da o recibe como fineza de sus benefactores. Sabe bien distinguir entre la iconografía más tradicional [...]. Podemos señalar en sus textos tres diferencias sobre la imagen: el ícono propriamente dicho o la imagen como tal; las imágenes descritas en sus visiones y, por ultimo, el panteón iconográfico tradicional a través de las fórmulas oracionales.” (GUTIÉRREZ, 2006, p.10-11).

<sup>60</sup> Berbara (2009, p.8) afirma que são citados cerca de quinhentos milagres em seu processo de canonização e a maioria está representada em sua hagiografia.

As imagens dos santos eram produzidas a partir de sua efígie, do verdadeiro retrato, ou seja, de pinturas e gravuras feitas da pessoa ainda em vida. Em relação à Teresa, sua efígie foi pintada por um carmelita Frei Juan da Miséria, sendo essa a única tentativa de copiar a imagem da monja. Na cena captada pelo frei está a imagem de Teresa, à direita, olhando para cima, onde contempla a pomba do Espírito Santo, que está à sua esquerda, proveniente dos céus, formando na imagem uma composição diagonal e uma ligação divina. A pomba é um dos atributos mais representados na hagiografia da Santa, em seu *Livro da Vida*, a monja relata várias visões que teve da *Paloma*<sup>61</sup> que surge do céu. Ainda na pintura de Juan da Miséria, próximo à cabeça de Teresa está a seguinte frase em latim: *Misericordias Domini in aeternum cantabo*.<sup>62</sup> A efígie de Teresa foi muito reproduzida, principalmente por gravadores flamengos do século XVII,<sup>63</sup> a seguir, são divulgadas essas representações (ver figuras 3 e 4).

---

<sup>61</sup> *Pomba* em espanhol.

<sup>62</sup> *Cantarei para sempre as benignidades do Senhor*, esse trecho foi retirado da frase inicial do salmo bíblico de nº 89.

<sup>63</sup> Na época, a região de Flandres ou dos Países Baixos foi a maior produtora de gravuras da Europa, onde tinham os melhores e mais requisitados artistas gravadores e foram realizadas as maiores encomendas. Assim como comenta Sebastián (1989, p.63) sobre um livro editado na região dos Países Baixos no século XVI: “É bem significativo que a obra foi editada em Amberes, que se havia convertido no grande centro editorial contrarreformista, com intervenção de gravadores flamencos como os irmãos Wierix”. Essa fazia parte de uma área mais abrangente que, dos séculos XV ao XVII, compreendeu vários Condados formando os Países Baixos. Estes, por sua vez, foram dominados pela Espanha na época contrarreformista e foram importantes centros editoriais da Europa. Portanto, as principais cidades dos Países Baixos (Antuérpia, Bruxelas, Amberes, entre outras) serão periodicamente citadas nesta dissertação e, para melhor contextualização, ver o mapa antigo da região na sessão Anexo A.

“Es bien significativo que la obra fuera editada en Amberes, que se había convertido en el gran centro editorial contrarreformista, con intervención de grabadores flamencos como los hermanos Wierix”. (SEBASTIÁN, 1989, p.63).



Figura 3: Gravura nº 2 da série sobre a vida de Santa Teresa de Jesus de Adrian Collaert e Cornelius Galle (1613)

Fonte: Museu Britânico, disponível em: <<http://www.britishmuseum.org>>, acesso em: 12 ago. 2009

Na figura 3, em meio a uma decoração Barroca - com anjinhos, frutos, dosséis e o símbolo da ordem carmelita - está ao centro da composição a reprodução da *Effigies Beatae Virginis Teresiae*, gravura de número 2 de uma série de 25 gravuras que narram cenas da vida de Santa Teresa D'Ávila.<sup>64</sup> As estampas foram realizadas em 1613 por dois gravadores da Antuérpia, Cornelius Galle (1576-1650) e Adrian Collaert (1560-1618), renomados artistas flamengos do século XVI e XVII. De acordo com Sebastián (1989, p.244), a encomenda da série foi solicitada pela carmelita descalça Ana de Jesus. Na parte inferior da gravura tem uma frase em latim descrevendo Teresa, seu local de origem, suas virtudes, suas atividades em vida, dentre outras características de santidade a serviço da Igreja.

<sup>64</sup> Ver a série completa de gravuras sobre a vida de Santa Teresa - de Adrian Collaert e Cornelius Galle - na sessão Anexo B.

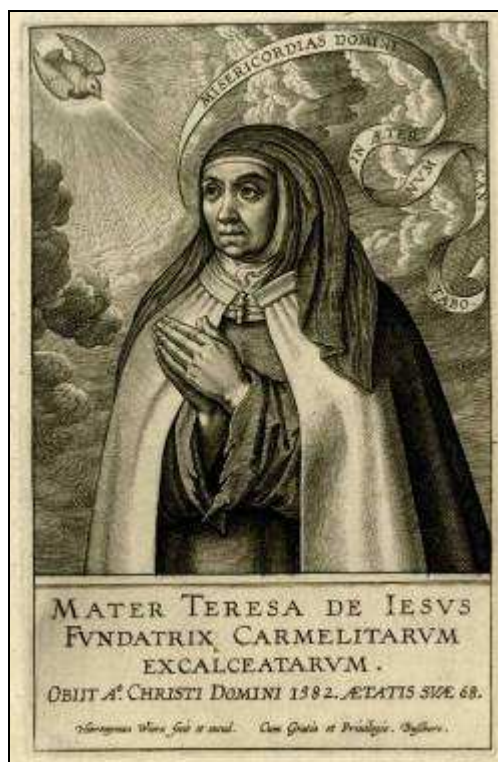


Figura 4: Estampa reproduzindo a efígie de Madre Teresa de Jesus de Hieronymous Wierix - Bruxelas (séc. XVII)

Fonte: Museu Britânico, disponível em: <<http://www.britishmuseum.org>>, acesso em: 12 ago. 2009

A segunda estampa foi produzida por Hieronymous Wierix (1553-1619), artista flamengo de uma geração de gravadores renomados da família Wierix. A provável datação da gravura é do primeiro quartel do século XVII. Com base no retrato de Juan da Miséria, a imagem é bem semelhante à gravura anterior de Adrian Collaert e Cornelius Galle, confirmando que foram feitas a partir de uma mesma referência visual, contudo, na estampa de Wierix, Teresa está realizando o gesto de oração com as mãos.

A efígie de Teresa, por sua vez, tornou-se base para as demais referências da sua fisionomia, ajudando outros gravadores a produzir séries de gravuras sobre cenas de sua vida. Ademais, as gravuras foram um material de grande acessibilidade na época, facilitando a divulgação de seu modelo de santidade e a reprodução de obras de artes pelos artistas da Idade Moderna até os dias atuais.

A questão é reforçada tendo em vista que sua fama percorreu entre os nobres, religiosos, políticos e população mais humilde. Nesse caso, há alguns exemplos do início do século XVII, que se encontram expostos no trabalho de Martín (2008) sobre “Santidade, devoção e arte através de quatro referências a estampas de Santa Teresa de Jesus, anos 1609-

1615”.<sup>65</sup> O autor reforça como naquela época a imagem de um santo, neste caso Santa Teresa, constitui-se em um meio fundamental de devoção, presente em todos os âmbitos da sociedade do momento e localizados em diferentes tipos de documentos.

O primeiro exemplo que Martín (2008, p.535) comenta está em uma carta do Padre Jerônimo Gracián, que naquele momento se encontrava em atividade da Reforma na região de Bruxelas (Países Baixos), destinada a uma carmelita descalça do convento de Sevilha. Na carta, o frei diz à monja que ele mandou fazer algumas gravuras de qualidade, realizadas pelos melhores gravadores da região, sobre a vida da santa de Ávila. O autor também conta que foi o Padre Gracián quem mandou Juan da Miséria realizar o retrato de Teresa ainda em vida - sua efígie - e o primeiro que divulgou esta imagem em Roma e nos Países Baixos.

Outro exemplo encontrado em Martín (2008, p.536) é o de grande popularidade de Santa Teresa na alta hierarquia espanhola. É o caso da infanta Isabel Clara Eugênia, benfeitora da Ordem carmelita descalça em Flandres e filha de Felipe II, a qual se tem conhecimento de que possuía um retrato de Teresa para devoção, o autor ainda comenta que o irmão da infanta, Felipe III,<sup>66</sup> também tinha veneração por imagens da Santa. Outro exemplo é o da senhora Duquesa de Gandía, dona Juana de Velasco, a qual teve grande devoção por Teresa, possuindo em sua cama uma imagem da Santa, e que suplicava pela bênção de Teresa estando enferma em seu leito de morte.

Mas a devoção por Santa Teresa no século XVII não foi somente de pessoas da alta sociedade, Martín (2008, p.540) afirma que numerosos conventos carmelitas descalços tinham a imagem da santa nas paredes dos conventos e nas celas. Outro exemplo de devoção de Teresa no âmbito religioso exposta pelo autor (MARTÍN, 2008, p.541), aparece nos escritos sobre as festas realizadas em Valladolid, em decorrência da aprovação de sua beatificação, narrado por Manuel Ríos Hevia Cerón, onde é descrita a divulgação da imagem da Santa em estandartes e nos adereços dos conventos carmelitas da cidade, relatando as imagens que existiam neles. Por fim, a fama da santidade teresiana é tão abrangente que no mesmo relato se divulga a venda de gravuras populares com a imagem de Teresa, as quais são diferentes daquelas de alta qualidade feitas nos Países Baixos, mas que se tratavam de

---

<sup>65</sup> “Santidad, devoción y arte a través de cuatro referencias a estampas de Santa Teresa de Jesús, años 1609-1615”.

<sup>66</sup>Filho de Felipe II da Espanha, nasceu em Madrid, Espanha, em 14 de abril de 1578; morreu em Madrid, Espanha, em 31 de março de 1621.

estampas vendidas na época junto aos escapulários e rosários e que sem dúvida atingiram uma camada menos privilegiada da sociedade.

Portanto, a imagem popular da Santa Mística se disseminou por toda a Espanha e Portugal a partir do século XVII. Nesse mesmo período, com a chegada das Ordens religiosas aos novos continentes conquistados, os ideais de Santa Teresa D'Ávila chegaram às Américas, através de associações de leigos devotos à Santa ou dos conventos de carmelitas descalços.

Dentro do universo feminino religioso, ou seja, nos conventos femininos carmelitas e de outras ordens religiosas, algumas historiadoras como Célia Borges, Leila Algranti e Margareth Gonçalves retratam a influência de Santa Teresa em Portugal, no Brasil e nas Índias. As autoras registram que, até o século XIX, Teresa foi um exemplo de santidade para muitas religiosas que leram seu *Livro da Vida*, chegando até ao ponto de ter atitudes e comportamentos idênticos aos da Santa, como o misticismo na expressão das visões e êxtases.

[...] Devido a talvez um clima cultural e religioso instalado na Península Ibérica, e também por causa das ofensivas da Inquisição, certo é que o interesse pela mística se acentua. Teresa de Ávila, com seus escritos, iria ocupar um lugar central e influenciar legiões de interessados nos assuntos de alta espiritualidade. O caminho por ela trilhado e os registros das suas experiências impuseram-se como um modelo a imitar [...]. Onde chegaram os escritos da santa de Castela, sempre se encontra a figura de uma religiosa candidata à santidade. Não se trata aqui de discutir o valor da santidade em si, mas de mostrar os vários casos onde, pela leitura das obras de Teresa, muitas mulheres se decidiram a experimentar a mesma via e a construir a identidade baseada numa vida de perfeição. (BORGES, 2005, p.3).

Algranti (1993) revela a vida de mulheres da colônia brasileira, expondo a criação do primeiro convento feminino de carmelitas descalças no Rio de Janeiro, relatando a vida da fundadora madre Jacinta de São José.<sup>67</sup> A madre tinha comportamentos idênticos aos da Santa de Ávila, mostrando que a monja divulgava os ensinamentos de Teresa no convento, atitude disseminada até hoje no mesmo local, situado na cidade do Rio de Janeiro. Outra publicação mais recente da pesquisadora (ALGRANTI, 2004) divulga os livros de devoção na América portuguesa, e dentre eles a mesma faz um estudo sobre os livros de Teresa que foram adquiridos por conventos femininos no Brasil e que certamente se tornaram uma referência nos séculos XVIII e XIX para as religiosas daquele local.

---

<sup>67</sup> Nascimento no Rio de Janeiro, Brasil, em 1715; morte no Rio de Janeiro, Brasil, em 2 de outubro de 1768. Ver o livro de Frei Nicolau de São José (da Ordem dos Carmelitas Descalços – O.C.D.) intitulado *Biografia da Serva de Deus Madre Jacinta de São José* (1935), que foi baseado em um documento com o mesmo título escrito por João do Santos em 1814.



Gonçalves (2005) traz a devoção de santas dentro do contexto colonial português, onde faz um contraponto entre a realidade em um convento feminino na Índia e no Brasil, mostrando que a devoção a Santa Teresa existiu em meio às religiosas dos dois locais.

Já Borges, é uma pesquisadora que nos seus vários escritos (2007, 2005 e 2004) expõe o resultado dos seus estudos sobre a influência do modelo de santidade teresiano baseado na espiritualidade mística, o qual foi seguido por distintas religiosas no Brasil e em Portugal ao longo dos séculos XVI, XVII e XVIII.

Contudo, durante todo o período colonial no Brasil, o seu exemplo de vida repercutiu em meio à sua devoção nas Ordens Terceiras, onde é notável a representação imagética e devocional da santa de Castela em todas as igrejas da Ordem Terceira do Carmo no Brasil. Além da divulgação da santa nas duas igrejas masculinas do Carmelo descalço no Brasil nas regiões de Salvador e Olinda.

## 1.4 OS CARMELITAS CALÇADOS E AS ORDENS TERCEIRAS DO CARMO NO BRASIL

### *1.4.1 A Capitania da Bahia e os religiosos carmelitas*

A Capitania da Bahia compreendeu o que hoje entendemos por pelo menos três estados brasileiros, que são as regiões atuais do Espírito Santo, Bahia e Sergipe. No período colonial, existiam subcapitanias que eram submetidas àquele Governo Geral da Bahia, foram elas: Baía de todos os santos (compreendendo uma parte do território da Bahia e toda a região de Sergipe, iniciando no rio Jaguaripe até o rio São Francisco), Ilhéus, Porto Seguro e Espírito Santo. As comunicações entre essas regiões e o controle social, econômico, religioso e político eram feitos através de navegações pelo Oceano Atlântico e pelos rios como o São Francisco que adentravam o interior do Brasil, ou eram feitas por transporte terrestre. A Capitania da Bahia tinha ligação direta com demais capitanias como Pernambuco e Rio de

Janeiro, porque é na costa litorânea que a economia se desenvolveu principalmente com os engenhos de açúcar.<sup>68</sup>

Além da cidade de Salvador, que foi uma das mais desenvolvidas no período colonial (por ser sede do Governo Geral até o ano de 1763), há outras regiões que até a segunda metade do século XVIII foram focos econômicos da Capitania da Bahia. Uma delas é o Recôncavo Baiano,<sup>69</sup> que até hoje compreende algumas cidades próximas a Salvador e que são banhadas em grande parte pelo Rio Paraguaçu.<sup>70</sup> A região desenvolveu-se com a produção de cana de açúcar, fumo, mandioca, entre outros produtos. A sua importância esteve pela proximidade de Salvador e pelo seu terreno fértil que privilegiava a implementação e manutenção dos empreendimentos agrícolas de interesse da Coroa.

Para compreendermos o contexto [...], é necessário termos em conta que o Recôncavo abrangia a área formada por margens, baixas e tabuleiros que contornavam a Baía de Todos os Santos, e incluía a capital administrativa – Salvador desde 1549. Esta funcionava como cidade-porto e as atividades desenvolvidas na periferia do território das freguesias, nos engenhos, fazendas que a cercavam eram distintas e articulavam-se com as atividades do seu centro urbano. O povoamento do Recôncavo Baiano fez-se desde os primórdios do século XVI, devido as condições naturais favoráveis do plantio da cana de açúcar. (CAMPOS, 2003, p.54-55).

Nesse contexto, os fiéis e religiosos se comunicavam por toda a região do Recôncavo Baiano e da capital Salvador. Segundo Costa e Silva (2000, p.54):

As freguesias do Recôncavo, em número superior a qualquer outra região, reduziam as áreas e aproximavam-se. Contiguidade que implementava o intercâmbio, facilitando o contacto entre párocos e fiéis. Além do mais, um sem número de capelas, curadas ou não, multiplicavam-se em espaços de cultos. Vantagem no destacado papel de se agrupar para as de engenho; criavam condições de fomento das práticas religiosas públicas; a que se transformassem em matrizes.

Cachoeira foi um dos locais mais importantes do Recôncavo Baiano durante boa parte do período colonial, pela sua localização adentrando em direção ao sudeste do Brasil, seu porto comercial, suas plantações de fumo e de cana de açúcar. O que entendemos por Cachoeira foi uma região significativa do Recôncavo que atualmente compreende as cidades de Cachoeira, São Félix, Muritiba, dentre outras adjacentes. Foi um ponto estratégico, às

---

<sup>68</sup> Ver mapa do Brasil Colonial na sessão Anexo C.

<sup>69</sup> Ver mapa do Recôncavo Baiano na sessão Anexo D.

<sup>70</sup> “O rio Paraguaçu nasce na Chapada Diamantina, nos brejos da ‘Farinha Molhada’, sítios da vertente ocidental do Morro do Ouro, na serra do Cocal, à altitude de pouco mais de 1.000 metros acima do nível do mar, e à distância de 24 km do Arraial de Sincorá, perto da cidade de Barra de Estiva. O rio, cujo curso, como vimos, é de 520 km, só é navegável por embarcações de pequeno e médio porte nos seu alto e médio curso, e no baixo curso, num percurso de 60 km, desde a cidade de Cachoeira ate sua foz, por barcos e navios.” (PEDREIRA, 1981, p.6).

margens do rio Paraguaçu, que serviu como sítio no qual foi feita grande parte da ligação com a capital Salvador e demais regiões do Brasil (ver figura 5).

Assim como a cidade do Salvador refletiu, no seu desenvolvimento, a dinâmica da sua movimentação portuária como intermediária entre Metrôpole Portuguesa e o interior da colônia, Cachoeira, guardadas as devidas proporções, também teve o seu espaço urbano valorizado em função do papel que exerceu como intermediária entre a capital da colônia e todo o interior da província. (RIBEIRO, 1994, p.38).



Figura 5: Mapa destacando Cachoeira e Salvador

Fonte: Google Maps, disponível em: <<http://maps.google.com.br/>>, acesso em: 12 maio 2009; desenho: Roberta Bacellar Orazem

Outra região muito desenvolvida, pois tinha uma grande quantidade de engenhos de açúcar e de fazendas de gado, foi aquela que ficava entre a Capitania da Bahia e a de Pernambuco, chamada de Capitania de Sergipe D'El Rei, com sede na cidade de São Cristóvão, banhada pelo Rio Vaza Barris (ver figura 6).<sup>71</sup>

<sup>71</sup> “Com a denominação de Sergipe del Rei, também São Cristóvão seria conhecida no século XVII. Os cronistas e os documentos históricos, que a mencionam, ora usam uma denominação, ora outra.” (NUNES, 2006, p.35).



Figura 6: Mapa situando a cidade de São Cristóvão

Fonte: Google Mapas, disponível em: <<http://maps.google.com.br/>>, acesso em: 12 maio 2009; desenho: Roberta Bacellar Orazem

Esse local rendeu muitos lucros para a Capitania da Bahia até o início do século XIX. Com o sistema colonial, assim como Salvador dependia de Portugal, Sergipe dependia da capital baiana, ambas as relações foram em todos os setores: administrativo, religioso,<sup>72</sup> econômico, político, dentre outros. Durante todo o período colonial, a região de Sergipe ficou submetida à Capitania da Bahia, e em um longo período sendo considerada Comarca da Bahia,<sup>73</sup> já que a sua autonomia só surgiu com o decreto de Dom João VI, em 1820: “Esse decreto desmembra Sergipe, em definitivo, da Capitania da Bahia, respeitados os limites que mantinha quando, por força de lei, entrara para o grupo, como Ilhéus e Porto Seguro.” (BEZERRA, 1952, p.83).

Dentro do que se compreendeu ter sido a Capitania da Bahia, foram percebidas cidades que se destacaram no período colonial - Salvador, Cachoeira e São Cristóvão. Os

<sup>72</sup> “A Bahia está compreendida em sua extensão provincial e em sua abrangência arquidiocesana que então incluía a Província de Sergipe. Assim o cenário de atuação desse clero envolve a cidade do Salvador e a diocese.” (COSTA e SILVA, 2000, p.17).

<sup>73</sup> “O ato da coroa, reduzindo Sergipe a uma comarca da Bahia, foi uma medida de ordem geral, dirigindo-se a quase todas as capitanias que lhe igualavam em território e riqueza, para o qual não influíram exclusivamente os acontecimentos dados em Sergipe, no final do século XVII, e sim a marcha geral dos fatos em todo o país.” (FREIRE, 1977, p.193).

engenhos de açúcar, a plantação de alimentos como a mandioca, a criação de gado, o cultivo do fumo para troca de mercadorias, principalmente para sustentar o comércio escravo, entre outras atividades econômicas, permitiram a concentração de uma classe branca abastada, de uma grande população de negros, e, principalmente, favoreceu a vinda e a prosperidade de religiosos seculares e regulares à região.

Sendo assim, os carmelitas calçados, ordem religiosa que chegou ao Brasil a partir de 1580, vinda de Portugal, prosperou em terras baianas e sergipanas durante todo o período colonial.<sup>74</sup>

Segundo Wermers (1963, p.213-214), a preparação para enviar os primeiros religiosos carmelitas foi decidida pelo Cardeal-Rei D. Henrique e a expedição teve o comando de Frutuoso Barbosa. O autor apresentou a carta obediencial aos primeiros quatro religiosos a qual conta que os enviados foram Frei Domingos Freire, Frei Alberto, Frei Bernardo Pimentel e Frei Antônio Pinheiro e que iriam acompanhar o capitão na viagem para edificar um convento na cidade da Paraíba. Esse fato não se concretizou, pois, ao chegar à costa pernambucana, os navios desviaram devido a uma tempestade e acabaram desembarcando forçadamente na cidade de Olinda, o capitão voltou a Portugal e os religiosos foram bem recebidos pelos habitantes. Mais tarde, os carmelitas receberam doação de um terreno feita pelos oficiais da Câmara, no qual foi erguido o primeiro convento carmelitano do Brasil no ano de 1583

Os carmelitas estabeleceram conventos posteriormente em Salvador (1586), Santos (1589) e Rio de Janeiro (1590).<sup>75</sup> Após essas fundações, os calçados expandiram suas propriedades e ocuparam principalmente a costa litorânea. A lista de locais onde os religiosos se estabeleceram concentra-se em regiões próximas ao litoral brasileiro: Santos/SP, Rio de Janeiro/RJ, Angra dos Reis/RJ, Salvador/BA, Cachoeira/BA, São Cristóvão/SE, Marechal Deodoro/AL, Recife/PE, Olinda/PE, João Pessoa/PB, São Luís/MA, Belém/PA. Mas também existem igrejas carmelitas no interior brasileiro em estados como São Paulo, Goiás, dentre outros. Em Minas Gerais, nenhuma ordem de religiosos regulares adentrou na região,

---

<sup>74</sup> “Até 1580, os jesuítas tiveram exclusividade na ação religiosa do Brasil, como missionários ‘oficiais’ da Coroa. A anexação de Portugal à Espanha, no período da União Ibérica (1580-1640), mudou sensivelmente esse quadro, estimulando o ingresso de novas ordens no Brasil. Franciscanos, beneditinos e carmelitas vieram atender às necessidades espirituais dos colonos e prestigiaram com seus conventos o início da urbanização da colônia.” (DEL PRIORE, 1997, p.12-13).

<sup>75</sup> Pedras, 2000, p.12.

portanto, foram erguidas somente igrejas de leigos carmelitas em sua maioria na segunda metade do século XVIII em várias cidades como Ouro Preto, Mariana, Sabará, dentre outras.

O número de conventos foi crescendo a ponto de se necessitar a criação de subdivisões administrativas dentro da Ordem, Vainfas (2001, p.124) demonstra a situação organizacional que se encontrava a Ordem do Carmo no século XVII no Brasil:

O primeiro efeito administrativo importante decorrido desse ímpeto de fundações conventuais foi a organização da vice-província, ou vigararia, do Brasil em 1595. Em 1640, a vice-província foi dividida em duas novas circunscrições: a do Maranhão, que compreendia os conventos e missões da região amazônica; e a do Estado do Brasil, cuja sede localizava-se no convento da Bahia. Esta última foi novamente subdividida em 1685, com a criação da vice-província do Rio de Janeiro. Apesar de obter certa autonomia administrativa, as referidas vigararias permaneceram sob a dependência formal da província portuguesa até 1720, quando foram criadas as províncias da Bahia e do Rio de Janeiro. A do Grão-Pará e Maranhão permaneceu, porém, subordinada a Portugal até 1823.

Por uma determinação do Papa Clemente XI,<sup>76</sup> os carmelitas da Ordem Primeira do Carmo de Salvador (Opcs) formaram a Província Carmelitana da Bahia (PCB), que controlavam toda região ocupada por carmelitas calçados entre a Capitania da Bahia até a Capitania de Recife. “Em consequência de tal criação, ficarão constituindo a província do Carmo da Bahia o convento da capital, o da Villa da Cachoeira, o de Sergipe D’El rei, Rio-Real, o do cabo de São Agostinho, o de Olinda, além do hospício do Pilar, nesta mesma capital, e o de Alagoas [...]” (CERQUEIRA E SILVA, 1937, p.207).

De acordo com Saggi, o século XVIII foi um momento de expansão da fé carmelitana por todo o mundo:

Se é ilícito arguir a partir do elevado número de casas e religiosos, os séculos XVII e XVIII foram de intensa atividade para os Carmelitas. [...]. Cada convento ou mosteiro carmelita tornou-se um centro de vida mariana. No início do século XVII havia 30 províncias e vicariados, com 693 conventos e mais de 1.200 religiosos. Os mosteiros femininos, sob a jurisdição da Ordem, eram 33 com mais ou menos 1.500 monjas (estes dados não incluem os descalços, visto que já tinham se separado no final do século anterior). (SAGGI, 1975, p.9).

Ao longo do século XVIII, os carmelitas acumularam muitas riquezas pelo Brasil, assim como várias ordens religiosas, que viram o seu apogeu nesse século e conseguiram certa autonomia da Igreja e do Estado Português.

As décadas primeiras do século XVIII foram favoráveis, principalmente a nível econômico, para as ordens instaladas no Brasil, consequentemente na Bahia, de expansão e grandes investimentos. A maior parte das ordens já tinha província própria e algumas completamente independentes do governo de Portugal. (CAMPOS, 2003, p.75).

---

<sup>76</sup> 242º Papa – período de seu pontificado de 1700 a 1721.

Há registros de inventários e testamentos (século XVIII) que comprovam doações à Ordem do Carmo por leigos. No Livro de Testamentos da Comarca de São Cristóvão no século XVIII, conservado pelo Arquivo Judiciário do Estado de Sergipe (AJES), em 17 de junho de 1794, o testador Francisco Jozé de Santa Rita declarou vontades de caráter religioso, porque foi irmão Terceiro do Carmo de São Cristóvão, pediu para que fosse enterrado no convento de Nossa Senhora do Carmo. Junto a esse ato vieram os pagamentos aos religiosos de missas e do enterro, já que aquele foi homem de posses, pois declarou “engenho na Jacarecica, duas fazendas de canas em terras arrendadas, casas de vivendas de telha, escravos, fazenda de gado, cavalos, entre outros bens.” (SILVA, 2008, p.17).

Os carmelitas tanto acumularam riquezas que puderam comprar e fazer transações com escravos, terras e mercadorias. No livro de notas do Arquivo Judiciário do Estado de Sergipe (Ajes), no dia 20 de fevereiro de 1737, Diogo Ferreira fez venda aos religiosos Carmelitas de Sergipe D’El Rey “de uma sorte de terras chamada Escurial ao Reverendo Padre do Convento do Carmo.” (SANTOS, 2008, p.15).

Em seus estudos sobre o I Livro do Tombo do Convento do Carmo (século XVI-XVIII) em Salvador, Pedras (2000) identifica o avanço dos bens dos carmelitas da PCB no século XVIII:

Após esse estudo, é possível chegar a algumas conclusões relativas ao crescimento patrimonial dos frades na Bahia e Sergipe. Esse patrimônio foi, aos poucos, sendo acrescido de novas terras, advindas de várias circunstâncias diferentes: - mediante doação: tanto do governo do Portugal como de outros particulares, fiéis devotos de Nossa Senhora do Carmo e desejosos de receberem em troca ‘capelas de missas’, em sufrágio de suas almas e das de suas famílias; - mediante herança: ao entrarem para a Ordem Carmelita, os frades fazem votos que são compromissos que assumirão, ao se dedicarem à vida religiosa. Um desses votos é o ‘voto de pobreza’, pelo qual abdicam de suas individualidades com relação aos seus bens materiais. Deste momento em diante, é a Ordem, a detentora de seus bens presentes e das heranças que venham a receber por falecimento de seus familiares. Foi desta maneira que algumas propriedades transcritas no Livro de Tombo vieram a fazer parte do patrimônio do Convento; - mediante troca; - mediante compra e venda. (PEDRAS, 2000, p.112-113).

Pedras (2000, p.112-113) descreve alguns bens identificados no I Livro do Tombo do Carmo de Salvador: dois conventos, o de Salvador e o de São Cristóvão; dois hospícios, um no Rio Real com terrenos e capelas, e outro em Santo Amaro das Brotas/SE; duas missões, uma no Rio Real, e a outra em Japarutuba (Santo Amaro das Brotas/SE); um engenho na Freguesia de São Sebastião das Cabaceiras de Passé/BA; oito fazendas, na região de Sergipe, Alagoas e Bahia. Os carmelitas também eram donos de muitas terras na cidade de Salvador, e de alguns outros conventos como o do Pilar em Salvador/BA, o do Carmo em

Olinda/PE e em Cachoeira/BA. Os mesmos também possuíam rendimentos nessas regiões com o aluguel de estabelecimentos tais como casas, sobrados, fazendas, armazéns, dentre outros.

Mas a partir da segunda metade do século XVIII, as ordens religiosas como a dos carmelitas, beneditinos e jesuítas, principalmente porque acumulavam bens e detinham grandes propriedades no Brasil, passam a ser criticadas e controladas pela sociedade e pelo estado português.

As instituições religiosas, como os beneditinos, detentoras de bens de raiz, receberam benefícios e isenções, mas também, em função do padroado, uma série de impendimentos foram instituídos, por parte da Coroa, do Governo Geral e das próprias Câmaras, veiculado através de documentos mediante os quais era estabelecido o controle dos institutos religiosos. Desde cedo esses instrumentos tiveram a sua aplicação. (HERNÁNDEZ, 2009, p.66).

Esse controle dos religiosos está explícito no trabalho de Hernández (2009), onde a autora mostra algumas leis que desde o século XVII, mas principalmente ao longo do século XVIII e XIX, tiveram o intuito de coibir a ação que, muitas vezes, achava-se ser liberal por parte das ordens religiosas, algumas dessas leis eram: leis Filipinas, leis da Câmara, leis régias. Esse conjunto de ações inibidoras fez com que o acúmulo de bens materiais dos religiosos diminuísse consideravelmente, a maioria das ordens religiosas passou por processo de declínio, chegando a ponto de ter que vender todas as propriedades e entrar em extinção por falta de religiosos, como é o caso dos carmelitas calçados da PCB.

O pensamento religioso sofreu mudanças a partir do século XVIII, já que a mentalidade europeia da época contou com novas propostas como o Iluminismo, o qual mudou o pensamento da sociedade principalmente trazendo o sentimento de intolerância aos abusos do clero e da nobreza europeia, isso repercutiu mais tarde no Brasil durante todo o Oitocentos. “Consumava-se no século XIX, a configuração da Igreja como uma grandeza social diferente, contraposta à sociedade. O pensamento, as práticas e as instituições católicas perdiam significação social.” (COSTA e SILVA, 2000, p.16). No século XIX, a sociedade cada vez mais vai se laicizando e a igreja se separando do Estado. Com a dependência e o Império no Brasil, as atitudes governamentais se tornam autônomas e se impõem em relação às decisões da Igreja.

Na segunda fase da ação da Igreja no Brasil o crescimento das ordens leigas foi apoiado pela Coroa Portuguesa pelo Marquês de Pombal [...]. a política pombalina introduzia, assim, a fase do Regalismo na Colônia (isto é, o sistema dos regalistas ou dos que defendem as prerrogativas do Estado contra as pretensões da Igreja). [...] Abalou-se ainda mais porque, naquele período, começaram a chegar ao Brasil ideias francesas que, além das reivindicações de independência, traziam embutidas as ideias de uma emancipação progressiva do Estado em relação à Igreja. Tais ideias enfraqueciam as estruturas intelectuais e morais da tradição católica da Colônia,



dando início a um processo de laicização da ‘consciência brasileira’. O racionalismo do século XVIII foi substituído aos poucos pelo liberalismo do século XIX, reforçando a postura de gradual rompimento do Estado com a Igreja, ao longo do século. (FERNANDES, 1991, p.21).

As ordens religiosas também passam a não ser mais bem vistas pela sociedade, a partir do momento que os religiosos expunham comportamentos duvidosos, como sua vida desregrada. “Militam contra a Igreja ou, ao menos, contra seus padres e frades a infidelidade de muitos destes a seus votos e a debilidade de ação corretora dos responsáveis pela vida eclesiástica [...]” (AZEVEDO, 1978, p.118).

Ao Arcebispado da Bahia coube fazer as acusações, principalmente contra os carmelitas calçados:

[...] He muito conforme ás regras, disciplinas e cânones da Egreja, que os Regulares vivão nos seos Conventos e não fora d’elles, como fazem os da Bahia, desamparando-os ao ponto de não haver côro nos ditos conventos, por falta de religiosos, ao mesmo tempo que o reconcavo daquela capital abunda em frades, vivendo em casas próprias ou alugadas, sem diferença alguma dos seculares, tudo na forma que o Arcebispo da Bahia e o antecessor de V. Ex. representão nas suas relações; e sendo da mesma sorte muito conforme com as ditas regras, escandalo de tão perniciosas consequências e obrigue aos ditos regulares a se recolherem aos seus claustros. [...] informou o Arcebispo da Bahia em 23 de julho de 1778, nos termos seguintes. ‘Tem esta Capitania frades que innundão o Reconcavo, principalmente os Carmelitas calçados, admoestados os Prelados para que os façao recolher aos conventos; dizem que não tem com que os sustentar, talvez porque, os que administração os engenhos e fazendas são os do governo a quem se não pode contar. E pedem a V. M. licença com estes dotes; dias ha em que não ha côro pelos não haver no Convento de que esta gente já se não escandalisa’. (CERQUEIRA e SILVA, 1937, p.344).

Segundo Campos (2000, p.75), a aversão aos comportamentos dos religiosos foi sentida e registrada até mesmo por estrangeiros que passaram pelo Brasil no período colonial:

Merece nota que, para a Igreja de Roma, as ordens religiosas eram vistas como as mais preparadas para a evangelização nos trópicos, pois devidamente organizadas em hierarquias e conhecedoras da Teologia Cristã, podiam disseminar o catolicismo dentro da ortodoxia religiosa. No entanto, há muitos relatos de viajantes europeus que no Brasil ficaram perplexos com a vida desregrada e de opulência em que viviam ordens masculinas e femininas.

As ordens religiosas sofreram punições com as leis impostas pelo governo, principalmente no século XIX, onde cada vez mais eram obrigados a declarar seus bens e a cobrir as dívidas do Estado Português com a venda de suas propriedades.

[...] o monarca conservaria o direito à indicação dos titulares de bispados, dos cabidos e de outros benefícios, à placitação das bulas e decretos pontifícios, à regulamentação da atividade pastoral e missionária, à execução do regímen de *mão-morta* sobre as propriedades da Igreja e das ordens religiosas, ao exercício do recurso do clero à Coroa nas questões ocorrentes no foro eclesiástico. [...] A situação da Igreja, antes mesmo da independência, vinha piorando. Em 1804 para citar apenas um indício mais veemente da radicalização do anticlericalismo e da exarcebação do

cesaropapismo ainda sobre o regímen colonial, por meio de um alvará praticamente corta-se todo contato dos brasileiros com a Cúria Romana. Não era a primeira vez que o Estado lusitano empregava tal medida para manter a Igreja isolada de Roma. (AZEVEDO, 1987, p.124).

No período imperial, a lei de 9 de dezembro de 1830 proibiu a alienação de bens e celebração de contratos onerosos pelas ordens religiosas regulares sem prévia licença do Governo, dificultando assim a aquisição de novos bens e obrigando os carmelitas a declarar e vender propriedades, principalmente as que eram alugadas a outras pessoas.

Portanto, não é de admirar a quantidade de documentos da primeira e segunda metade do século XIX onde os religiosos inventariam os seus bens materiais e realiza um censo de religiosos na PCB. Há registros de Cartas, Relações e Inventários dos superiores carmelitas da Bahia (século XIX), discriminado as diminuições consideráveis dos bens, através de venda de propriedade e de escravos, e da diminuição de religiosos de toda a PCB no século XIX.<sup>77</sup>

No documento intitulado “Rendimento anual deste nosso Convento do Carmo da Bahia” de 1847,<sup>78</sup> localizado no Arquivo Público do Estado da Bahia (Apeb), é declarada pelo reverendo provincial da Ordem, Frei Tomás de Aquino, a quantia anual de pouco mais de 14 milhões de réis dos rendimentos dos carmelitas da PCB. Grande parte desses lucros provinha da atividade agrícola, mas também dos aluguéis de propriedades como sobrados, armazéns, casas térreas, além dos forros anuais. Os bens materiais que os carmelitas calçados da Bahia acumularam durante dois séculos, aos poucos eram vendidos pelos Frades Gerais da Ordem, no caso desse documento, são declaradas as vendas que tinha feito o reverendo provincial anterior, Frei Custódio de São José Bonfim, onde a situação se encontrava da seguinte forma:

As Fazendas do Rio de S. Francisco existem as terras por ter vendido o gado vacum e Canallas o Padre Frei Custódio de S. José Bonfim no tempo de seo Priorado, e entregues a maior parte dellas aos Potentados daquelle lugar por elle dito Prior. As Fazendas dos Palmares servem para a Fábrica do Engenho, e o restante de situar as ditas Fazendas por estarem desfabricadas. A Cachoeira tem 12 moradas de cazas térreas, e fias arruinadas, que rendem umas 3\$000 mensaes, e outras 2\$000. Possui o mesmo Convento uma Fazenda denominada S. João de plantar fumo e mandioca, tendo 10 escravos entre grandes e pequenos. O Convento de Sergipe nada possui por ter o dito Frei Custódio de S. José Bonfim vendido também o Engenho denominado Quindongá. O Convento de Pernambuco possui meia dúzia de Casas arruinadas, e rendem 4\$000 mensaes cada uma, e o seo Engenho denominado Camassari acha-se também arrendado por 3 contos de réis pelo mesmo Frei Custódio de S. José Bonfim. (APEB, RENDIMENTO ANUAL..., 1847).

---

<sup>77</sup> Alguns desses documentos se encontram no Apeb, Seção de arquivos coloniais e provinciais, inventário dos documentos do governo da província, 2ª parte, nº 5273 - Convento do Carmo (1824-1876), e nas cartas dos documentos do Arquivo do Carmo em Belo Horizonte/MG (Acbh).

<sup>78</sup> Ver o documento na íntegra na sessão Anexo E.

Além disso, a quantidade de religiosos dentro dos conventos diminuiu consideravelmente no século XIX. Hernández (2005, p.102-103) cita algumas mudanças no clero a partir das leis impostas na Bahia:

Em 1º de março de 1853, o Presidente da Província João Mauricio Wanderley (1853) falava sobre o trabalho, em andamento, das comissões nomeadas para executar a citada lei nº 405, e na ratificação do artigo 6, que proibia a admissão de noviços até que fossem obtidas as informações exigidas sobre as ordens religiosas. Seguidamente, nesse mesmo relatório, são oferecidos dados relativos a todos os religiosos existentes na Bahia, número de membros, suas ocupações e rendas. (HERNÁNDEZ, 2005, p.102-103).

Ademais, a lei régia definida por Dom Pedro II, em 1855, proibiu em definitivo a entrada de noviços, gerando, assim, a diminuição considerável de religiosos nas Ordens religiosas como a do Carmo no Brasil. O declínio das ordens religiosas, principalmente dos carmelitas calçados da PCB, portanto, foi gradativamente visível ao longo do século XIX, ao mesmo tempo em que foram criadas muitas irmandades e novas práticas religiosas surgem na sociedade brasileira.

#### *1.4.2 As instituições de leigos carmelitas*

Uma das instituições de leigos carmelitas, baseada em associações medievais e que se fez presente em toda a Idade Moderna, foi a Confraria do Escapulário,<sup>79</sup> que diz respeito à associação de pessoas leigas e marianas que usam o escapulário de Nossa Senhora do Carmo para proteção divina, são pessoas muito devotas e que diariamente realizam orações à Virgem Protetora. Essa devoção se encontra no episódio do Carmelo quando em um momento de sua vida São Simão Stock (ano de 1251) suplicava à Virgem que desse algum sinal de aliança e bênção à Ordem dos carmelitas, então, ela aparece e oferece o escapulário ao religioso dizendo: “Este será o privilégio para ti e todos os carmelitas, quem morrer com ele não padecerá o fogo eterno.” (WERMERS, 1963, p.69). A partir desse momento, o escapulário para os carmelitas passou a constar como símbolo de devoção Mariana e muitos

---

<sup>79</sup> “A Ordem dos carmelitas propaga a fé em Maria Santíssima, principalmente através de seu escapulário, que simboliza as virtudes marianas, conduzindo os fiéis ao Cristo.” (CAMPOS, 2003, p.223).

fiéis e religiosos passaram a vesti-lo diariamente junto às rotinas de oração à Virgem do Carmo.<sup>80</sup> Segundo Wermers (1963, p.70), a aceitação dessa prática se deu da seguinte forma:

A expansão mais intensa da devoção do Escapulário deu-se a partir de 1530, quando o Papa Clemente VII<sup>81</sup> lhe confirmou os privilégios assim como eram contidos na famosa *Bulla Sabatina*, que teria sido concedida por João XXII,<sup>82</sup> em 1322, e confirmada por Alexandre V,<sup>83</sup> em 1409. Foi durante este período de expansão que se organizou a Confraria do Santo Escapulário, como nós a conhecemos hoje: uma piedosa associação para pessoas que, sem quererem pertencer à Ordem Primeira (dos religiosos), Segunda (das Irmãs), ou Terceira, desejam no entanto certa união com ela, pela devoção que nutrem para com a Nossa Senhora do Carmo.

No início, era cabível que as ordens mendicantes tivessem leigos devotos e que contribuíssem para a manutenção das igrejas, principalmente com o ato de doação. Assim, além das Confrarias, na Europa, a partir do século XIII, surgem as instituições de leigos na Ordem dominicana, franciscana e agostiniana, denominadas Ordens Terceiras. Porém a Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo foi implantada somente depois de todas as outras, no século XV.

Antes de a Ordem Terceira ser aprovada pelo Papa, no início, existiam grupos de mulheres devotas, conventuais e que viviam em regime de obediência e castidade seguindo a Ordem do Carmo. Mais tarde, essa vertente se tornou Ordem Segunda, graças ao esforço do Prior Geral da Ordem Beato João Soreth,<sup>84</sup> que, no século XV, solicitou ao Sumo Pontífice a distinção jurídica entre a Primeira e Segunda Ordem, obtendo com louvor a *Bula*<sup>85</sup> *Cum Nulla*, que dava a ele a faculdade de admitir as *Mantellatae* ou *manteladas* no Carmelo.

As associações de terceiros leigos, obedientes e que não, necessariamente, precisassem seguir os votos de castidade se deu a partir desse momento e foi confirmada pela bula *Dum Tenta* de Sixto IV,<sup>86</sup> promulgada em 1476.

A importância das associações de leigos para as Ordens foi a fidelidade da doação e manutenção dos preceitos religiosos, já que os associados tinham uma aliança com a Igreja e

---

<sup>80</sup> Apesar desse objeto sacramental já ter se constituído como um símbolo para a Igreja Católica muito antes desse episódio.

<sup>81</sup> 219º Papa – período de seu pontificado de 1534 a 1549.

<sup>82</sup> 195º Papa – período de seu pontificado de 1316 a 1334.

<sup>83</sup> Anti-Papa com um curto período de seu pontificado de 1409 a 1410, envolvido com o grande Cisma do Ocidente, quando o 204º Papa Gregório XII comandou de 1406 a 1415.

<sup>84</sup> Nascimento na cidade de Caen, região da Normandia, França, no ano de 1394; e morte na cidade de Angers, França, em 25 de julho de 1471.

<sup>85</sup> Ver o significado deste e dos demais termos técnicos deste trabalho na sessão Glossário.

<sup>86</sup> 211º Papa – período de seu pontificado de 1471 a 1484.

aplicavam a leitura do Evangelho em seu cotidiano. Por sua vez, os leigos obtinham uma ascensão social e maior participação em assuntos diretos relacionados à igreja.

Vale ressaltar que, nessa época, o papel do clero secular na sociedade brasileira era bastante limitado, cabendo ao mesmo celebrar alguns sacramentos em períodos específicos. A evangelização configurava-se deficiente, bem como, a formação religiosa que os futuros ‘representantes de Deus’ recebiam nas ‘terras brasilis’, muito por conta dos poucos recursos enviados pela Coroa Portuguesa. Esse contexto desencadeou o processo de grande dependência em relação aos leigos, fazendo desenvolver a proliferação das irmandades e ordens terceiras no Brasil colonial. (CAMPOS, 2003, p.107).

As instituições religiosas de leigos foram fortes expressões de organizações sociais, símbolos de identidade para os diversos grupos no período colonial no Brasil, sejam eles de brancos, pretos, pardos, artífices, comerciantes, marinheiros, dentre outros.

Estas agremiações de fiéis em particular, segundo a legislação canônica, são, por ordem de importância, as Ordens Terceiras, Arquiconfrarias, Confrarias, Pias Uniões Primárias e outras Pias Uniões. Todas elas têm como base o espírito de vida entre ‘Irmãos’, daí a denominação genérica de Irmandade. A aprovação para a instituição destas congregações dependia do Sumo Pontífice e do Ordinário do lugar. [...] A ‘Ordem Terceira’ tem esta designação porque dentro das ordens religiosas que cumprem voto existem três subdivisões [...]; a de leigos composta de homens e mulheres, solteiros, casados e viúvos que se congregam sob a mesma devoção, fazem noviciado e profissão, é a ‘Terceira’. (MARTINEZ, 1979, p.11).

Por terem sido na hierarquia das associações de leigos a mais importante, a Ordem Terceira no Brasil recebeu a designação de *Venerável*, termo que aparece nos Estatutos e demais documentos das instituições durante todo o período colonial.

A Ordem Terceira veio com as ordens religiosas e se fixou por volta do século XVII no Brasil. Em Portugal, a fundação da Ordem Terceira do Carmo ocorreu em 1629, na cidade de Lisboa, logo, no Brasil, foi instalada a primeira associação de Terceiros carmelitas na cidade de Salvador.

A Ordem Terceira do Carmo foi instalada na Bahia em 19 de outubro de 1636, por Pedro Alves Botelho, negociante de grosso trato, sendo aclamado governador Pedro da Silva, seu primeiro prior. Em 1644, com licença do convento, era iniciada a construção da sua capela em terreno doado pela comunidade e contígua à sua igreja. Só em 1695, entretanto, logrou a piedosa confraria o seu reconhecimento pelas autoridades eclesiásticas, quando foi expedida a bula papal de 21 de dezembro, confirmando a sua instituição, sob o nome de Venerável Ordem Terceira da Mãe Santíssima e Soberana do Monte do Carmelo. (PREFEITURA MUNICIPAL DO SALVADOR, 1949, p.16).

No Brasil, onde se erguiam igrejas da Ordem Primeira dos religiosos carmelitas calçados, logo após, edificava-se uma igreja da Ordem Terceira. No início, as Ordens Terceiras do Carmo foram instaladas dentro das igrejas conventuais, porém, por motivos adversos (até mesmo desentendimentos e brigas ideológicas com os frades regulares), em sua

maioria os leigos construíram igrejas próprias habitualmente anexas àquelas. Raros são os casos onde a associação de leigos carmelitas não construiu a sua própria igreja, já que a Ordem Terceira do Carmo foi formada por pessoas de destaque social e abastadas no período colonial.

O local da igreja da confraria tinha suma importância para se avaliar o prestígio das mesmas. Os melhores locais eram reservados às ordens terceiras, e as irmandades de escravos eram sempre menos favorecidas nesses quesitos, como também no quesito tamanho das igrejas. Afora essas diferenças, todas rivalizavam entre si no quesito ornamentação, como também na opulência das festas. Cada irmandade representava uma parcela da sociedade, e essa parcela se esmerava para resgatar através da ornamentação e opulência de sua festa, um pouco da dignidade humana. (CANHA, 2008, [s.p.]).

A Ordem Terceira do Carmo foi uma instituição que atuou principalmente no período colonial como uma organização social de brancos ou de *pureza de sangue*. Este termo era exigido pelas Ordens Terceiras geralmente em seus Estatutos, Reginaldo (2005, p.73) relata esse fato nas associações da cidade de Salvador:

As prestigiosas Ordem Terceira de São Domingos e a Irmandade da Misericórdia, por exemplo, exigiam dos candidatos a irmãos ‘pureza de sangue’, ou seja, prova de que não tinham descendência de judeu, mouro, índio, negro ou qualquer outra ‘raça infecta’. Além destas, a Ordem Terceira de São Francisco e a Irmandade dos Santos Passos de Cristo, ereta no Convento do Carmo, também exigiam provas de ‘limpeza de sangue’. Na sociedade baiana Setecentista, a nobreza e a ‘limpeza de sangue’, não necessariamente eram atributos dos nobres de nascimento. O acúmulo de riquezas através da grande propriedade escravista e a ascensão de um classe de homens de negócio, tornaram mais elásticos os critérios de nobreza na colônia. ‘Ao lado de possuir linhagem, ‘viver na nobreza’ também significava um estilo de vida, isto é, segundo a concepção da época, servir-se de bestas, criados ou escravos, o que podia enobrecer o candidato’. As novas regras, decorrentes da expansão atlântica do Antigo Regime, foram absorvidas não sem pouca resistência pelos mais conservadores.

A Ordem Terceira do Carmo, portanto, foi uma irmandade onde se associavam as pessoas mais importantes da região, ou seja, funcionários públicos, donos de engenho, advogados e médicos, dentre outros. Mas pesquisadores como Russel-Wood (1970) afirmam que a profissão da maioria dos irmãos da Ordem Terceira foi de comerciantes, pessoas que viviam da atividade de produzir alguma plantação para trocar por mercadorias em sua maioria adquiridas em Portugal e vendidas no Brasil.<sup>87</sup>

As cifras apresentadas, que provam a existência de lucros consideráveis e riquezas nas diversas instâncias da economia colonial, como a agricultura açucareira, o tabaco, ouro, comércio de escravos, e outras formas econômicas, é uma realidade incontestável. Os meios que propiciaram a produção daqueles bens, como em toda a

---

<sup>87</sup> “Enquanto a Ordem Terceira de São Francisco podia contar entre os sócios os intelectuais e a flor da nata da sociedade baiana, a Ordem Terceira do Carmo exercia maior atração para os negociantes.” (RUSSEL-WOOD, 1970, p.193).

parte, estiveram sempre nas mãos da minoria: senhores de terras, comerciantes, o alto clero (bem remunerado e também proprietário), altos funcionários da Coroa, minoria detentora de inúmeros privilégios, desde os primeiros anos do descobrimento – os portugueses de origem pequeno-fidalga e de raça branca. Senhores que agregavam socialmente na Santa Casa de Misericórdia, Ordem Terceira do Carmo, São Domingos e São Francisco de Assis, preferencialmente. (CASIMIRO, 1996, p.38).

Geralmente, as Ordens Terceiras do Carmo no Brasil seguiam a devoção do Escapulário da Virgem do Carmo; dos Passos da Paixão de Cristo, com a veneração ao Nosso Senhor dos Passos;<sup>88</sup> e simpatizavam com a Reforma Teresiana, com veneração à vida de Santa Teresa D'Ávila e do reformador São João da Cruz.

É forte a devoção à Santa Teresa de Jesus nas igrejas da Ordem Terceira do Carmo do Brasil, isso é comprovado em um documento do século XVIII da Ordem Terceira do Carmo de Recife sobre a festa dedicada à Santa Teresa,<sup>89</sup> onde os fiéis a denominam *matriarca*: “Termo em que se assentou e Meza de 8 de outubro de 1797 aseitar a graça [...] ao Reverendíssimo Padre Monsenhor Provincial Frei Félix de Santa Anna de transferir a festa [...] deste presente dia para domingo seguinte dia em que esta ordem soleniza a festa de nossa Matriarcha [...]” (CANHA, 2008, [s.p.]).

No Estatuto da Ordem Terceira do Carmo de Cachoeira (Otcc) de 1915, localizado no Acbh, constata-se que a tradição colonial de organização de leigos se mantém por muito tempo, uma mostra disso aparece registrada no 1º artigo, onde diz:

A Venerável Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo, fundada nesta cidade em 1691, continua a ser a corporação religiosa de fiéis catholicos de um e outro sexo, que, para melhor promover a salvação eterna de sua alma, colocam-se sob a poderosa proteção de Nossa Senhora do Carmo, abraçando e praticando a regra da preclara Ordem Carmelitana adaptada às pessoas seculares, para norma dos superiores hierarchicos autorizados pela Santa Sé Apostólica. (ACBH, ESTATUTO..., 1915, p.1).

Mais adiante, no capítulo II, são percebidas as exigências para ser irmão de uma Ordem Terceira do Carmo, onde se trata *dos irmãos, suas admissões, profissão e obrigações*, no artigo 4º os incisos 1º ao 7º relatam que:

Para ser irmão é preciso: professar a Religião Catholica Romana; ser maior de quatorze annos de idade e de cor branca; Ser de reconhecida conducta moral e religiosa e viver honestamente de algum emprego, officio, industria ou renda; não ter sido condemnado por delicto infamante nem expulso de alguma corporação

<sup>88</sup> “Desde o início do século XVIII, havia a irmandade do Senhor do Bom Jesus dos Santos Passos e Vera-Cruz, que realizavam suas atividades junto ao Convento do Carmo [...]. A procissão em louvor ao Senhor dos Passos veio para o Brasil trazida pelos frades carmelitas calçados, sendo realizada na segunda sexta-feira da quaresma. Tal procissão tinha sete passos a serem percorridos [...]” (CAMPOS, 2003, p.11).

<sup>89</sup> Terceiro livro de termos de Mesa – Arquivo da Ordem Terceira do Carmo – Recife, p.75. (CANHA, 2008).

religiosa de seculares, salvo provando sua reabilitação; ser aprovado pela mesa, mediante requerimento, proposta e rigorosa sindicancia e com voto decisivo do rvm. Padre comissário sob fé religiosa e costumes do apresentado; pagar a joia que fôr estabelecida no Regulamento, e si não puder pagar, só gosará dos benefícios espirituas, não podendo nunca gosar das regalias temporaes sem que preceda nova aprovação da mesa; receber o hábito com as formalidades do Ritual Carmelitano. (ACBH, ESTATUTO..., 1915, p.1).

A organização, dentro da Ordem Terceira, geralmente era feita por uma Mesa onde existiam as funções de cada irmão, com cargos eleitos anualmente. Aos membros da mesa eram atribuídas todas as decisões, os cargos estavam de acordo com a seguinte ordem de importância na instituição de irmãos: prior, subprior, secretário, tesoureiro, procurador-geral, mestre de noviço, mordomo e definidores, os quais pagavam joias (um valor pré-estabelecido) para exercer os cargos, cabia aos homens tomarem as mais importantes decisões de voto. Martinez (1979, p.56) traz o Compromisso da Ordem Terceira do Carmo de Salvador (Otc) do ano de 1884, onde se afirma que, para exercer o cargo de Prior da Ordem, as exigências eram de ter pelo menos 30 anos de idade, ser inteligente, além de tudo que possuísse bens de raíz e fosse capitalista. Ou seja, para se exercer os cargos masculinos da Mesa da Ordem, a exigência era essencialmente mais de cunho econômico do que religioso.

Além disso, existiam os cargos femininos que não faziam parte da mesa, mas que pagavam as joias anuais, eles eram: prioreza, sub-prioreza, mestra de noviça e as mordomas. As mulheres não votavam, tendo somente os cargos e comparecendo às reuniões, sempre acompanhadas de seus maridos. Além desses membros, cabia à Ordem Terceira contratar com remuneração um padre para realizar as tarefas de cunho espiritual da sua Igreja.

Na sociedade colonial, as Ordens Terceiras serviram como um sistema integrador da política de Portugal, junto a um controle da igreja para com os associados, e muitas vezes foram instituições que conseguiram grande autonomia econômica e política.

Os reis portugueses, no período colonial, depois os imperadores brasileiros, controlavam o clero de tal forma que, no Brasil, as determinações papais tinham menos validade do que os atos do governo e os fiéis, em sua maioria, pouco procuravam membros do clero para intermediar a religiosidade cotidiana, eram as irmandades e as ordens terceiras que constituíam o núcleo da prática organizada. (CAMPOS, 2003, p.85).

As Ordens Terceiras foram responsáveis até pela encomenda da alma dos fiéis, pela construção e manutenção dos mais importantes cemitérios da época e da celebração de missas anuais para a alma dos mortos.

As irmandades, confrarias e ordens terceiras fundadas no Brasil, no período colonial, reproduziram o modelo das organizações pias e caritativas existentes na Europa. Prestar devoção ao santo protetor, dar impulso à solidariedade entre irmãos, auxiliar nos momentos de infortúnio, garantir a assistência ao confrade na hora da morte,



acompanhar o féretro e assegurar um lugar de sepultamento nas igrejas das Irmandades, eis todo um conjunto de deveres e objetivos por que se regiam as associações fraternais. Para acautelar estas obrigações, havia uma mesa diretora responsável pela organização e recolhimento de um fundo capaz de custear as despesas. (BORGES, 2001, p.1227).

Além disso, a Ordem Terceira do Carmo mantinha a obrigação de realizar durante todos os anos algumas festas religiosas, como as procissões, geralmente realizadas na Semana Santa, além de algumas associações comemorarem as festas dedicadas à Nossa Senhora do Carmo e à Santa Teresa D'Ávila, havendo uma quantia anual destinada a esses eventos. No Arquivo da Ordem Terceira do Carmo de Cachoeira (Aotcc) é encontrado um documento que mostra essa tradição ainda no início do século XX:

Aos doze dias do mez de Abril do anno de 1909, nesta Heróica Cidade da Cachoeira e Secretaria da Venerável Ordem 3ª do Carmo [...] foi aberto o cofre do Senhor dos Passos na forma dos estilos anteriores e nelle foi encontrado a quantia de 97#700 noventa e sete mil e setecentos reis, e mais a quantia de setenta e dois mil e duzentos reis 72#200 no cofre da festa da Semana Santa do corrente anno [...]. (AOTCC, TERMO DE ABERTURA..., 1909).

De acordo com Coelho (2005), as festas de obrigação dos Terceiros carmelitas em Minas como a Procissão do Triunfo, Crucificação e Procissão do Enterro, sugerem a temática dos setes passos da Paixão.

As festas eram controladas até mesmo pelas Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia (Cpab),<sup>90</sup> onde: “Somente [...] poderão fazer nesta Cidade as Procissões, [...] os Religiosos de Nossa Senhora do Monte do Carmo em Sexta-Feira da Paixão. [...] E sem a dita nossa licença não poderão fazer outras Procissões, sob pena de excomunhão maior [...].” (VIDE, 2007, p.192).

Além de todas as atividades citadas, foi papel das Ordens Terceiras no período colonial, já que cada uma delas erguia sua própria igreja, a construção e decoração dos seus templos. Aos leigos filiados a uma irmandade, através da Mesa, cabiam as decisões de

---

<sup>90</sup> “O Concílio foi o instrumento usado pelos quadros da Igreja Católica a fim de questionar a Reforma Protestante, reafirmando as doutrinas tradicionais do catolicismo, em especial a conduta do clero, com o objetivo de eliminar os abusos até então comuns dentro das suas hostes. Também instituiu um moralismo que atingiu a vida das pessoas comuns, influenciando a forma de organização em grupos religiosos que refletia nas relações sociais então vigentes. A sua versão para as terras brasileiras constituiu na publicação das Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia que, a exemplo do Concílio, postulava e regia a vida na colônia, de tal modo que o seu texto possui claras evidências de adaptações ao *modus vivendi* regional [...]” (CAMPOS, 2003, p.15).

contratar os profissionais, ou seja, os oficiais mecânicos<sup>91</sup> para a elaboração de um plano arquitetônico, fazendo parte deste a fachada da igreja, a planta, os altares, as pinturas, entre outras obras artísticas.

[...] Assim como na Europa, na Bahia dos séculos XVIII e XIX o edifício religioso atingiu um espírito triunfal, atendendo às necessidades das camadas mais abastadas da população, que encontravam nas igrejas a reprodução das suas residências luxuosas, como também, das camadas mais populares que podiam usufruir indiretamente da riqueza ali salvaguardada na abundância decorativa. Desse modo, os templos religiosos assumem na Bahia a concretização de reservar em um só lugar o cenário do milagre, agrupando pela primeira vez arquitetura, escultura e pintura. (CAMPOS, 2003, p.197).

Para cada arte religiosa eram contratados os artesãos específicos, assim, eram pagos os serviços aos arquitetos, marceneiros, pedreiros, pintores, douradores, entre outros. As solicitações eram feitas de forma antecipada, em alguns casos, como na pintura, a irmandade divulgava o serviço e, posteriormente, os profissionais apresentavam as propostas e os valores a serem cobrados. Era comum que surgissem mais de dois profissionais oferecendo o trabalho e a decisão então ficava a cargo da Mesa, que se reunia para aprovar a solicitação e registrar o contrato nas atas de reuniões. Na maioria dos contratos, o critério de escolha era pelo serviço mais barato, mas, em alguns casos, esse comportamento não foi regra geral. A produção se iniciava com os materiais do artista, mas alguns eram comprados pela irmandade. “No ajuste do contrato de obras, cabia ao artista fornecer os materiais para a execução, entretanto assumiam as Irmandades o ouro para o dourado da talha que era um investimento alto para os artistas.” (CAMPOS, 2003, p.354).

Além disso, os leigos impunham ao artesão seguir um plano arquitetônico ou iconográfico específico, baseados nas leis da Igreja ou nos gostos pessoais de cada irmandade, tanto para a escolha dos temas religiosos como dos manuais de arquiteturas e artes que seriam seguidos.

A grande maioria das obras, mesmo religiosas, era executada dentro de um programa imposto aos artistas pelas organizações religiosas que as encomendavam, ainda que os contratos não fizessem menção a programa a ser considerado pelo pintor. Assim também acontecia na Europa: as autoridades eclesiásticas é que definiam o programa a ser executado. É possível que uma vez ou outra um artista

---

<sup>91</sup> Nome dado ao profissional no período colonial no Brasil, que realizava serviços de oficina, sendo essas ligadas à tradição medieval de grupos de ofícios, onde os profissionais se uniam e se dividiam em categorias de acordo com a função. Cabe ressaltar que essas atividades no Brasil eram consideradas inferiores e eram geralmente realizadas por *peessoas de cor*, pardos ou negros, pois a mentalidade colonial repugnava o trabalho ou o esforço físico. “[...] Verificava-se que a aspiração de todos, segundo os viajantes, era transformar-se em militares, sacerdotes, profissionais liberais, como médicos e advogados, além de funcionários públicos, tendo em conta que, para a mentalidade de então, era considerado degradante exercer algum ofício no qual fosse necessário empregar esforço físico.” (CAMPOS, 2003, p.101).

tenha escolhido livremente o tema e a forma de sua obra, sobretudo quando se tratava de doação de artista em cumprimento de promessa [...]. (D'ARAÚJO, 2000, p.98).

A respeito dessa conduta laica que repercutiu no Brasil, baseada em uma mentalidade contrarreformista européia católica, Pifano (2007, p.514) explica:

[...] orientados por um claro desejo de utilizar a arte com fim propagandístico, moralizador e didático para o quê se tornava indispensável favorecer um estilo (embora não uniforme) que fosse de fácil compreensão e acessível ao maior número de crentes. Daí as palavras-chave das recomendações se tornem 'clareza', 'simplicidade' e 'inteligibilidade'. Como diz Gilio da Fabiano: 'Uma coisa é bela na medida em que for clara e evidente'. Nos Atos do Concílio lê-se: 'Não será erguida nenhuma imagem que sugira falsa doutrina ou que possa propiciar uma ocasião de erro perigoso ao ignorante'.

Após a realização da obra, que podia durar meses ou anos para a finalização, o artesão era pago e a irmandade fazia um recibo assinado por ele mesmo e pelo irmão tesoureiro.<sup>92</sup> Em alguns contratos o pagamento era feito em parcelas, em várias etapas do serviço, como é o caso desse exemplo do contrato de um pintor pela Otcs, fato relatado por Campos (2000, p.354):

Em julho de 1675, Mesa da Ordem Terceira do Carmo propôs ao Pintor Francisco Nunes a fazer a obra de pinturas e dourar o teto da Casa do Consistório por preço de sessenta e quatro mil réis que lhe deviam dar logo uma terça parte e a outra Terça parte no meio da obra e a última no fim da obra, e se obrigava o pintor a por todas as tintas e mais ingredientes e somente dariam os Irmãos da Mesa o ouro, o qual mandaram ao Irmão Tesoureiro que o comprasse para que logo se fizesse a obra.

Expostas todas as funções de uma irmandade de leigos, é percebido o significativo papel que as Ordens Terceiras (e, no caso deste estudo, as do Carmo na Bahia e em Sergipe) exerceram na sociedade colonial. Foram esses leigos abastados que, essencialmente, mantiveram o sistema colonial e que fizeram a intermediação entre a Igreja e o Estado Português, para maior controle e equilíbrio social no Brasil colônia.

---

<sup>92</sup> Foi através destes documentos, encontrados geralmente nos Livros de Despesas e situados nos arquivos das irmandades, que o historiador da arte consegue identificar os nomes completos dos artistas e localizar a descrição das obras de arte encomendadas, identificando as autorias. Já que, segundo Campos (2000, p.35-36): "Para os artistas cuja aprendizagem decorreu dos ofícios mecânicos, de tradição medieval, a noção de originalidade não era totalmente compreendida. [...] O trabalho coletivo, próprio do período Barroco, de tradição medieval, omitia a maioria dos autores das obras de arte. Desta forma, nem sempre é possível identificar o autor. Deve-se perceber que, dentro do contexto sócio-histórico dos séculos XVIII e XIX, a nenhum personagem social era permitida a notoriedade individual, diante da figura do rei. Sendo assim, artistas deveriam manter-se no anonimato, ou ao menos manter discrição em sua vida artística. [...] Portanto, a grande maioria das autorias e/ou atribuições das pinturas na Bahia só são conhecidas devido às referências na documentação oriundas, principalmente, das ordens religiosas e das confrarias, de onde se encontra o registro das encomendas e pagamentos efetuados pelas mesmas aos artistas que executaram as referidas obras."

### 1.4.3 A Ordem Terceira do Carmo de Cachoeira/BA

#### 1.4.3.1 Cachoeira/BA no Período Colonial

Para aprofundar nas informações sobre Cachoeira, confirma-se que não se pode deixar de falar da Capitania da Bahia e sua região que tanto prosperou no período colonial - o Recôncavo Baiano. Depois da primeira divisão das terras brasileiras em sesmarias no século XVI e a crescente demanda de habitantes para ocupar os territórios, a Bahia foi uma região tomada como sede do Governo Português, por onde se faziam as relações comerciais, religiosas, políticas, para um melhor controle das riquezas materiais e da sociedade. A região do Recôncavo Baiano, situada próxima à cidade de Salvador, foi a região mais próspera para a plantação e o cultivo da cana de açúcar e do fumo. Cachoeira, como uma das regiões do Recôncavo Sul, foi uma das vilas do território baiano que mais prosperou econômica, social e religiosamente nos séculos XVII, XVIII e XIX.<sup>93</sup>

No início do período colonial, segunda metade do século XVI, terras foram doadas para quem quisesse iniciar o ramo de engenho de açúcar na região do Recôncavo, porque tinha o solo mais próspero para esse cultivo.<sup>94</sup> Alguns engenhos foram instalados próximos às margens do Rio Paraguaçu. No local onde hoje se situa a cidade, habitavam índios e, como de costume do período, algumas lutas aconteceram para que as terras fossem desocupadas por aqueles antigos habitantes. Afirma-se que, nesse período, o capitão Gaspar Rodrigues Adorno foi enviado pelo Rei para realizar essa missão.

Quando era governador o Conde do Castelo Melhor, Gaspar Rodrigues Adorno, na qualidade de capitão-mor que lhe fora conferido por Carta Régia de 6 de setembro de 1651, seguiu para bater os selvagens, acompanhado por moradores diversos [...]. Voltou Gaspar Adorno a investir contra os índios que, de fato, só em 1661 cessaram de guerrear [...]. Como recompensa por seus assinalados serviços à Coroa, recebeu o

---

<sup>93</sup> Ver mapa do Centro Histórico de Cachoeira na sessão Anexo F.

<sup>94</sup> Segundo Souza (1972, p.9): “A propósito, vale salientar que o município da Cachoeira já foi dos maiores, senão o maior do Estado, no cultivo da cana de açúcar. Pode-se recuar ao período 1595-1606, para encontrar-se os primeiros sinais de vida da antiga povoação. Foi a segunda vila fundada por D. João Lancastre e era, na época, ‘a de maior área conhecida, como centro, por excelência, dos nossos primeiros ensaios no cultivo da terra e na expansão de nosso comércio’.”

Capitão Gaspar Rodrigues Adorno 4 léguas de terras em ambas as margens do Paraguaçu [...]. (UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, 1976, [s.p.]).

Mas “a vila só foi criada mais tarde, pela carta Régia de 27 de dezembro de 1693, como nome de Vila de N. S. do Rosário do Porto da Cachoeira, cuja instalação se deu a 7 de janeiro de 1698, pelo desembargador Estevão Ferraz de Campos, com todas as formalidades do estilo.” (BRANDÃO e FONSECA, [s.d.], p.7).

A vila de Cachoeira desenvolveu-se com o comércio da cana de açúcar e com a crescente demanda de escravos, além disso, a produção de fumo surge como um dos mais rentáveis negócios na região, pois se faziam principalmente acordos com a África, onde a maioria dos negros que vinha para a Capitania da Bahia foi trocada por tabaco.<sup>95</sup>

O tabaco cultivado nos campos da Bahia era empregado no comércio com a costa da África a fim de ser trocado por escravos e em outros portos por outras mercadorias. Somente o de qualidade inferior poderia ser usado nestas transações, jamais o tabaco de primeira folha, que deveria ser encaminhado para o reino. (NASCIMENTO, 1977, p.18).

A primeira Câmara se iniciou em 24 de janeiro de 1698. No setor religioso, “a Cachoeira foi elevada à categoria de paróquia, ao tempo do Arcebispo D. João Franco de Oliveira (1692 a 1700).” (MILTON, 1979, p.13). Nesse período, foram erguidas muitas igrejas na região, como a igreja dos carmelitas calçados, não obstante, foi em torno das construções religiosas como a do Carmo e da matriz Nossa Senhora do Rosário que prosperou a população de Cachoeira.

Na segunda metade do século XVII, a povoação do Porto da Cachoeira cresceu no sentido da Ajuda (mancha matriz) para o Caquende, inclusive e sobretudo em consequência da construção do primeiro estabelecimento carmelita na aglomeração. [...] Cachoeira não fugiu à regra, eis porque, no último quartel do século XVII, a zona do Carmo e seu entorno passaram a ser urbanizadas de forma crescente daí em diante. (UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, 1976, [s.p.]).

O século XVIII foi um dos mais significativos para a vila de Cachoeira, onde muitos acontecimentos integraram-se à economia, sociedade e religião local, tornando a região uma das mais importantes do Recôncavo Baiano.

---

<sup>95</sup> “Em decorrência da expansão do comércio de exportação fumageiro, na segunda metade do século XVIII, a vila de Nossa Senhora do Rosário do Porto da Cachoeira sofreu grandes transformações em sua estrutura econômica. Produzia e embarcava em seu porto o tabaco exportado para a Europa, especialmente Gibraltar, Lisboa, Porto, Marselha, Hamburgo, Liverpool e, principalmente, para a costa da África, responsável primeira pela expansão da produção do vegetal no final dos Setecentos. O fumo foi a principal moeda do tráfico Atlântico durante cerca de cem anos; o chamado ciclo da costa da mina durou oficialmente até 1815, sofrendo a partir de então um deslocamento face a vigilância dos cruzeiros britânicos.” (REGINALDO, 2005, p.66).

A urbanização da cidade foi sendo desenvolvida com algumas obras principalmente de preenchimento ou manutenção de locais alagados e danificados pelas enchentes, já que o rio Paraguaçu inundava grande parte da região. Simas Filho (1973) expõe em seu trabalho os *Termos de arrematação de obras da Cachoeira – 1758/1781*, onde os documentos revelam obras realizadas pela Câmara da vila do Porto da Cachoeira, como a manutenção do calçamento de ruas, construção de pontes e a implantação de chafarizes, mostrando certo desenvolvimento na estrutura urbana da cidade na segunda metade do século XVIII. Simas Filho (1973, p.11-12) comenta duas licitações para o contrato de obras próximas à Ordem Terceira do Carmo no ano de 1770, são elas:

Aqui, observa-se a realização de obras urbanas de evidente interesse público, como a ponte e calçada junto à Ordem Terceira; o concerto do cais dos barcos e a ponte do riacho na rua do Carmo, inclusive, serviços próximos a uma zona, que, na época, começava a ser ocupada, o que só veio ocorrer posteriormente.

Uma das questões mais importantes para o desenvolvimento da cidade foi o uso de estradas que faziam a interligação e o comércio de mercadorias de Salvador até as regiões no interior do Brasil. “Vários bandeirantes, Capitães-Mores e até Governadores e Vice-Reis passaram por Cachoeira em demanda dos sertões, por ser [...] a vila [...] um ponto donde vem parar todos os voageiros das Minas e outras vilas” (GODOFREDO FILHO apud UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, 1976, [s.p.]). Porque quase todo o comércio, que penetrava o Brasil por terra, passava pela vila da Cachoeira no período colonial.

De todas as vilas do Recôncavo é esta a mais povoada, assim pelo seu comércio, como que pela fertilidade do seu terreno, quando o seu clima é muito saudável e benigno. Saem da vila da Cachoeira diferentes estradas, o que concorre muito para fazê-la famosa, pois que de todas as minas, e sertões se vem dar àquele porto; há muitos pastos em que se refazem as cavalgadas, que pisam aquelas estradas, e os viajantes ali vão deixar uma grande parte do seu dinheiro. A estrada que sai por S. Pedro de Muritiba estende-se até Minas Novas, Rio de Contas, Serro do Frio, e todas as suas minas gerais, até que circulando vai ao Rio de Janeiro; sai outra passando pela vila de Água Fria, passa às minas da Jacobina corta parte do Piauí, e conduz até o Maranhão; e além destas saem outras de menos conta, e menor distância. (VILHENA, 1969, p.483).

Ainda no início do século XIX, a região de Cachoeira teve um desenvolvimento crescente tanto de população, quanto em sua economia, principalmente no comércio do fumo. Mas somente na segunda metade desse século, com a política Imperial e, posteriormente, a República, a economia baiana focou-se para outras regiões, gerando uma queda na produção do fumo e uma forte diminuição no comércio da cana de açúcar. Já que estas eram atividades de subsistência de economia colonial, e a estrutura política no Brasil já havia mudado, em

meio à crise do antigo sistema e às novas estratégias do Governo Imperial, surgem novos pensamentos na esfera social, religiosa e econômica de Cachoeira.

#### 1.4.3.2 A Presença dos Carmelitas em Cachoeira/BA

No final do século XVII, os carmelitas calçados fixaram-se pela região de Cachoeira. Segundo Calderón (1976, p.11-14), há registros de que:

A partir de 1686, quando foi investido no cargo de vigário provincial da vigaria da Bahia e Pernambuco, o Pe. Mestre Frei Manoel da Assunção, o primeiro que ocupou este cargo, começou a expansão dos carmelitas, que, entre outros, fundaram um hospício ou recolhimento para servir de descanso aos missionários carmelitas que percorriam os sertões, na Cachoeira do Paraguaçu, em terreno doado pelo Capitão João Rodrigues Adorno e sua mulher D. Úrsula de Azevedo, em 14 e março de 1688. [...] De posse do terreno, estabeleceram-se, em morada provisória, três religiosos sacerdotes, sendo o fundador o Rev. P. Frei Manoel da Piedade. O hospício, que fora levantado no flanco do monte conhecido por Mangabeira, no mesmo lugar que ocupara o Engenho do ilustre doador, contava, já em 1692, com seis religiosos, como atesta o governador Antônio Luiz Gonzaga da Câmara Coutinho, em carta dirigida ao Rei, no dia 11 de julho do dito ano [...] Nenhuma notícia restou sobre o aspecto do primitivo hospício carmelitano. Entretanto, pelas informações fornecidas pelo Padre Antônio Pereyra, vigário da Igreja de Nossa Senhora do Rosário da Cachoeira, a Frei Agostinho de Santa Maria, entre 1713 e 1718, sabemos de alguns altares e imagens existentes na, provavelmente modesta, igreja daquele hospício.

Assim, com a informação de que inicialmente um hospício foi instalado no local, Calderón (1976) não sabe, ao certo, quando iniciaram as obras da atual igreja da Ordem Primeira do Carmo de Cachoeira (Opcc) (ver figura 7), mas, provavelmente, na primeira metade do século XVIII.



Figura 7: Fachada da igreja da Opcc  
Fonte: Eduardo Vasconcelos Santos, 2009

Nos Setecentos, os carmelitas prosperaram em todas as suas igrejas, fazendas, hospícios. Contudo, no século seguinte, a Ordem do Carmo foi entrando em declínio na Província da Bahia e, conseqüentemente, em Cachoeira. Como já mencionado, o que ocorreu no período foi uma crise que também atingiu os carmelitas de Cachoeira, o número de frades da Ordem foi reduzindo durante o século XIX, além disso, a PCB entrou em um processo de endividamento, tendo que vender os seus bens para se manter. Até o início do século XX, registram-se várias tentativas dos religiosos de manter e ocupar o convento do Carmo em Cachoeira.

Já a Venerável Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo de Cachoeira (Otcc) foi criada logo após o estabelecimento dos carmelitas calçados na região, porque a data de sua fundação é de 1691. Calderón (1976, p.38) revela que a Otcc: “a 8 de setembro de 1696, recebeu seu compromisso, o qual foi coordenado por Frei Manoel da Natividade [...]. Por esse compromisso continuaram os Terceiros cachoeiranos a reger-se até a segunda década do século atual.” Sabe-se que os Estatutos da Ordem foram aprovados em 23 de junho de 1701, “em que foram reguladas convenientemente as obrigações recíprocas entre irmãos da Venerável Ordem Terceira e a religião do Carmo.” (CALDERÓN, 1976, p.39).<sup>96</sup>

---

<sup>96</sup> Lamentavelmente, não foram encontrados os Estatutos da Ordem dos séculos anteriores ao XX, já que estes poderiam dizer muito a respeito de como os irmãos se comportavam perante a igreja e a sociedade em geral. Em muitos documentos encontrados no Aotcc, principalmente nas Atas das Reuniões, percebe-se a menção dos irmãos aos Estatutos da Ordem, sempre que algum procedimento era adotado, como compra, entrada de irmãos, reuniões, pagamentos, estes eram realizados com base nos Estatutos da Ordem.



Essa associação de leigos era formada pelos irmãos que tinham *pureza de sangue* da elite cachoeirana e de outras regiões do Recôncavo,<sup>97</sup> subentende-se que a maioria dos abastados da região queria entrar para a Otcc, pois a vila era o segundo maior contingente populacional da Capitania da Bahia. Os franciscanos instalaram um convento em local mais distante da vila, em São Francisco do Conde, chamado de Santo Antônio do Paraguaçu, onde “[...] a Ordem Terceira da Vila de S. Francisco do Conde foi organizada e aceita no século XVII [...]” (FONSECA, 1988, p.103).

No *Catálogo das irmandades, Ordens Terceiras e Confrarias* do Apeb (2000), percebe-se que o aumento de criação de irmandades na região do Recôncavo foi somente na segunda metade do século XIX, quando surgiram as solicitações a partir dos Termos de Compromisso das Irmandades para abertura das instituições laicas locais. Outra instituição que poderia gerar uma Irmandade de brancos, a Santa Casa de Misericórdia, estabeleceu-se na região de Cachoeira somente no século XIX, na documentação do Apeb (2000, p.113), encontram-se os documentos da Santa Casa da Misericórdia de Cachoeira funcionando entre 1833-1889, existiram outras Santas Casas da Misericórdia em regiões próximas como Santo Amaro da Purificação, Feira de Santana, São Félix, mas essas também só foram estabelecidas na segunda metade do século XIX. Na verdade, foi somente a partir desse século que as associações leigas da região do Recôncavo baiano surgiram em grande quantidade.

Portanto, cabe apontar que talvez a Otcc tenha dominado a sociedade em Cachoeira e em regiões mais próximas, priorizando outro foco da elite colonial na Capitania da Bahia. Formada pelos maiores fazendeiros, aqueles produtores de fumo e cana de açúcar; pelos advogados; pelos militares; pelos comerciantes; dentre outras pessoas brancas e de prestígio social.

A sua igreja provavelmente foi construída no século XVIII, na fachada tem uma data com o ano de 1742, talvez represente a finalização das suas obras. Além da igreja, os terceiros construíram uma sacristia, e uma capela,<sup>98</sup> ao lado da capela-mor, onde foram enterrados os mais ilustres irmãos terceiros da Ordem, já que a Otcc tinha obrigações com os fiéis e o seu próprio cemitério (ver figura 8).

---

<sup>97</sup> Há registros nos livros de entradas de irmãs e irmãos da Otcc que demonstram a associação do leigo e o local onde moravam, alguns deles eram de regiões próximas no Recôncavo, como Feira de Santana (Aotcc).

<sup>98</sup> Na capela existe um cemitério, representada nos documentos do Aotcc pelo nome de *carneiro*, onde tem as sepulturas dos irmãos que são chamadas de carneiras.



Figura 8: Fachada da igreja da Otcc  
Fonte: Eduardo Vasconcelos Santos, 2009

Pelos registros de documentos (Aotcc)<sup>99</sup> armazenados na igreja da Opcc, algumas considerações podem ser refletidas em relação àquela associação de leigos. Não são encontrados muitos documentos do século XVIII, como, por exemplo, os livros de Receita e Despesas, período que supostamente ocorreram as mais importantes obras da igreja e uma grande atuação da Otcc. Nota-se, entretanto, uma pequena concentração de documentos do período de 1750 a 1850 e nenhuma documentação de período anterior.

Nos documentos, encontraram-se muitos registros de entrada de irmãos e irmãs na Ordem, suas dívidas, pagamentos, o não cumprimento da dívida, e data de falecimento e local onde foi enterrado o irmão, situando a posição nas carneiras. Os nomes de algumas irmãs que entravam para a ordem vinham normalmente associados a seus maridos ou com os seus maridos na folha de inscrição. Não obstante, alguns nomes de irmãos eram rejeitados por fatores econômicos principalmente, e depois, em alguns casos, retornavam à Ordem quando a

---

<sup>99</sup> Os documentos estão armazenados em uma sala que adentra a Igreja de Opcc. Os documentos estão acondicionados em papel pardo e fechados com fita adesiva transparente. Os pacotes estão identificados por numeração de livros (exemplo: 7 livros), escrito sobre o papel pardo. Os documentos estão guardados nos pacotes sem nenhuma organização de cunho alfabético, cronológico, bibliográfico, titulação (ver a relação de documentos discriminada no Anexo G). Alguns documentos são do século XX, em sua maioria, e alguns são do século XIX, mas poucos e raros são os do século XVIII. Segundo identificação nas capas duras dos livros, a OTCC foi fundada em 1691. Os documentos estão em delicado estado de conservação: úmidos, com cupins etc. Os documentos estão em péssimo estado de conservação, principalmente os do século XVIII e XIX que se encontram rasgados, frágeis, mutilados. Na sua maioria estão se esfacelando, dobrados nas pontas, com a tinta saindo, muitas partes estão ilegíveis. Já os documentos do início do século XIX e até a primeira metade do século XX estão, em sua maioria, melhor conservados, legíveis, sendo alguns com mofos, umidade e cupins. Os documentos do século XX, décadas de 70, 80 e 90, ainda se encontram bem conservados.

dívida da joia era quitada. Os irmãos permaneciam entre cinco e vinte anos na Otcc, raros foram os casos de irmãos com mais de trinta anos na Ordem.<sup>100</sup>

Nota-se que alguns irmãos já eram da Ordem Otcs, pois muitos nasciam na cidade da Bahia e algumas vezes pediam a entrada na Otcc como se fosse uma concessão, já que era filiado àquela outra e tinha prestígio na praça, a carta de recomendação para a entrada, muitas vezes, era a inscrição do irmão na Otcc. E assim como foi percebido por Ott, em documentação do Arquivo da Ordem Terceira do Carmo de Salvador (Aotcs): “Onde havia Carmelitas, não podiam deixar de aparecer os Terceiros do Carmo. Alguns moradores de Cachoeira já eram membros da Ordem 3ª do Carmo da cidade de Salvador.” (OTT, 1998, p.157). Essa prática de se associar a mais de uma irmandade foi percebida por Reginaldo (2005, p.200) entre quase todas as irmandades, sexos e classes sociais, pois: “se participar de uma irmandade era a garantia de solidariedade na vida e na morte, alistar-se em várias não apenas consolidava esta garantia como dava mostras de prestígio social.”

Pelos documentos encontrados no Aotcc, a atuação da Otcc se manteve por muitos anos, durante todo o século XIX e XX. Atualmente, a instituição se encontra em atividade como uma entidade jurídica, possuindo número de Cnpj,<sup>101</sup> com algumas alterações em sua estrutura e filosofia para melhor se adaptar à contemporaneidade, já que a realidade é bem diferente do período colonial. Sendo assim, a instituição é formada por membros do Conselho que constituem uma Mesa onde todo ano ocorrem eleições a novos candidatos. A instituição administra a igreja da Ordem Terceira e mantém as suas atividades, tais como: manutenção, com a ajuda de funcionários que prezam pelo patrimônio; organização de eventos dentro dos seus estabelecimentos; acesso à visitação dos turistas; dentre outras.

---

<sup>100</sup> Vale salientar que algumas considerações a respeito do Aotcc já foram registradas por Ott (1998), o autor revela que: “Não falta arquivo na Ordem 3ª do Carmo de Cachoeira; há um montão de papéis velhos que se guarda carinhosamente. Mas quando se começa a analisar estes volumes e folhas soltas, não se encontra grande coisa de interesse para o historiador da arte. Há listas compridas de Irmãos da dita Ordem, mencionando a ano em que entraram, em que fizeram profissão, se estavam em dia com suas contribuições, e, finalmente quando morreram. No que diz respeito porém à fundação da Ordem e à construção de seu edifício, os elementos encontrados são raríssimos.” (OTT, 1998, p.151-152).

<sup>101</sup> Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas.

#### 1.4.4 A Ordem Terceira do Carmo de São Cristóvão/SE

##### 1.4.4.1 São Cristóvão/SE no Período Colonial

A história da cidade de São Cristóvão no período colonial entrelaça-se com a do território de Sergipe e este, conseqüentemente, com a Capitania da Bahia. Segundo Freire (1998, p.273), “a conquista de Sergipe foi consequência da expansão colonizadora de Bahia para o norte. Antes de ser ela uma realidade, já o governador daquela capitania tinha dado diversas sesmarias aos habitantes da capital da Bahia, em território ao norte do Rio Real.”<sup>102</sup> A primeira tentativa de ocupação deste local, deu-se com os jesuítas em 1575, na missão do rio Real com o padre Gaspar Lourenço, porém com a presença de soldados no local, os índios fugiram para aldeias distantes e o trabalho dos jesuítas foi interrompido. Uma vez que Sergipe estava ocupado por muitos índios e o litoral estava sendo invadido por franceses.

Os naufrágios eram frequentes, especialmente nas barras dos rios Real e Vaza Barris; por conseguinte, também por mar as comunicações entre Baía e Pernambuco eram perigosas e difíceis, a ponto de se julgar uma viagem entre esses dois pontos mais temerosa do que entre o Brasil e Portugal. (BEZERRA, 1952, p.24).

No início da União Ibérica, por volta de 1590, Felipe II autoriza o capitão Cristóvão de Barros e sua tropa para lutar contra os índios e estabelecer ocupação nas terras de Sergipe, como afirma Freire (1998, p.273):

A conquista de Sergipe veio acabar com a solução de continuidade territorial que separava Recife da Bahia, que se constituíam como os únicos pontos de povoamento existentes no norte, durante o século, e que não poderiam continuar separados, por via terrestre, em vista da unidade e harmonia de interesses que os aproximavam. Bahia era o centro do governo colonial e Recife recebia o influxo de sua ação, não só sobre o ponto de vista político, como social.

Foi uma luta com sucesso para os portugueses, que em três lugares lutaram e no último - às margens do rio Paramopama, afluente do rio Vaza-Barris - estabilizaram-se, nomeando-o de São Cristóvão, local onde até hoje é a cidade. Até o ano de 1855, São

---

<sup>102</sup> Um dos interessados nas terras de Sergipe foi Garcia D'Ávila, com residência no litoral norte da Bahia. Nessa época ele já era proprietário de muitas terras próximas a Sergipe e de uma boa parte das terras da Capitania da Bahia, pois foi filho de Mem de Sá e criou um dos maiores esquemas latifundiários no período colonial, a Casa da Torre Garcia D'Ávila.

Cristóvão foi a capital do território de Sergipe.<sup>103</sup> Mas, no início, Cristóvão de Barros, através do sistema de sesmarias, dividiu as terras de Sergipe e as doou para sua tropa e seu filho, dessa forma, o território começou a ser povoado. De acordo com a opinião de Sampaio (2004, p.31):

Da primitiva cidade saíram às primeiras cartas de sesmarias apregoadas por Cristóvão de Barros, com o objetivo de povoar o território sergipano, começando assim o processo de colonização da nova capitania. Franco (1999, p.57) lembra: ‘entre 1594 e 1603 foram distribuídas cento e treze sesmarias. Há uma grande concentração de sesmarias entre os dois principais, o rio Vaza-Barris e o rio Sergipe’. Assim como na maior parte das cidades coloniais brasileiras, a formação do espaço urbano de São Cristóvão se iniciou com a povoação de casa de taipa, que rapidamente cresceria.

No fim do século XVI, por volta de 1597, foi construída a primeira igreja Matriz Nossa Senhora da Vitória, com sua estrutura ainda muito simples.<sup>104</sup>

Com o nome de Freguesia de N. Sr.<sup>a</sup> da Vitória, dependente do Bispado da Bahia, permaneceu a Igreja da Capitania de Sergipe até 1676. Nesta data era criado o Arcebispado da Bahia e, como consequência, Sergipe tornou-se Vigaria-Geral, significando uma Delegacia eclesiástica do Arcebispado da Bahia, situação que permaneceu até 1910 quando passou a Bispado. (NUNES, 1996, p.220).

Porém, em 1637, os holandeses chegaram ao território de Sergipe, e por alguns anos dominaram a região, devastando as plantações e queimando a cidade de São Cristóvão, deixando-a em ruínas. Então, após a saída dos holandeses, começa a reconstrução lenta da cidade de São Cristóvão.<sup>105</sup>

A vida sergipana apresentava-se próspera. Segundo o Relatório de Nassau, as famílias da Bahia aí se haviam estabelecido após a conquista de Cristóvão de Barros, funcionando quatro engenhos de açúcar de pouca importância ‘porque numa safra não rendem mais de 6.000 arrobas’, existindo 400 currais onde pastavam gado vacum, cavalos e bestas. Outro documento da época apresenta haver ‘muitas lavouras dos melhores tabacos’. Havia em São Cristóvão 100 fogos, uma igreja matriz, um convento dos carmelitas, e a receita da capitania era superior a 6\$000. Exercia o cargo de capitão-mor João Rodrigues Molenaar. (NUNES, 2006, p.83).

---

<sup>103</sup> Ver mapa do Centro Histórico e Artístico de São Cristóvão na sessão Anexo H.

<sup>104</sup> “A divisão eclesiástica, processada a partir de 1675, atesta o desenvolvimento sergipano e a preocupação das autoridades religiosas de melhor assistirem sua população. Até então só existia a Paróquia de Nossa Senhora da Vitória sediada em São Cristóvão desde os primórdios da colonização.” (NUNES, 2006, p.279).

<sup>105</sup> Isso porque a população estava em estado precário, o Rei de Portugal ajudava pouco com as despesas, sendo assim, São Cristóvão foi sendo reconstruída em muitos anos pelos seus habitantes.

Apareceram então, em terras de Sergipe del Rei, os carmelitas calçados, os franciscanos, os capuchinhos, e demais autoridades do clero secular para habitar a cidade de São Cristóvão.<sup>106</sup> Nunes (2006, p.171) aponta para o fato de que:

Sem dispor de porto que estimulasse as atividades econômicas, tornou-se uma cidade de burocratas e religiosos. Os primeiros eram os responsáveis pelo funcionamento da máquina político-administrativa: Capitão-Mor, Ouvidor, Tabelião, Inquiridor, Contador e Distribuidor, Alcaide, Carcereiro, Almtacés. Os segundos decorriam de ali se encontrar a sede do Vigário-Geral e existirem os conventos dos Carmelitas e Franciscanos.

Com a submissão, à Capitania da Bahia, Sergipe del Rei tinha uma vida política, social e religiosa que girava em torno dos interesses baianos.<sup>107</sup> A economia de gado, cana de açúcar e algodão, que, como já dito, sustentava o território baiano, chegando em 1776 a um terço desta economia. Freire (1977, p.176) afirma o seguinte:

As rendas públicas da criação do gado que, naquele tempo, era quase a única verba de receita, passaram a ser cobradas por um comissário, por ordem do governador, e não pelo poder municipal, como queria a câmara de Sergipe. De novo reclama, contra essa resolução, que tanto ou mais do que finta lançada pela câmara da Bahia, prejudica suas atribuições, e os interesses econômicos da capitania. O gado de Sergipe, além do contingente econômico para a formação da riqueza pública, servia também para abastecer a população da Bahia, e o excesso que ainda lutava no norte. A criação do gado era a profissão dominante nesses tempos. Verifica-se aqui uma lei da marcha das civilizações. Antes do sergipano ser lavrador, foi pastor. E uma razão de ordem étnica influenciou para este resultado. O maior peso específico da população era dado pelas gerações mestiças, tão contrárias às profissões de hábitos fixos. Além disto, a formação geológica da capitania não deixava também de prestar sua influência. Toda zona ocidental, constituída por terrenos agrestados, pouco próprios ao desenvolvimento de qualquer lavoura, prestava-se à criação de gado.

Seguidamente, no ano de 1822, Sergipe consegue, de certa forma, desvincular-se política e administrativamente da Bahia. Porém, até hoje se percebe a forte influência deste Estado na cultura sergipana. E no período colonial as relações foram muito próximas, tidas como referências cruciais para o desenvolvimento de Sergipe, principalmente quando a Bahia foi sede da capital do Brasil até a segunda metade do século XVIII.

---

<sup>106</sup> Segundo Nascimento (1981, p.11): “O clero regular, além da influente presença junto ao governo, passou a explorar a terra, auferindo excelentes resultados financeiros nessa atividade, cujo produto aplicavam na construção de templos”.

<sup>107</sup> “Não podemos, porém, negar essa situação, ante as contínuas intervenções dos Governadores-Gerais na vida político-administrativa sergipana, o que não ocorria com outras capitanias. Não podia a Capitania de Sergipe comerciar diretamente com o Reino, devendo seus produtos serem enviados a Salvador para a exportação, e de lá trazidos artigos importados, o que dava motivo constantes reclamações ante os prejuízos sofridos pelos produtores e comerciantes locais. Também a importação de escravos era feita através de Salvador, e em vão tentaram os proprietários rurais de Sergipe fazer o comércio direto com os portos africanos.” (NUNES, 1996, p.33).

#### 1.4.4.2 A Presença dos Carmelitas em São Cristóvão/SE

Desde o início do século XVI, os carmelitas calçados da sede da Bahia e Pernambuco tiveram interesses em fixar-se pelas terras de Sergipe, até porque era um local estratégico que ficava na passagem entre as duas regiões. Assim sendo, por volta de 1618 e 1619,<sup>108</sup> os carmelitas chegaram a Sergipe, primeiramente na região entre Bahia e Sergipe, às margens do Rio Real. Segundo Nunes (1996, p.232), os carmelitas também se localizaram em São Gonçalo, nas proximidades da Capital, em terras doadas por um devoto que ali erguera uma capela. Durante o século XVII, os carmelitas, através de doações de terras, foram se fixando em alguns pontos do território de Sergipe erguendo capelas e hospícios. Na região de Japarutuba, tomavam conta de algumas missões indígenas. Em Santo Amaro das Brotas, estabeleceram-se já no início do século XVIII. Segundo registram alguns historiadores,<sup>109</sup> com a doação do terreno da antiga capela de Santo Antônio dos frades franciscanos, os carmelitas fixaram-se em São Cristóvão no final do século XVII (ver figura 9).

---

<sup>108</sup> “Na Capitania de Sergipe del Rei já sua presença é registrada entre 1618 e 1619, segundo carta de doação de sesmaria.” (NUNES, 1996, p.232).

<sup>109</sup> Freire (1977) e Nunes (1996).



Figura 9: Fachada da igreja da Ordem Primeira do Carmo de São Cristóvão (Opesc)  
Fonte: Gabriela Caldas Gouveia de Melo, 2006

Os carmelitas tomaram posse de terras, missões, gados, escravos, dentre outros, ou através de doações de devotos da Ordem, ou por sesmarias.<sup>110</sup> Dessa forma, no final do século XVIII chegaram a ser cobiçados pelos armelitas da PCB e, ainda, causaram desavenças com os franciscanos de Sergipe, porque estes, por serem mendicantes, não podiam acumular tantas riquezas quanto os carmelitas.

Contudo, no século XIX, como antes colocado, a Ordem do Carmo foi entrando em declínio na Capitania da Bahia e, conseqüentemente, em Sergipe. Autores como Sebrão Sobrinho ([s.d], p.2) comenta que a causa foi a partir dos interesses dos carmelitas da Bahia em tomar posses dos bens dos padres sergipanos. Além desse fato, registra-se a crise geral da ordem dos carmelitas em todo o Brasil, no século XIX, fenômeno que, conforme já dito, acompanhou o caso em geral.

---

<sup>110</sup> Na pesquisa em documentos do Arquivo Estadual do Judiciário de Sergipe (Aejs), Silva (2000) indica algumas doações por senhores sergipanos de terras aos carmelitas, nos séculos XVII e XVIII, por motivo de devoção à ordem ou até mesmo herança, naquela época, esse gesto era comum, como contribuição para manter a Ordem e demonstrar o quanto se era devoto e fiel à igreja e ao santo preferido. Além disso, constata-se a riqueza de posses dos frades carmelitas quando se percebe em alguns documentos relatos de alforria de escravos negros que foram daqueles frades.



No século XIX, muitas transações foram feitas até que a quantidade de padres carmelitas em São Cristóvão diminuiu consideravelmente, a Ordem do Carmo da Bahia tomou posse de muitas terras e surgiu a seu declínio definitivo. Para tentar manter o patrimônio, a PCB vendeu os conventos de São Cristóvão e demais propriedades para outros religiosos e famílias sergipanas ao longo do século XIX e XX.<sup>111</sup>

Em Sergipe del Rei, a fundação da Ordem Terceira do Carmo de São Cristóvão (Otcsc) foi realizada ainda no século XVII.<sup>112</sup> Nunes (1996) diz que a Otcsc foi criada em 26 de dezembro de 1666 e que inicialmente não tinha capela própria.<sup>113</sup> Sabe-se que essa associação de leigos era formada pelos irmãos brancos da elite sergipana, todos queriam entrar para a Ordem do Carmo, além das que existiam em Sergipe como as de São Francisco, Santa Casa da Misericórdia e a Irmandade do Santíssimo Sacramento, que permitiam a entrada de uma sociedade branca e abastada. Por isso, surgem desavenças principalmente por parte dos irmãos da Opcsc e da Ordem Terceira de São Francisco (Otsf) em São Cristóvão durante todo o século XVIII. Segundo informação, baseada em documento do Arquivo Histórico Ultramarino (AHU), Nunes (1996, p.256) afirma que:

A Ordem do Carmo usufruiu de grande prestígio na sociedade sergipana, dela fazendo parte seus nomes mais importantes. Testemunha a sua importância a informação dos Franciscanos que, quando pretenderam interpor recurso contra a posse pelos Carmelitas da Igreja de N. S. de Comandaroba, a eles doada pelo Coronel Felipe Pereira do Lago e sua mulher, não encontravam advogado para a questão, pois todas as pessoas consultadas alegavam pertencer à Ordem Terceira do Carmo.

A sua igreja - denominada de Nosso Senhor dos Passos ou Carmo Menor (ver figura 10) - anexa à igreja conventual, foi construída no século XVIII, já que as irmandades se estabeleciam após a autorização dos clérigos.

---

<sup>111</sup> Essas informações podem ser comprovadas a partir de Declarações de bens e Cartas feitas pelos religiosos carmelitas durante todo o século XIX em documentação disponível no Aejs e no Acbh.

<sup>112</sup> Até o momento, os documentos da Otcsc não foram localizados por nenhum pesquisador, pois não estão no seu local de origem, cogita-se entre os estudiosos a sua destruição ou retirada para outro local. Porém, os documentos que existem sobre os carmelitas de Sergipe tratam exclusivamente dos frades da Ordem Primeira e, em sua maioria, estão localizados no Aejs em Aracaju/SE, no Apeb em Salvador/BA e no Acbh em Belo Horizonte/MG.

<sup>113</sup> O que não é improvável, já que a Otcsc foi fundada em 1644.



Figura 10: Fachada da igreja da Otcsc  
Fonte: Roberta Bacellar Orazem, 2006

Com base em documentos da Biblioteca Nacional (BN),<sup>114</sup> Nunes (1996, p.256) informa que “as obras da Capela começaram em 1675, [...] mas só estariam concluídas em 1778/1779.”

Todavia, de acordo com Sebrão Sobrinho ([s.d.]), Nunes (1996), Nascimento (1981), Bazin (1983), Vilela e Silva (1989), Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN, [s.d.]), chega-se a um consenso quando afirmam que houve uma ampliação da Capela do Carmo entre 1739 e 1745, tendo como mestre e prior da época Frei Antônio de Santa Eufrásia Barbosa.<sup>115</sup> Por essa afirmação, supõe-se que a ampliação não se refere à reconstrução do Convento, mas sim ao surgimento da definitiva igreja da Otcsc e sua sacristia. A ideia se complementa tendo em vista que aqueles autores remetem as obras ao Frei Antônio de Santa Eufrásia Barbosa que foi um seguidor de Santa Teresa de Jesus.<sup>116</sup>

<sup>114</sup> Sergipe – Apontamentos de para a História, BN – Secção de Manuscritos, 19, 4, 13. (NUNES, 1996).

<sup>115</sup> Segundo Coutinho e Souza (2001, p.318): “BARBOSA, Antônio de Santa Eufrásia, Frei do século XVIII, carmelita descalço, duas vezes superior do convento de SE, reitor do convento de Pilar, BA, ex-provincial e visitador geral da ordem, da Acad. Basílica dos Renascidos.”

<sup>116</sup> Uma vez que a igreja e a sacristia possuem características simbólicas e artísticas Teresianas.

Não obstante às demais Ordens e Irmandades no Brasil colonial, é percebido que o século XVIII foi um dos mais prósperos para a Otcsc,<sup>117</sup> quando os seus associados se destacavam economicamente e, certamente, financiaram as maiores obras arquitetônicas e artísticas e as melhores festas religiosas da sociedade colonial em Sergipe del Rei. Apesar da falta de documentação, sabe-se que a Otcsc sobreviveu até o século XX, quando em 1970 surge uma correspondência, ao Arcebispo de Aracaju Dom Luciano Cabral Duarte, do funcionário do Iphan preocupado com a desordem na igreja devido à morte do último irmão da Otcsc.<sup>118</sup> Em resposta a essa carta, Dom Luciano Cabral Duarte revela que a solução definitiva tomada por ele foi extinguir a Otcsc e criar uma Associação do Carmo na cidade.<sup>119</sup>

---

<sup>117</sup> Como já mencionado, o século XVIII foi o período de maior prosperidade para as Ordens Terceiras em todo o Brasil.

<sup>118</sup> Ver carta no Anexo I.

<sup>119</sup> Ver carta no Anexo J.

## 2 OS PROGRAMAS ICONOGRÁFICOS E A PINTURA NO INTERIOR DAS IGREJAS CARMELITAS DO BRASIL

*Ó Mãe bem-aventurada. Nós te temos esperado tanto! Tu, que instituístes a nossa Ordem. E a tens organizado e guiado com perfeição! Ajoelhados a teus pés, ó toda santa, Mãe primeira da Família Carmelitana, todos nós que estamos nesta montanha, saciamos a sede de nosso coração nas tuas fontes. Nós, com sinceridade, nos reconhecemos guiados por tua mão ajudados por teu socorro, iluminados por tua luz! Transforma-nos em ti e a nossa vida na tua. Então, ó Senhora nossa, fica entre nós. Ó Maria, nos buscamos um refúgio em teu seio. É preciso que a Mãe permaneça com seus filhos, a Mestre com seus discípulos, a Priora com seus monges.* (ARNOLD BOSTIO apud BOAGA, [s.d.], p.33).

### 2.1 ARTESÃOS, TÉCNICAS, MATERIAIS E ESTILOS ARTÍSTICOS

A pintura do período colonial no Brasil foi em grande parte uma linguagem utilizada para a produção da arte religiosa, seja na produção de quadros, na decoração dos altares, na encarnação das esculturas dos santos, dentre outras atividades. A produção pictórica tem seus princípios na Europa, uma vez que, com a Contrarreforma, intensifica-se o uso das imagens a serviço da Igreja para atrair os fiéis. Nesse sentido, a arte religiosa no Brasil seguiu as regras portuguesas.

Ao estudar a arte pictórica católica daquele período, não se pode deixar de entender essa arte como parte do conjunto arquitetônico do templo religioso. As igrejas Barrocas, principalmente, foram planejadas a partir de um modelo geral onde cada espaço tinha um elemento decorativo e de devoção para a contemplação dos fiéis.

[...] a pintura barroca teve seu desenvolvimento favorecido pela arquitetura tanto através da utilização de determinados elementos construtivos como pela disposição das peças em planta. [...] E, como no Barroco, a arquitetura predominava sobre as demais manifestações artísticas, logicamente também influía diretamente sobre as características principais da pintura do período. Ocorre, por outro lado, que na época, muitos arquitetos eram também pintores (ou escultores), fato que ainda mais ampliava seu campo de influência na composição geral das edificações. (MELLO, 1983, p.63-64).

Os templos eram decorados com vários tipos de pinturas, sendo que existia um plano iconográfico para cada Igreja, geralmente agregado ao plano de arquitetura, com base nos tratados ou manuais de pintura e arquitetura da Europa. Esses tratados foram divulgados além-mar e, chegando ao Brasil, os arquitetos e pintores tentavam seguir à risca, por exemplo, as regras de proporção e de perspectiva detalhados naqueles compêndios.

Magno Mello cita dois momentos na pintura decorativa portuguesa: os artistas descendentes dos formulários de Bacherelli e aqueles dependentes da difusão do tratado 'Perspectiva Pictorum et architectorum', de Andrea Pozzo, que foi traduzido para o português, em 1768, pelo Frei José de Santo Antônio Ferreira Villaça. [...] Pedro Dias, destaca a importância da pintura brasileira como uma das disciplinas de maior valor para a arte local, em especial a pintura ilusionista dos tetos das capelas e igrejas da Bahia, Pernambuco e Minas Gerais. Porém, afirma que as primeiras pinturas possuíam, em sua maioria, origem reinol e de alguns países europeus. O seu desenvolvimento se processou a partir da inspiração italiana, *com formulário claramente barroco, evoluindo depois para o rococó*. (CAMPOS, 2003, p.43).

Por sua vez, Gervásio (2005, p,5) afirma que as principais fontes dos pintores coloniais eram os manuais, os livros de emblema e as gravuras (ver figura 11).



Figura 11: Exemplo de gravura europeia contrarreformista produzida por Simon Vouet no ano de 1637  
Fonte: Biblioteca Nacional de Portugal, disponível em: <<http://www.bnportugal.pt>>, acesso em: 6 jan. 2009

Sobre os manuais:

Os manuais de arte e pintura eram comuns desde a Idade Média em toda a Europa. Eles se constituíam por um compêndio de escritos antigos sobre as técnicas aludidas e visavam fornecer preceitos e normas aos artistas. Possuíam como sistemas fundamentais a teoria da proporção, embasada por um princípio clássico [...]. A teoria da perspectiva também estava presente nos manuais a partir do Renascimento, em obras como a do Pe. Andrea Pozzo, que permitiram a circulação da técnica de pintura perspectivada [...]. (GERVÁSIO, 2005, p.5).

Freire (2007, p.397) comenta o uso desses materiais para a produção da arte religiosa das igrejas da Contrarreforma:

[...] nos tratados arquitetônicos e ornamentais publicados na Europa do século XVI ao XIX e nas gravuras avulsas produzidas nos grandes centros europeus de criação artística. Tanto os tratados quanto as gravuras eram utilizados pelos artistas na Europa e no Brasil como fontes de inspiração para seus projetos, mais ainda as gravuras, que eram baratas e, portanto, acessíveis aos artistas.

Para os elementos decorativos e simbólicos, o artista também utilizava outras referências visuais, ou seja, os livros de emblemas de alegorias (ver figura 12). Com eles, o pintor copiava o princípio moral e simbólico da imagem, além de seguir os traços estilísticos.

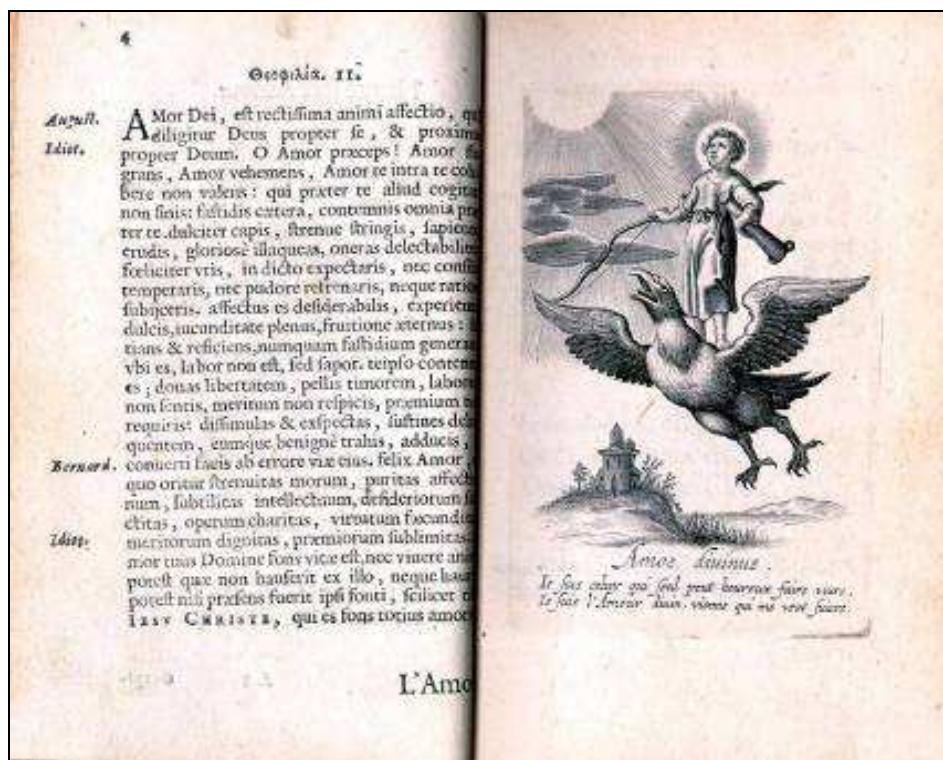


Figura 12: Página de um livro de emblemas intitulado *Amoris divini...* - por Snyder e Wolsschat – Antuérpia (1629)

Fonte: Universidade de Glasgow (Coleções Especiais), disponível em: <<http://special.lib.gla.ac.uk/teach/emblems/love.html>>, acesso em: 15 ago. 2009

O livro de emblemática era constituído de várias gravuras, nas quais haviam imagens simbólicas que retratavam uma lição moral da Igreja, como as virtudes, o amor, a caridade, dentre outros princípios. Os emblemas eram formados por três partes: a *imagem simbólica e enigmática*, que só podia ser decifrada com o *título* e o *texto*, habitualmente escritos em latim.

Ao citar dois importantes livros de emblemas europeus que tiveram repercussão no Renascimento, mas que perduraram no período da Contrarreforma - *Emblemas* de Alciato e *Iconologia* de Cesare Ripa -, Freire (2006-a, p.163) discute que:

As publicações que tratam da emblemática das alegorias não se restringem aos dois autores citados, pois, são muitos os intelectuais que publicam nos séculos do Renascimento e no período barroco, criando uma tradição literária e artística vasta e complexa, que se difunde por toda Europa, pela Península Ibérica e por todo mundo colonizado pela Espanha e Portugal.

Mais adiante, Freire (2006-a, p.163) comenta sobre o uso desses emblemas na arte da Bahia colonial:

Na arte baiana setecentista a ocorrência das alegorias é feita de maneira muito pontual, considerando-se o patrimônio artístico preservado desse século, pois muito foi destruído, dificultando-nos uma análise mais precisa do fenômeno. Do que restou em termos arquitetônicos, da ornamentação entalhada, da pintura e da azulejaria, contamos com ocorrências [...] na qual as alegorias das virtudes e dos vícios são apresentadas em quadros relacionando-se em um contexto narrativo, com lemas inscritos contendo lições moralizadoras.

Diniz (apud Gervásio, 2005, p.4) exemplifica de que forma circulavam os impressos na Colônia:

[...] existiam nas Minas comerciantes de artigos importados, que, a partir das encomendas, traziam para a Colônia os livros-objetos para os mais variados usos: devoção, produção de saber e também fruição estética. Dentre missais, bíblias, biografias de santos, teologia, manuais, livros de retórica, poética, poesia, emblemas e empresas, vários eram aqueles que auxiliavam, de diversos modos, os artífices no período colonial. Pois estas obras estavam presentes tanto no acervo particular dos artistas [...], quanto nas próprias irmandades – principais mecenas e fundamentais no sentido de definir a temática e o modo de exposição da obra.

As gravuras religiosas baseavam-se em cenas da Bíblia ou da vida dos santos católicos, como um exemplo moral e espiritual a ser seguido pelos fiéis.

Nesse interregno, a produção artística de cunho religioso na Bahia no período estudado volta-se para o resgate de imagens pertencentes a experiência cotidiana dos santos e de figuras iminentes das ordens religiosas ou leigas retratadas em imagens e pinturas nos templos aqui analisados. Poder-se-ia fazer uma longa lista de Nossas Senhoras, Cristos, Joãos e Marias, que nos tetos e paredes exibindo suas chagas e outros sinais de sofrimento e êxtase, que lhes asseguram o status de bem-aventurados entre aqueles que passaram por uma vida terrena, confirmando-lhes o papel de espelho de vida para o leigo [...]. (CAMPOS, 2003, p.169).



O planejamento da cena pictórica era feito geralmente a partir de uma gravura da vida de um santo ou da Virgem Maria e de Jesus Cristo e/ou do princípio moral de uma cena emblemática, às vezes, mudavam-se os personagens ou utilizava-se mais de uma gravura para compor a cena.

[...] os pintores luso-brasileiros seguiam uma prática comum em Portugal e em outros países da América Espanhola - o uso de gravuras como modelos para suas composições pictóricas. Todavia, isso não significa que agiam como simples copistas, ou que não possuíam engenhosidade, como comprova-se pela constante reconfiguração dos elementos nas pinturas. O historiador Victor Serrão enfatiza esse aspecto ao tratar desta prática entre os pintores lusos. 'A simples posse de uma estampa acabada de chegar ao mercado português permitia a um pintor nacional de medianos recursos, não só a opção imediata da réplica pura e simples, mas também a arrojada aventura de outra fórmula interpretativa, a coragem da sua reformulação pontual, um convite a novas sugestões de pesquisa formal'. (SOUZA e BORGES, 2005, p.4).

O estilo artístico que predominou durante o período colonial no Brasil foi o Barroco, seguido de um novo gosto ao estilo Rococó na segunda metade do século XVIII, e, posteriormente, no século XIX, surgiram mudanças para o Neoclássico. Foi percebido que, muitas vezes, houve hibridização, ou o uso concomitante de vários estilos artísticos na pintura, mas, sobretudo, na arquitetura e na talha religiosa.

A cada momento, a arte Barroca no Brasil sofreu variações estilísticas de acordo com a mudança de gostos e de reinados em Portugal, tendo algumas fases com nomes pré-definidos que foram os estilos: Nacional Português,<sup>120</sup> Dom João V<sup>121</sup> (ou Joanino) e Pombalino.

Essas tendências lusitanas influenciaram a arquitetura e demais elementos artísticos dos interiores das igrejas do Brasil da seguinte forma: no século XVII, surgiu o denominado estilo Nacional Português, onde a fachada era mais voltada para os conceitos maneiristas, porém, o interior das igrejas tinha a predominância de talha dourada nos retábulos e arquitetura. No segundo momento, predominou o estilo Dom João V, que surgiu de forma mais constante nos interiores das igrejas brasileiras na primeira metade do século XVIII, principalmente nas mais monumentais, também chamado de estilo Joanino, período de uma forte influência italiana no Barroco. E, por fim, entende-se que houve o estilo Pombalino, sendo influenciado pelo estilo do arquiteto italiano Borromini, que, segundo Oliveira (2003,

---

<sup>120</sup> Ver referência deste termo e dos demais termos artísticos e arquitetônicos na sessão Glossário deste trabalho.

<sup>121</sup> D. João V de Portugal, nasceu em Lisboa, Portugal, em 22 de outubro de 1689, e morreu em Lisboa, Portugal, em 31 de julho de 1750, reinou desde o dia 1 de janeiro de 1707 até a sua morte. Foi considerado pelos historiadores como um dos reis mais extravagantes de Portugal, gastando muito dinheiro dos cofres públicos, uma vez que o seu reinado coincidiu, dentre outras questões, com o apogeu do ouro no Brasil.



p.128): “[...] a fusão do modelo italiano com as tradições próprias da arquitetura portuguesa daria origem às chamadas igrejas pombalinas, expressão original do Barroco tardio aclimatado em solo lusitano.” No Brasil, essa influência se fez principalmente nas fachadas das igrejas, muito pouco em seus interiores.

Na segunda metade do século XVIII, surgiu o estilo Rococó, momento em que ainda predominavam as tendências artísticas do Barroco. Essas mudanças, em Portugal, coincidiram com o terremoto de Lisboa, em 1755, sendo necessário reformar ou reconstruir as igrejas destruídas, principalmente seus interiores, optou-se pelo Rococó religioso, influenciados principalmente pela França e Alemanha. E o Brasil seguiu essa mesma tendência, inserindo aos poucos, na segunda metade do século XVIII, o Rococó em seus ambientes religiosos, muitas vezes, misturando-se aos elementos artísticos do Barroco.

Segundo Ferreira-Alves (2003, p.4): “o estilo Pombalino evidenciado na arquitetura civil coabita com uma arquitetura religiosa vinculada ao Joanino e ao Rococó, que constituem a base, mais ou menos acentuada, do discurso tardo-Barroco da arquitectura portuguesa da segunda metade do século XVIII.”

Como já fora mencionado, as novas mudanças de pensamento da sociedade europeia e, conseqüentemente, do Brasil, preponderaram não só nas questões políticas, religiosas, econômicas, mas também artísticas no final do século XVIII e início do século XIX. Dessa forma, os templos no Brasil passam a sofrer mudanças estéticas, no intuito de “limpar” os excessos decorativos dos estilos artísticos anteriores, o Neoclássico foi sendo inserido a partir do século XIX.<sup>122</sup> As igrejas sofreram reformas em sua talha e na pintura, muitas vezes, destruiu-se totalmente ou camuflou-se a arte Barroca e/ou Rococó, para dar espaço aos novos elementos de tradição clássica. Na pintura, ocorreram repinturas em cima de quadros em estilo Barroco ou foram feitas novas pinturas em estilo mais clássico.

Em quase todas as igrejas católicas do período colonial, as pinturas foram identificadas com variações que mudam de acordo com a função dentro da arquitetura, foram encontradas, portanto, a pintura em caixotões, de teto em perspectiva, parietal em quadros, de retábulo, de ex-voto.

As variações pictóricas e iconográficas também dependiam das condições locais do artista contratado, das mudanças de gostos e estilos na sociedade, da quantia investida em cada encomenda, ou da condição econômica dos leigos de cada região. Essas questões vão

---

<sup>122</sup> Ver trabalhos de Pereira (2005) intitulado *A pintura baiana na transição do Barroco ao Neoclássico* e Freire (2006-b) intitulado *A talha neoclássica na Bahia*.

influenciar o tamanho das pinturas e da arquitetura, onde elas estariam inseridas, os estilos artísticos, as temáticas, as técnicas artísticas, dentre outras possibilidades.

Conforme citado anteriormente, foram contratados profissionais chamados de oficiais mecânicos para a produção dos serviços artísticos. No caso da pintura, a depender do gênero, contratavam-se pintores, douradores, entalhadores, marceneiros, entre outros, pois, além da tábua pintada, a composição se constituía de talha, ou seja, de molduras e elementos decorativos em madeira. Sobre a atuação desses profissionais nos Setecentos no Brasil, D'Araújo (2000, p.95) relata que:

Na época atuavam na capital da Colônia cerca de sessenta e nove pintores ou mestres-pintores que geralmente eram designados como artífices, artesãos, douradores, encarnadores de imagens. Desse grupo apenas catorze eram chamados de 'pintores artistas', isto é, além das tarefas de douramentos e encarnação, realizavam obras artísticas.

Flexor (1974, p.16) também se refere a esses trabalhadores:

Os pintores, escultores, engenheiros, arquitetos eram considerados profissionais liberais - estes dois últimos engajados militarmente - e independiam da Câmara para exercerem suas profissões. Em Lisboa, quando queriam usar dos mesmos direitos que os oficiais mecânicos ou ser eleitos para a Casa dos Vinte e Quatro,<sup>123</sup> incorporavam-se à bandeira correspondente. Não podendo exercer nenhuma atividade administrativa ou ter qualquer privilégio ou maiores direitos, era-lhes mais vantajoso, em Salvador, trabalhar independentemente de qualquer ligação com as corporações mecânicas.

No Brasil, os ofícios mecânicos eram exercidos por brancos, alguns deles portugueses, mas, em sua maioria, por pardos, por serem atividades que estavam inseridas no modelo escravocrata da época. De acordo com Froner (2004, p.337-338):

[...] Nessa linha de conduta, até mesmo no processo de contratação os privilégios permaneciam voltados para os oficiais e mestres brancos, mesmo em obras de irmandades negras ou pardas. Os riscos das igrejas e os programas decorativos foram determinados, na maioria das vezes, pelos brancos reinóis intitulados arquitetos e engenheiros militares, reconhecidos tanto na Colônia, quanto na Metrópole. Pouco a pouco, o espaço de atuação dos homens pardos cresce na rígida estrutura escravista, algumas vezes sob influências de homens brancos - pais e mestres -, outras devido à reputação e ao reconhecimento atingidos após anos de profissão. Os oficiais, uma vez que não possuíam uma organização grupal regular, desligados das amarras das corporações de ofício, tiveram seu trabalho avaliado pelo prestígio e pelo grau de aceitação do público.

---

<sup>123</sup> Conforme Flexor (1974, p.57-58), a Casa dos Vinte e Quatro em Lisboa funcionava da seguinte forma: "O governo municipal era exercido pelos vereadores, mas nos assuntos de grande importância deviam convocar o conselho para que se ouvisse também ao povo. O prejuízo das grandes concentrações fez nascer o sistema de representações delegadas de onde nasceu a 'Casa dos Vinte Quatro'. 'A Casa dos Vinte Quatro ou assembléia dos deputados dos ofícios mecânicos elegia os seus representantes ao Senado da Câmara que eram o juiz do povo, como presidente da Casa, e os procuradores dos mestres', tendo a faculdade, em última instância, de recorrer diretamente ao Rei."

Todavia, Flexor (apud CAMPOS, 2003, p.257) afirma que: “em Salvador, o maior número de escravos negros e mulatos ocupados nos ofícios mecânicos aparece no século XIX, diante do diminuto poder da Câmara no controle dos ingressos nas profissões mecânicas e as irmandades profissionais não possuem mais sua antiga organização rígida.” O trabalho dos negros e mulatos predominou devido ao forte sistema escravocrata no período colonial, mas já no século XIX foi grande a incidência de escravos que trabalhavam para seus donos e, mais ainda, que se tornaram trabalhadores livres.

Os escravos realizavam serviços no comércio, na lavoura, no transporte de pessoas e mercadorias, bem como nos serviços domésticos. Dentre tantos ofícios executados pelos escravos, salientam-se os chamados oficiais e artesãos, designados assim por Maria José Andrade, que assim os distribui: alfaiate, alambiqueiro, amassador, barbeiro e cabeleireiro, cabouqueiro, calafate, canteiro, caldeireiro, carpinteiro, cravador, serviço de curtume, empalhador, estanhador, estaleiro, ferrador, ferreiro, folieiro, fundidor, fabrico de algodão, funileiro, imaginário, lavrador de madeira, marceneiro, oleiro, ourives, padeiro, pedreiro, pintor, polidor, pisador de tabaco, sapateiro, serrador, serralheiro, de serviço de fundir cobre, de fazer contas de ouro na prensa, tanceiro e torneiro. (CAMPOS, 2003, p.67).

Assim, como no sistema europeu, os ofícios mecânicos no Brasil, principalmente a pintura, organizavam-se em atelies. Em alguns casos, era concedida pela Câmara a liberação para que o profissional trabalhasse em um local, geralmente uma loja alugada, chamada de tenda. Existia uma equipe de trabalho onde o pintor, chamado de mestre, assumia a responsabilidade dos serviços contratados, pois tinha a maior experiência e era quem dominava as técnicas pictóricas. Dentro do sistema, existiam os colaboradores chamados de aprendizes, que estavam lá para cumprir os serviços solicitados pelas encomendas e também para aprender o ofício com o mestre, houveram aqueles que se tornaram donos do seu próprio negócio ou que foram reconhecidos como excelentes pintores na região.

[...] Os *ateliers* tinham a mesma estrutura e funcionamento das oficinas. Em geral o mestre fazia o ‘risco’ ou ‘inventava’ e pintava as partes nobres – rosto, mão e pés – deixando o resto para seus colaboradores. A maestria era reconhecida quando o oficial fosse capaz de copiar os grandes mestres. Assim, a forma de trabalho e a concepção de pintura permitiram que muitas delas se parecessem umas com as outras. Também se procurou identificar e perceber os encomendantes e o estatuto do trabalho que regia as formas de parceria. Foi de fundamental importância enumerar as técnicas e os materiais utilizados que dão conta do processo de planejamento, elaboração e execução das obras, e que refletiam a condição econômica das irmandades, responsáveis pelo gosto e temáticas escolhidos. (CAMPOS, 2003, p.19-20).

Às vezes, o pintor passava a formar parte da irmandade da qual ele próprio tinha recebido a encomenda, como é o caso de um pintor que solicitou a entrada como irmão da Otcs, sobre esse caso, Campos (2000, p.259) baseia-se em um documento preservado no Arquivo Carlos Ott (ACO):

O pintor tinha o seu ofício dirigido às encomendas de imagens religiosas e alguns se sentiam integrados por vocação e fé a estas mesmas irmandades. O pintor José Joaquim de Santa Ana Calmão (17...-1823), morou entre 1780-1781 em casa pertencente a Ordem Terceira do Carmo de Salvador, onde tinha a sua tenda. Em 1782, o mestre pintor pediu admissão na ordem para melhor servir o desejo e devoção que tem com a May de Deus e Senhora do Monte Carmelo. Contudo, esta adesão era mais uma forma de estar em evidência em ambientes frequentados pelas elites e ao pertencer a mais de uma irmandade garantia mais prestígio social para si e sua família. O mestre pintor pediu nova admissão em 1787, desta vez para a Irmandade do SS. Sacramento de São Pedro Velho e, em 1799, foi admitido como irmão da Santa Casa de Misericórdia de Salvador.

Para produzir as obras artísticas, as irmandades faziam o contrato através do mestre-pintor, que assumia a responsabilidade do serviço, porém toda equipe realizava o trabalho.

A tinta utilizada pelos artistas durante o século XVII foi a têmpera, mas, já no século XVIII, a tinta a óleo se tornou habitual entre os pintores. Na talha que emoldura os quadros se utilizava a técnica da douradura, ou talha dourada. As molduras também possuíam decorações, usualmente de fitomórficos, tanto no douramento quanto em detalhes pictóricos coloridos.

O tipo de pintura geralmente mais encontrado nas igrejas é o de teto em caixotões, pois nela são inseridos vários quadros onde se expõem cenas da vida de um santo ou de Nossa Senhora. Segundo Campos (2000, p.41): “[...] os avanços nos gêneros de pinturas de tetos deu-se integrado a um programa de construção e embelezamento dos templos das ordens religiosas que se instalaram em terras baianas a partir do século XVI e que puderam alcançar melhores condições materiais no século XVIII.”

O tipo de pinturas de tetos com vários quadros emoldurados e decorados, conhecidos como caixotões, foi frequente na Europa, utilizado nos programas iconográficos das igrejas e em tetos dos palácios renascentistas no século XVI, principalmente na Itália. Esse gênero pictórico foi trazido para o Brasil no século XVI.

Foi encontrado também o tipo de pintura de teto em perspectiva (pintura de quadratura ou ilusionista), que, no Brasil, foi aplicada a partir do século XVIII em igrejas principalmente na Bahia, Rio de Janeiro e Minas (ver figura 13).



Figura 13: Pintura de teto em quadratura da igreja da Otsf da Penitência no Rio de Janeiro de autoria de Caetano de Costa Coelho (segundo quartel do séc. XVIII)

Fonte: Carlos Kramer, disponível em: <<http://www.flickr.com>>, acesso em: 28 set. 2009

Acerca da pintura ilusionista no Brasil, Mello (2001, p.22) explica:

O estudo da pintura pode ser abordado em quatro fases distintas sob o ponto de vista didático ou seja, a região Norte, com Pernambuco e Paraíba; a área de influência de Salvador da Bahia; a 'escola' fluminense do Rio de Janeiro e o quarto momento, na capitania do ouro das Minas Gerais. Muitos foram os nomes que nestas regiões estiveram vinculados ao desenvolvimento da arte brasileira, sempre contando com a presença de pintores portugueses.

As pinturas de perspectiva geralmente eram aplicadas nos tetos das naves centrais das igrejas, sem molduras, ao centro existia uma cena principal para a qual as demais imagens deveriam convergir.

[...] Inaugurando um novo período na história da pintura do Brasil, as pinturas ilusionistas, sem as divisões em molduras (*quadri reportati*) da fase anterior, sobre tábuas corridas com a representação de cenas celestiais como apoteoses de santos, passaram a ser um gênero que atingira forte expressão na pintura barroca brasileira. (D'ARAÚJO, 2000, p.94).

O tipo de pintura em perspectiva é de essência Barroca, pois teve influência direta das pinturas italianas, principalmente por aquelas embasadas nas teorias de Andrea Pozzo, o qual repercutiu em Portugal e, conseqüentemente, no Brasil.

[...] o modelo, que nos foi trazido de Portugal, rematava a perspectiva arquitetônica com um quadro no teto, onde, por exemplo, os italianos tinham predileção em desenvolver uma visão na profundidade celestial. Compreende-se, diante da complexidade dessas composições, que a arte da pintura denominasse a 'ciência da pintura', em razão dos conhecimentos exigidos do artista: desenho, geometria,

perspectiva, simetria, anatomia, arquitetura, harmonia de cores, além da técnica pictórica [...]. (DEL NEGRO, 1978, p.220).

Além daquelas, podem ser encontradas pinturas em painéis, produzidas no século XVIII e XIX, esse gênero esteve presente durante todo o período colonial no Brasil. Em parte dos programas iconográficos das igrejas, essas pinturas preenchiam a talha com painéis emoldurados e decorados e, em cada um deles, a presença de um santo da ordem religiosa. Porém, a partir do século XIX, esse gênero se proliferou principalmente com a nova mudança de gosto estético para o estilo Neoclássico com a reforma das igrejas no Brasil, principalmente na Bahia e no Rio de Janeiro.

Existiram também as imagens pintadas dentro dos retábulos, produzidas durante todo período colonial no Brasil, dentro de uma mesma concepção de preencher os espaços arquitetônicos e com as representações dos santos e de Jesus Cristo (ver figura 14).



Figura 14: Pintura de retábulo lateral com a imagem de Santa Teresa de Jesus da igreja da Ordem Terceira do Carmo de João Pessoa/PB (séc. XVIII)  
Fonte: Valladares (1983)

Além desses tipos de pintura, outro gênero aplicado no Brasil Colônia foi a prática popular de pinturas de ex-votos. A intenção do fazer artístico desse tipo de pintura foi totalmente diferente dos demais aqui expostos, uma vez que a sua produção era encomendada pelo fiel que, tendo sua graça atendida por um santo, mandava um pintor realizar a cena onde

se agradecia a bênção. Posteriormente, essas pinturas eram colocadas nas igrejas onde havia o culto a aquele santo de devoção, geralmente o depósito do quadro se fazia nos dias festivos.

A pintura de ex-voto tinha mais um sentido devocional do que propriamente educacional, pois ela é um tipo de pintura “em que os fins para os quais se destina, importavam mais do que seus aspectos estéticos.” (ABREU, 2005-b, p.203). Porém não deixou de ser um tipo curioso e de grande importância para o acervo pictórico colonial, em que predomina um mesmo esquema formal em todas as pinturas de ex-votos encontradas em Portugal, no Brasil e na América espanhola.

A prática e o modelo básico do ex-voto pintado chegaram ao Brasil por intermédio do colonizador português. As coleções mais antigas do ex-voto pintado português datam da sua grande parte do século XVII, embora haja referência a retábulos executados no século XVI, hoje desaparecidos. No Brasil, o ex-voto pintado teve curso nos séculos XVII e XVIII, no contexto da religião católica, com características composicionais, técnicas e linguísticas de prototípia portuguesa. [...] Essas tábuas votivas pintadas fixavam no terço médio da composição a representação do ofertante, em geral do enfermo no leito devido a moléstia ou a acidente; a legenda aparece no terço inferior e a divindade na terço superior da pintura. [...]. (FROTA, 1994, p.20).

Atualmente, são encontradas poucas pinturas de ex-votos que foram produzidas no período colonial no Brasil, talvez por ter sido um tipo de pintura inerente ao modelo iconográfico das igrejas, ou a sua manutenção tenha sido muito mais precária do que a dos demais tipos de pintura. Neves (2009, p.20) justifica o desaparecimento dessas placas votivas:

Frágeis em termos dos materiais utilizados, pouco valorizados socialmente após a realização do ato propiciatório, ocupando um espaço considerável nos templos, os pequenos quadros tendiam a ser periodicamente descartados para dar lugar a novos. No século XIX, as próprias autoridades eclesiais passaram a desestimular a prática votiva, que julgavam ter assumido um caráter excessivamente profano.

Existem poucos trabalhos sobre os ex-votos, em comparação com as pesquisas sobre outros gêneros de pintura colonial, mas alguns deles localizam coleções pintadas na Europa, na América espanhola e no Brasil (ver figura 15).





Figura 15: Ex-voto da região de Azaruja (Portugal) dedicado a Nossa Senhora do Carmo no ano de 1830  
 Fonte: < [http://www.tripadvisor.com/Hotel\\_Review-g658463-d648546-Reviews-Monte\\_do\\_Carmo\\_Hotel\\_Rural-Azaruja\\_Alentejo.html](http://www.tripadvisor.com/Hotel_Review-g658463-d648546-Reviews-Monte_do_Carmo_Hotel_Rural-Azaruja_Alentejo.html)>, acesso em: 1 ago. 2009

Internacionalmente, há a referência do trabalho de Bernard Cousin (1983); no Brasil, as pesquisas de Guilherme Pereira das Neves (2000, 2002, 2003 e 2009), Jean Luiz Neves Abreu (2001, 2005-a, 2005-b e 2009) e João Pessoa (2001), a maioria se debruça no estudo de raras coleções existentes em Angra dos Reis/RJ e Congonhas do Campo/MG (ver figura 16).

No Brasil, os mais antigos ex-votos pintados parecem datar do início do século XVIII, e, como na Europa, eles tenderam a se acumular em locais de peregrinação. É o caso daqueles que se encontram na Igreja do Bonfim, em Salvador (BA), e no Santuário do Bom Jesus dos Matosinhos, em Congonhas do Campo (MG). (NEVES, 2009, p.20).





Figura 16: Ex-voto da região de Minas Gerais (séc. XVIII)

Fonte: <<http://www.historiaecultura.pro.br/cienciaepreconceito/iconografia/exvotos.htm>>, acesso em: 1 ago. 2009

Entretanto, sabe-se que esse tipo de pintura foi uma prática católica na Europa medieval, mas que se intensificou com a devoção pós-tridentina, e que, certamente, predominou todos os territórios do Brasil Colônia.

Na região de Sergipe, foi encontrado um ex-voto do século XIX (ver figura 17), onde a imagem constitui-se de um cenário do interior de uma capela na qual a devota, provável encomendante da imagem, está ajoelhada perante Nossa Senhora, que flutua sobre nuvens. Na pintura, foi identificado o artista da obra, o local e a data: *Antônio Valerianno dos Santos desenhou na Bahia em setembro de 1859*. Essa informação é intrigante, na medida em que revela uma obra destinada a um santuário sergipano, provavelmente encomendada por um cidadão de São Cristóvão, mas sendo realizada por um artista baiano, e, talvez, revelando que, em Sergipe, importavam-se pinturas da Bahia, mostrando que a influência dessa Capitania perdurou na segunda metade do século XIX.



Figura 17: Ex-voto da região de Sergipe (séc. XIX)  
Fonte: Carvalho (1990, [s.p.]

Em suma, todos os tipos de pinturas produzidas na Capitania da Bahia, pelo menos em Salvador, foram de grande variedade e riqueza artística, sendo aquele local por onde chegavam primeiro as novidades da época colonial e onde existiam os melhores mestres-pintores e suas respectivas oficinas para a produção artística.

[...] havia artistas que se esforçavam para realizar bons trabalhos e, que frequentemente transmitiam aos seus discípulos as suas técnicas e estratégias de subsistência nesse ofício. Era uma arte prática, desenvolvida no cotidiano, nomeadamente, em Salvador, de onde irradiava-se para outras vilas da província, bem como, para outras províncias como as do Nordeste.” (CAMPOS, 2003, p.23).

Os tipos distintos de pintura foram aplicados em várias igrejas de Salvador e Recôncavo Baiano, durante os séculos XVII, XVIII e XIX. De fato, a arte religiosa daquela cidade serviu de inspiração para as demais Capitanias do Brasil, principalmente para Sergipe.

## 2.2 DEVOÇÕES E ICONOGRAFIAS CARMELITANAS

Quando o pesquisador se depara com o repertório artístico-iconográfico dentro das igrejas carmelitanas do Brasil, percebe que as temáticas e os estilos artísticos se repetem

na maioria dos templos, supondo que existiram tendências durante o período colonial e que estas eram bem divulgadas por toda a Ordem. “De fato, depois do século XVI, pode-se falar numa iconografia ocidental uniformizada.” (FLEXOR, 2009, p.17). Conforme o exposto, foi prática da mentalidade contrarreformista, e no caso do Brasil isso repercutiu na sociedade colonial, o uso de referências visuais para a produção do aparato artístico dos templos.

Um dos elementos que permitiram essa difusão foi o contato entre religiosos e leigos, bem como o trânsito daqueles pelas capitânicas. Na região de estudo que compreendeu a Capitania da Bahia, a ligação era direta, por ser uma região comum da PCB, onde os religiosos, principalmente os chamados visitantes, circulavam por entre os conventos de toda a província, abrangendo uma região entre Bahia, Sergipe e Pernambuco. As leis de obrigações e deveres dentro da comunidade eram estabelecidas pelos superiores carmelitas, havia fiscalizações em todos os conventos, as decisões tomadas pelas Ordens Terceiras, como os regimentos dos seus Estatutos e Compromissos, eram também controladas pela Ordem Primeira, assim, a pregação religiosa da vida carmelitana era transmitida de maneira direcionada e coletiva.

Além disso, o que também regulamentou e controlou a vida de leigos e religiosos durante o Brasil Colônia e Império foram as ditas *Cpab*, um regimento maior de cunho político, mas sobretudo religioso, organizado em 1707 no Arcebispado da Bahia, por D. Sebastião Monteiro da Vide.<sup>124</sup> Esse documento foi um conjunto de leis da Igreja que “adaptavam as normas tridentinas aos usos e costumes da Arquidiocese, especialmente considerando os componentes da sociedade na América portuguesa: o português, o índio e o negro e as condições específicas da Bahia.” (FLEXOR, 2009, p.13). O objetivo foi impor um padrão de conduta aos religiosos e fiéis no Brasil. Tal atitude já havia sido realizada em outros locais do império português, principalmente em Portugal, no século XVI e XVII quando surgiram outras leis que adaptavam as regras tridentinas.<sup>125</sup>

As atitudes da sociedade no Brasil foram conduzidas, em sua maioria, com base nas leis da *Cpab*, e, na prática, elas deveriam ser respeitadas e aplicadas, caso contrário,

---

<sup>124</sup> Nascimento em Monforte, região do Alentejo, Portugal, em 1643; morte em Salvador, Bahia, Brasil, em 1722. Foi o 5º Arcebispo do Brasil, chegando na região em 1702 e em 1707 realizou a organização das *Cpab*.

<sup>125</sup> “Assim, datam de 1565 as *Constituições Synodales do Arcebispado de Évora*; de 1568, as *Constituições Extravagantes Segundas do Arcebispado de Lisboa*; de 1585, as *Constituições Sybinodales do Bispado do Porto*; de 1591, as *Constituições Synodales do Arcebispado de Coimbra*, e de 1639 (impresas em 1696) as *Constituições Synodales do Arcebispado de Braga*, publicadas de um total de 36 reuniões sinodais. As disposições desses sínodos, *mutantis mutanti*, são as mesmas das *Constituições da Bahia*.” (FLEXOR, 2009, p.13).

ocorriam punições desde pagar uma multa de um réis para a igreja que não tivesse o Livro de Batismo até a pena de prisão de um pároco por não aplicar a Extrema-Unção. Mas, “em compensação, ofereciam prêmios como, além da salvação eterna, o meio de alcançá-la, ainda na terra, através de indulgências para que, por exemplo, participasse das procissões de *Corpus Christi*, que as teria entre 100 a 600 anos.” (FLEXOR, 2009, p.20).

Foi notada a aplicação dessas leis na arte pictórica, uma vez que o artista, além de seguir as recomendações, produzia pinturas com base nas regras de hierarquia e iconografia da Igreja Católica. No caso do Brasil, as normas das Cpab baseavam-se principalmente no seu Livro I, Títulos VII e VIII, onde foram expostas as adorações a serem seguidas para o culto da Igreja no Brasil.

O uso das sagradas Imagens de Christo nosso Senhor, de sua Mai Santissima, dos Anjos, e mais Santos é approved pela Igreja Catholica, que manda as haja nos Templos, e sejam veneradas [...] Por tanto, conformando-nos com a antiga tradição da Igreja Catholica, e definições dos Sagrados Concílios, ordenamos que ás ditas Imagens, ou sejam de pintura, ou de esculptura, se faça a mesma veneração, que aos originaes, e significados, considerando, que no culto, que a ellas damos, veneramos, e reverenciamos a Deos nosso Senhor, e aos Santos, que ellas representam. (VIDE, 2007, p.10)

Mais adiante, no Livro IV, Título XX, falou-se *das Santas Imagens*, com base nas leis Tridentinas:

Manda o Sagrado Concílio Tridentino, que nas Igrejas se ponhão as Imagens de Christo Senhor nosso, de sua sagrada Cruz, da Virgem Maria Nossa Senhora, e dos outros Santos, que estiverem Canonizados, ou Beatificados, e se pintem retabulos, ou se ponhão figuras dos mysterios, que obrou Christo nosso Senhor em nossa Redempção, por quanto com ellas se confirma o povo fiel em os trazer á memoria muitas vezes, e se lembrão dos beneficios, e mercês, que de sua mão recebo, e continuamente recebe, e se incita tambem, vendo as Imagens dos Santos, e seus milagres, a dar graça a Deos nosso Senhor, e aos imitar; [...] e cuidado que nisto devem ter, e tambem em procurar, que não haja nesta materia abusos, superstições, nem cousa alguma profana, ou inhonesta. Pelo que mandamos, que nas Igrejas, Capellas, ou Ermidas de nosso Arcebispado não haja em retabulo, Altar, ou fóra dele Imagem que não seja das sobreditas, e que sejam decentes, e se conforme os mysterios vida e originaes que representam [...]. (VIDE, 2007, p.256).

A veneração dos santos e das sagradas imagens ficou estabelecida na Sessão XXV (de 3 e 4 de dezembro de 1563) do Concílio Tridentino:

Manda o santo Concílio a todos os Bispos, e aos mais que tem o officio, e cuidado de ensinar, que conforme a praxe da Igreja Catholica, e Apostolica, desde os tempos primitivos da religião Christã, e consenso dos Santos Padres, e Decretos dos sagrados Concílios, intrusão diligentemente os Fiéis primeiramente da intercessão dos Santos, sua invocação, veneração das Relíquias, e legítimo uso das Imagens; e lhes ensinem, que os Santos, que reinam juntamente com Christo, offerecem a Deos pelos homens as suas orações; e que he bom e util invocallos humildemente, e recorrer ás suas orações, poder, e auxilio, para alcançar beneficios de Deos, por seu Filho Jesus Christo nosso Senhor, que he o nosso único Redemptor, e Salvador. Sentem pois impiamente aquelles que dizem, que os Santos, que gozão de eterna felicidade no Ceo, não devem ser invocados; e os que affirmam, ou que eles não

oração homens, ou que invocallos para que orem por cada hum que nós he idolatria, ou que opposto á palavra de Deos, e contrário á honra do único Mediador de Deos, e dos homens Jesus Christo; estultícia suplicar com palavras, ou com pensamentos aos que reinam no Ceo. (O SACROSSANTO E ECUMÊNICO CONCÍLIO DE TRENTO... apud CAMPOS, 2003, p.149-150).

Aos fiéis, a exigência principal das Capb foi a regulamentação das irmandades nas igrejas e nelas praticar o culto aos santos, a Jesus Cristo e à Virgem Maria, discriminadas no Livro IV, Título LX:

Porque as Confrarias devem ser instituidas para serviço de Deos nosso Senhor, honra, e veneração dos Santos, e se devem evitar nellas alguns abusos, e juramentos indiscretos, que os Confrades, ou Irmãos poem em seus Estatutos, ou Compromissos, obrigando com elles a pensões onerosas, e talvez indecentes, de que Deos nosso Senhor, e os Santos não são servidos, convêm muito divertir estes inconvenientes. [...] E posto que da devoção, e piedade de nossos subditos podemos confiar, que sem esta nossa lembrança, a terão de instituírem em suas Igrejas, Confrarias, em que sirvão a Deos, e honrem a seus Santos; Nós com tudo para mais os animar, lhes rogamos, e encommendamos muito, que tratem desta devoção das Confrarias, e de servirem, e venerarem nellas aos Santos; principalmente á do Santíssimo Sacramento, e do Nome de JESUS, á de Nossa Senhora, e das Almas do Purgatório, quanto for possivel, e a capacidade dos freguezes e permitir, porque estas Confrarias é bem as haja em todas as Igrejas. (VIDE, 2007, p.304-305).

Essas devoções foram estratégias comuns na Europa e nas colônias, segundo Campos (2000, p.119):

O culto a Virgem Maria em Portugal tem sido bem estudado no âmbito teológico, histórico e iconográfico. Contudo, surge nova vertente histórica com interesse na espiritualidade, onde estudos sobre o culto dos santos apresentam-se como classificador de um contexto histórico português. O paradigma santos da pátria – pátria dos santos revela um fenômeno comum aos países católicos – configurou-se como um projeto político-cultural que utiliza o santo, a santidade e a hagiografia como instrumento ou estratégia de poder [...].

Segundo Flexor (2009, p.17), a devoção aos santos estava tão afirmada no século XVIII na Bahia, que:

[...] as invocações preferidas eram apontadas pelas imagens contidas nos oratórios particulares, que podem ser encontradas nos testamentos e inventários baianos. Além das várias invocações da Virgem Maria, do Santíssimo, das Almas, anjo da guarda, os santos particulares mais frequentes eram Santo Antônio, São Domingos, São João Evangelista, São Francisco, São João Batista, São Pedro, São Pio V, **Santa Teresa**, São Félix, Santana, São José e São Gonçalo. [grifo nosso].

Os santos venerados no Brasil tinham origem a partir do hábito de culto português, sendo que, com a Contrarreforma, houve também a predileção pelos santos espanhóis. Campos (2000, p.191) afirma que muitas das devoções veneradas em Salvador:

[...] tem origem espanhola, caracterizando também sua influência na formação religiosa no Brasil. Dentre os santos mais populares na Espanha e que tiveram culto no Brasil, destacam-se: Santo Ignácio de Loyola, São Francisco Xavier, **Santa Teresa D'Ávila**, Nossa Senhora do Pilar, Nossa Senhora de Guadalupe, entre



outros. Ver especialmente MOTT, Luiz R. B. 'A influência da Espanha na formação religiosa no Brasil'. Salvador: Centro Editorial e Didático da Ufba, 1993. [grifo nosso].

Não obstante, é encontrado um vasto repertório pictórico dentro das igrejas de Ordem Terceira e conventos do Carmo no Brasil. Nas igrejas de Ordem Primeira e Terceira dos calçados, as devoções foram primeiramente à Nossa Senhora do Carmo, seguida da devoção ao fundador da Ordem, o Profeta Elias (ver figura 18).<sup>126</sup>



Figura 18: Pinturas de teto em caixotões da sacristia da igreja da Opes com cenas da vida do Profeta Elias (séc. XVIII)

Fonte: Araújo e Montes (1998)

As referências à história da Ordem encontram-se escritas e reformuladas desde a Idade Média com base nos Capítulos Gerais sobre o Carmelo da Antiga Observância, além de referências à vida do Profeta Elias que são encontradas na Bíblia, contidas no Antigo Testamento (Primeiro e Segundo Livro dos Reis).

A imagem que sintetiza a união entre o fundador e a sua característica mariana carmelita, encontra-se no Brasão da Ordem do Carmo, o qual foi divulgado entre os devotos carmelitas, e que faz a união entre a Virgem do Carmo, o Profeta Elias e o Monte Carmelo.

---

<sup>126</sup> Ver imagens da iconografia carmelitana (gravuras e pinturas) na sessão Anexo K.

Na imagem, encontra-se a frase em latim - *Zelo Zelatus sum pro Domino Deo Exercituum*<sup>127</sup> - e a mão de Elias com a espada de fogo, aludem à sua personalidade de guerreiro dos céus e a sua morte, quando foi arrebatado por um carro de fogo ao céu; as doze estrelas em formato circular e a coroa representam a Virgem Maria; as duas estrelas escuras representam Elias e Maria; a estrela clara ao centro representa a Virgem do Carmelo, sendo aludido pelo monte que é formado pela figura central escura em forma de cume (ver figura 19).



Figura 19: Brasão da Ordem do Carmo (séc. XVII)

Fonte: Biblioteca Nacional de Espanha (Biblioteca digital hispânica), disponível em:

<<http://www.bne.es/es/Catalogos/BibliotecaDigital/accesobibliotecadigital/index.html>>, acesso em: 28 ago. 2009

Às vezes, foram encontradas representações do Profeta Eliseu, segundo a Bíblia, esse religioso foi um seguidor de Elias, por isso que sua imagem vem sempre agregada ao fundador do Carmo. A cena mais comum retratada é o momento final da vida de Elias, no qual o profeta é levado ao céu por um carro de fogo na presença de Eliseu (ver figura 20). O seguinte trecho na Bíblia Sagrada (Segundo Livro dos Reis), com o título *Elias é arrebatado ao céu*, relata a história:

Aconteceu, pois, que quando o Senhor quis arrebatá-lo ao céu por um redemoinho, vinham Elias e Eliseu de Galgala. [...] Foram pois ambos juntos, 7 e cinquenta dos filhos dos profetas os seguiram, os quais também pararam defronte dele, de longe: e eles ambos se puseram à borda do Jordão. [...] E tendo passado disse Elias a Eliseu: Pede-me o que queres que eu te alcance, antes que eu seja

<sup>127</sup> *Ardo de zelo pelo Senhor, Deus dos exércitos*. Esta frase está sempre ligada à hagiografia de Elias, às vezes, representada de forma resumida: *Zelo Zelatus*.

arrebatado de ti. E Eliseu respondeu: Peço que seja dobrado em mim o teu espírito. Elias respondeu: Dificultosa coisa pediste: todavia se tu me vires, quando me arrebatarem de ti, terás o que pediste: mas se não me vires, não o terás. E continuando o seu caminho, e caminhando a conversar entre si, eis que um carro de fogo os separaram um do outro: e Elias subiu ao céu por meio de um redemoinho, e Eliseu o via, e clamava: Meu pai, meu pai, meu pai, carro de Israel, e seu condutor. E não o viu mais [...]. (BIBLIA SAGRADA, 1979, p.295-296).



Figura 20: Figura central da pintura de teto em perspectiva da igreja da Ordem Terceira do Carmo de Sabará/MG (séc. XVIII)

Fonte: Pianzola (1975)

Sobre a iconografia eliana, Sebastián (1989, p,243) comenta:

Em primeiro momento, não é de se estranhar a presença de cenas sobre a vida de Elias e Eliseu, como a série de Gaspar Dughet (1639-45), o sobrinho de Poussin, para a igreja romana de São Martin dos Montes: são no total dezoito afrescos com grandes fundos de paisagem, com temas como o anjo trazendo a Elias no deserto um pão e uma ânfora, ou a visão carmelitana da árvore genealógica de São João e Cristo, e finalmente, entre outros, a cena do imperador Tito no alto do Carmelo, junto ao monge que lhe faz ver a aparição de Jesus descendo da Cruz e do Pai. Ceán Barmudéz refere que no convento dos Carmelitas Calçados de Barcelona havia vinte quadros sobre a vida de Elias, pintados Pedro Cuquet; outro tanto pode-se dizer do claustro napolitano de Santa Maria do Carmo, e a Capela do Carmo de Toulouse conservava as principais cenas da vida do profeta fundador. Se elegeu com frequência o tema do rapto de Elias ao céu por um carro de fogo, que pintou Valdés Leal na igreja dos Carmelitas Calçados de Córdoba, e também foi frequente a cena da Transfiguração, aparecendo ao lado de Cristo, Elias e Moisés. (SEBASTIÁN, 1989, p.243).<sup>128</sup>

<sup>128</sup> “En primer término, no es de extrañar la presencia de escenas sobre la vida de Elías y Eliseo, como la serie de Gaspar Dughet (1639-45), el sobrino de Poussin, para la iglesia romana de San Martín de los Montes: son en



Em se tratando da iconografia mariana da Virgem do Monte do Carmo, que habitualmente segura o Menino Jesus em um dos braços, sua representação no Brasil Colônia sempre está ligada à imagem do escapulário e/ou usando o hábito dos carmelitas, às vezes, identifica-se o símbolo dos carmelitas ao centro de sua vestimenta ou no escapulário (ver figura 21).



Figura 21: Imagem de Nossa Senhora do Carmo localizado no Museu Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro de autoria de Raimundo da Costa e Silva (séc. XVIII-XIX)  
Fonte: Araújo e Montes (1998)

O hábito carmelita foi também um meio de identificar iconograficamente não só a Virgem do Carmo, mas os santos do Carmelo. Lorêdo comenta sobre as indumentárias da Ordem do Carmo:

---

total dieciocho frescos con grandes fondos de paisaje, con temas como el ángel trayendo a Elías en el desierto un pan y un ánfora, o la visión carmelitana del árbol genealogico de San Juan y Cristo, y finalmente, entre otros, la escena del emperador Tito en lo alto del Carmelo, junto al monje que le hace ver la aparición de Jesús descendido de la Cruz y del Padre. Ceán Bermúdez refiere que en convento de los Carmelitas Calzados de Barcelona había veinte cuadros sobre la vida de Elías, pintados por Pedro Cuquet; otro tanto pude decirse del claustro napolitano de Santa María del Carmen, y la Capilla del Carmen de Toulouse conservaba las principales escenas de la vida del profeta fundador. Se eligió con frecuencia el tema del rapto de Elías al cielo por un carro de fuego, que pintó Valdés Leal en la iglesia de los Carmelitas Calzados de Córdoba, y también fue frecuente la escena de la Transfiguración, apareciendo al lado de Cristo, Elías e Moisés.” (SEBASTIÁN, 1989, p.243).

Quanto à indumentária observa-se que variou bastante. Originariamente usavam túnica cintada, escapulário e capuz, preto, marrom, ou cinzento. A capa sobre o hábito tinha listras verticais, três pretas e quatro brancas. Por volta de 1287 adotaram o manto branco. Usam, hoje, hábito constituído de túnica talar cintada, esclavina com capuz e escapulário tudo na cor castanha e capa branca. (LORÉDO, 2002, p.121).

A temática mais recorrente da Virgem do Monte Carmelo nas igrejas do Carmo no Brasil é a entrega do escapulário a São Simão Stock. Porém, há variações encontradas em algumas igrejas da Ordem Terceira, uma delas é a de Nossa Senhora entregando o objeto sacramental a Santa Teresa D'Ávila, a São João da Cruz, ou na presença de vários santos carmelitas.

[...] a devoção ao escapulário será muito popular em Espanha e Portugal. Este tema se fez muito frequente as representações de São Simão Stock e da bula sabatina. Assim, nos Carmelitas de Gante o pintor Gaspar de Crayer representou o santo recebendo o escapulário das mãos da Virgem; outro quadro o dedicou à bula sabatina ou privilégio da Virgem anunciando, cada sábado, a liberação de uma alma que tivesse levado o escapulário, e no último vemos a Virgem e um santo carmelita tirando as almas do purgatório [...]. (SEBÁSTIAN, 1989, p.244).<sup>129</sup>

Em algumas cenas, há mais de um santo recebendo o escapulário, e, nessa situação, a imagem vem com a seguinte frase: *Tu és Mater et decór carmelitarum*.<sup>130</sup> A representação da apoteose de santos carmelitas diante da Virgem do Carmo é mais comum nas igrejas de ordem Terceira do Carmo de Minas Gerais e de São Paulo, na Bahia, a temática foi encontrada no teto da igreja de Opc, pintura atribuída a José Pinhão de Matos.

Geralmente, as representações da *Entrega do Escapulário* e do *Coro Carmelitano* são em pinturas de teto, a primeira, em pinturas de teto comuns ou fazendo parte de um dos quadros das pinturas em caixotões, e a segunda, habitualmente em perspectiva (ver figuras 22 e 23).

---

<sup>129</sup> [...] la devoción al escapulario será muy popular en España y Portugal. Este tema hizo muy frecuentes las representaciones de San Simón Stock y de la bula sabatina. Así, en los Carmelitas de Gante el pintor Gaspar de Crayer representó al santo recibiendo el escapulario de manos de la Virgen; otro cuadro lo dedicó a la bula sabatina o privilegio de la Virgen anunciando, cada sábado, la liberación de un alma que hubiera llevado el escapulario, y en un último vemos a la Virgen y un carmelita sacando el alma del purgatorio [...]. (SEBÁSTIAN, 1989, p.244).

<sup>130</sup> *Tú és mãe do coro Carmelitano.*



Figura 22: Imagem de Nossa Senhora do Carmo entregando escapulário a São Simão Stock - detalhe da tarja da pintura de teto da Ordem Terceira do Carmo de Mogi das Cruzes/SP - obra atribuída a Antônio dos Santos (1814-15)

Fonte: Tirapelli (2005, p.115)



Figura 23: *Decor Carmelitarum* - pintura do teto da capela-mor da igreja da Ordem Terceira do Carmo de Itu/SP - obra do Frei Jesuíno do Monte Carmelo (séc. XVIII)

Fonte: Tirapelli (2005, p.107)

Outra iconografia da Virgem do Carmo, representou-a como Protetora dos carmelitas (ver figura 24).



Figura 24: Nossa Senhora do Carmo - por Moretto da Brescia - Itália (séc. XVI)  
Fonte: <<http://www.wf-f.org>>, acesso em: 24 nov. 2007

Nas descrições de Nossa Senhora do Carmo, onde são narradas as suas virtudes, houve a ideia de proteção da sua Ordem:

No mistério da redenção, tu a escolheste como cooperadora de teu Filho, como mãe e modelo da Igreja. Mística estrela do monte Carmelo, **Maria ilumina e guia seus filhos, que ela revestiu com o hábito santo em sinal de sua proteção.** Com bondade maternal e com o esplendor de sua beleza atraí-nos a ti no caminho da caridade perfeita, para que na contemplação de teu rosto anunciemos aos irmãos as maravilhas de teu amor. (LODI, 2001, p.263). [grifo nosso].

Curiosamente, a partir da Contrarreforma, há outra iconografia mariana que se apropria da temática da *Virgem Protetora* ou do *Grande Manto*,<sup>131</sup> é a imagem de Nossa Senhora das Mercês ou da Misericórdia (ver figura 25).

<sup>131</sup> Para Heinz-Mohr (1994, p.232), o manto é: “símbolo da proteção. [...] Atributo da Madona do manto protetor (→ Maria) [...].”



Figura 25: Pintura de Nossa Senhora das Mercês do acervo do Museu de Arte Sacra da Bahia  
 Fonte: <<http://www.mas.ufba.br>>, acesso em: 2 dez. 2007

### Nossa Senhora das Mercês é a devoção da Ordem dos Mercedários:<sup>132</sup>

A devoção da Nossa Senhora Misericórdia se torna a mais popularmente difundida na Europa dos fins da Idade Média. Abrindo seu manto protetor, a Virgem abriga os suplicantes e necessitados. O tema ‘manto protetor’ remonta aos primórdios do Cristianismo e transforma-se, ao longo do tempo, em símbolos de adoção e do casamento. [...] Iconograficamente, a Virgem das Mercês apresenta-se vestida com um hábito branco, ósculo no peito e grilhete (anel de ferro) nas mãos. (SANTOS, 1986, [s.p.]).

Ambas as representações também foram bastante difundidas com a pela Ordem dos cistercenses, como símbolo de penitência e caridade. Todas as imagens, na Contrarreforma, foram baseadas em uma antiga iconografia mariana, uma vez que Delumeau (2000, p.202) menciona a presença da *Virgem do Grande Manto*, afirmando que é uma representação onde “a Virgem abriga sob seu manto populações diversas, ordens religiosas, confrarias e marinheiros”. Essa é uma devoção que tem suas raízes no oriente antigo, cultuada

<sup>132</sup> “A Ordem Mercedária (*B. Mariae de Mercede Redemptionis Captivorum*) foi fundada sob a regra de S. Agostinho, por S. Pedro Nolasco, em 1218, numa hospedaria de peregrinos chamada Santa Eulália, situada num ângulo do antigo palácio dos condes de Barcelona, doado por Jaime I, e aprovada em 1235. Esta Ordem foi fundada objetivando a redenção dos cristãos cativos nas terras dos mouros. A característica dos religiosos mercedários é o solene quarto voto feito a Deus, de ficar como refém para dar liberdade aos cativos quando o dinheiro oferecido não satisfazia às exigências muçulmanas. Os mosteiros mercedários, espalhados por várias regiões da Espanha, são autônomos, isto é, governam por si próprios sem dependência de supervisão geral.” (LORÊDO, 2002, p.141).

na Idade Média, e que aos poucos foi incorporada à iconografia de Nossa Senhora do Carmo e definida como uma das principais iconografias de Nossa Senhora das Mercês.

A respeito da divulgação da representação da Virgem Protetora na iconografia carmelitana contrarreformista, presencia-se uma passagem da vida de Santa Teresa onde ela relata aquela visão:

[...] estando todas no coro em oração, depois das Completas, vi Nossa Senhora cercada de grandíssima glória, coberta com um manto branco e debaixo dele parecia nos amparar a todas. Entendi assim o quão alto grau de glória daria o Senhor a todas desta casa. (TERESA DE JESUS, 1998, p.227).

A imagem dessa cena foi divulgada principalmente pela gravura nº 19,<sup>133</sup> da série já citada sobre a vida de Santa Teresa, de Adrian Collaert e Cornelius Galle, essa imagem teve grande repercussão no Brasil em pinturas de igrejas da Ordem Terceira e dos carmelitas descalços.

Outra iconografia de Nossa Senhora do Carmo diz respeito à salvação das almas do purgatório, onde a Virgem resgata as almas através do escapulário. Houve uma variação dessa cena onde a Virgem entrega o escapulário a São Simão Stock e ao mesmo tempo veem-se as almas do purgatório. Houve também a referência à cena da salvação do purgatório junto à cena da Virgem sobre o Monte Carmelo (ver figura 26).

---

<sup>133</sup> Ver gravura na sessão Anexo B.





Figura 26: Gravura de Nossa Senhora do Carmo no Monte Carmelo que salva as almas do purgatório com o escapulário (séc. XVIII)

Fonte: Biblioteca Nacional de Espanha, disponível em: <<http://servicios.bne.es/BDH>>, acesso em: 7 out. 2009

Todavia, as demais representações carmelitas dizem respeito aos santos da Ordem. Como já fora mencionado anteriormente, as imagens de Santa Teresa D'Ávila, principalmente, e de São João da Cruz são demasiadamente representadas nas igrejas da Ordem Terceira do Carmo e nas igrejas dos carmelitas descalços no Brasil. Após a Reforma Carmelitana e com a Contrarreforma, o exemplo de vida mística e de reformas do Carmelo dos dois santos se perpetua no imaginário da sociedade ibérica e colonial.

Mais adiante, falar-se-á sobre Santa Teresa, por ora, sabe-se que a vida de São João da Cruz foi representada em série de gravuras no século XVII, após a sua beatificação. A representação de São João da Cruz não foi tão forte quanto a de Santa Teresa, sendo quase sempre relacionada àquela Santa Reformadora. Os carmelitas descalços foram os que mais incentivaram a representação do seu modelo de santidade além de Reformador do Carmo. Nas igrejas carmelitas no Brasil, a partir do final do século XVII e início do XVIII, são encontradas representações de São João da Cruz.

De fato, mais tardias do que aquelas produzidas sobre Santa Teresa nos Países Baixos, suas imagens só passam a ser disseminadas depois de sua beatificação em 1675 e o processo foi mais lento tendo em vista que o santo só foi canonizado em 27 de dezembro de

1726 pelo Papa Bento XIII,<sup>134</sup> haja vista que o Concílio só autorizava reproduzir imagens de santos canonizados ou beatificados. Segundo Sebastián (1989, p.249):

Os grande ciclos gráficos sobre sua vida tem sido reduzidos às biografias que se publicaram sobre ele, sobretudo próximo à beatificação, que se fizeram já ilustradas. A primeira série de sessente lâminas da biografia de José Inácio de Santo Antônio *Le tableau racourcy de la vie du bienheureux père Jean de La Croix* (Bruxelas, 1674). Gaspar Boutats gravou a série de setenta e oito lâminas para a obra de Gaspar da Anunciação *Representación de la vida...* (Bruxelas, 1678), que é a mais rica. Para a edição das obras de São João (Sevilha, 1703) Matías de Arteaga e Juan Pérez realizaram setenta estampas, inspiradas na obra anterior. A terceira série em importância foi a de Zucchi, com sessenta estampas para a biografia de Alberto de São Caetano *Vita Mystici doctoris Sancti Joannis a Cruce* (Veneza, 1748).<sup>135</sup> Ademais, dedicaram-lhe um ciclo os Klauber, e um autor anônimo da mesma escola de Augsburg.” (SEBASTIÁN, 1989, p.249).<sup>136</sup>

A imagem de São João da Cruz mais reproduzida foi a de sua efígie, na cena, o místico tem em sua frente, sobre um altar, o Jesus Crucificado (ver figura 27), a cruz foi o mais importante atributo simbólico do santo carmelita. Na composição, há ainda duas frases - Jesus diz: *Ioanes quid vis pro laborius*; João responde: *Domini pati, et contemini pro te*.<sup>137</sup> Em outra cena semelhante, variou-se a visão do Cristo Crucificado com a do Cristo sofredor com a cruz às costas (ver figura 28).

---

<sup>134</sup> 246º Papa – período de seu pontificado de 1724 a 1730.

<sup>135</sup> Ver referências a essa série de gravura de Zucchi e demais imagens do Santo na sessão Anexo K.

<sup>136</sup> “Los grandes ciclos graficos sobre su vida han quedado reducidos a las biografías que se publicaron sobre él, sobre todo a raíz de la beatificación, que se hicieron ya ilustradas. La primera es la serie de sesente láminas de la biografía de José Ignacio de San Antonio *Le tableau racourcy de la vie du bienheureux père Jean de La Croix* (Bruselas, 1674). Gaspar Boutats grabó la serie de setenta y ocho láminas para la obra de Gaspar de la Anunciación *Representación de la vida...* (Bruselas, 1678), que es la más rica. Para la edición de las obras de San Juan (Sevilla, 1703) Matías de Arteaga y Juan Pérez realizaron sesenta estampas, inspiradas en la obra anterior. La tercera serie en importancia fue la de Zucchi, com sesenta estampas para la biografía de Alberto de San Cayetano *Vita Mystici doctoris Sancti Joannis a Cruce* (Venecia, 1748). Aún le dedicaron un ciclo los Klauber, y un autor anónimo de lka misma escuela de Augsburg.” (SEBASTIÁN, 1989, p.249).

<sup>137</sup> *João que queres pelo trabalho. Deus pai, antes sofrer a ser rejeitado por ti.*





Figura 27: Efígie de São João da Cruz - versão 1 – (séc. XVIII)

Fonte: Biblioteca Nacional de Espanha, <<http://servicios.bne.es/BDH>>, acesso em: 7 out. 2009



Figura 28: Efígie de São João da Cruz - versão 2 – (séc. XVIII)

Fonte: Biblioteca Nacional de Espanha, <<http://servicios.bne.es/BDH>>, acesso em: 7 out. 2009

Além de místico, a fama de São João da Cruz é a de exorcista, pois em vida ele exorcizou várias monjas e beatas na Espanha, espantando-as dos demônios em seus corpos.

Contudo, João da Cruz sempre é representado com características físicas de um santo jovem e em sua cabeça sempre aparece a tonsura feita em seus cabelos, corte característico dos religiosos de sua época.

Em relação à dupla de santos reformadores espanhóis, existem muitas imagens onde os dois místicos aparecem juntos, implementando a Reforma no Carmo, em cenas da vida de Santa Teresa, ou na presença da Virgem do Carmo ou de Jesus Cristo, símbolos da bênção de ambos para a Reforma dos descalços (ver figura 29).



Figura 29: *A Aparição de Jesus a João da Cruz e Teresa D'Ávila* - pintura de retábulo da igreja da Ordem Terceira do Carmo do Rio de Janeiro/RJ (séc. XVIII)  
Fonte: Levy (1942)

Além desses, outra devoção, que repercutiu nas igrejas depois da Reforma, foi o culto a São José, tendo em vista que Santa Teresa o tomou como padrinho, venerando sua imagem. Em algumas cenas da vida da Santa, aparece São José ou o culto à sua imagem. Nas igrejas carmelitas, encontrou-se São José sempre em pinturas ao lado da Virgem Maria e do Menino Jesus, formando a representação recorrente da Sagrada Família. Em outras imagens, São José aparece sozinho, ou abençoando a Santa de Castela, ou guiando-a pelos caminhos que ela percorria na Espanha, as variações desse santo foram, em alguns momentos, a representação de São José de Botas, iconografia recorrente da *Fuga para o Egito*.

Todavia, os demais santos (confessores gerais da ordem, diáconos, beatas, entre outros) são representados sempre ao lado da Virgem do Carmo ou de forma individual, em imagens separadas com seu retrato e atributos simbólicos. Segundo Coelho (2005, p.97),

algumas devoções de santos carmelitas são Santa Efigênia, Santo Elesbão, São José, Santana e Santa Luzia. De acordo com Sebastián (1989, p.244): “[...] Outros santos carmelitanos que aparecem são São Ângelo, predicador martirizado, Santo Alberto, que escreveu a regra no início do século XIII, São Cirilo, Santo André Corsini, etc.”<sup>138</sup>

Nas igrejas carmelitas, a hierarquia se compunha da seguinte ordem e respectivos locais em meio à arquitetura do templo: Virgem do Carmo, em pinturas de teto na composição central da capela-mor e parte superior do altar-mor; São José ao lado da Virgem em pinturas, esculturas ou em altares laterais dedicados ao Santo, como já dito, ao lado de Teresa em cenas de sua vida; Elias, abaixo da Virgem, no altar-mor e em pinturas de teto dedicadas a sua vida (na sacristia) ou nos retábulos laterais dedicados a ele; Santa Teresa, abaixo da Virgem no altar-mor e em pinturas de teto dedicadas à sua vida (na nave central ou na sacristia); João da Cruz, ao lado de Santa Teresa nas pinturas, ou em altares laterais dedicados a ele; os demais santos em nichos dos altares laterais e em pinturas parietais em meio aos altares laterais, ou acompanhando alguma cena pictórica de Nossa Senhora ou Santa Teresa.

Além desses personagens, a mentalidade contrarreformista fez com que se divulgassem as imagens dos Passos da Paixão de Jesus Cristo nas igrejas carmelitas: “[...] Por esse motivo, é comum encontrarmos nas igrejas dessa ordem imagens de Cristo alusivas a essas cenas: Cristo da coluna, Cristo da cruz às costas, Ecce Homo, Cristo da cana-verde, Cristo da prisão e Senhor morto, que, por sua vez, transformou-se no Cristo da crucificação.” (COELHO, 2005, p.97). Alguns santos também aparecem nas igrejas carmelitas acompanhando a temática da vida do Cristo: Santa Quitéria/São José, São Caetano, Nossa Senhora da Piedade, São Manoel, São João Batista e Santa Luzia. No Brasil, essas imagens se encontraram em sua maioria como esculturas processionais nas igrejas de Ordem Terceira do Carmo. As do Cristo apareceram em algumas pinturas sobre cenas da vida de Santa Teresa D’Ávila ou de São João da Cruz, tendo em vista que Jesus foi símbolo de união mística para os dois santos.

---

<sup>138</sup> “Otros santos carmelitanos que aparecen son San Ángel, predicador martirizado, San Alberto, que escribió la regla a principios del siglo XIII, San Cirillo, San Andrés Corsini, etc.” (SEBASTIÁN, 1989, p.244).

### 2.2.1 As representações visuais de Santa Teresa de Jesus

Nas igrejas da Ordem Terceira do Carmo e dos carmelitas descalços do Brasil, houve um consenso, principalmente de temas da Reforma, predominando as cenas da vida de Santa Teresa D'Ávila. As gravuras avulsas<sup>139</sup> ou de livros<sup>140</sup> divulgados após a sua morte colaboraram com a dispersão de sua iconografia. Além de reformadora, Teresa foi representada como mística, em suas visões extáticas, ou, ainda, como ressuscitadora de crianças e exorcista de demônios.

Gutiérrez (2006, p.12) relata a iconografia descrita por Teresa em seu *Livro da Vida* e que certamente foi utilizada como base para a produção de imagens sobre a Santa:

Visões sobre a Trindade e com o Espírito Santo 'como o pintam'. Da vida de Cristo, em especial a Paixão e a Ressuscitação. Da vida de Maria. Sobre os santos. Visões *ad superos*: o céu; os graus de glória; o trono de Deus e a majestade divina; Deus como um diamante. Visões *ad inferos*: o purgatório e o inferno. Visões do diabo. A *militia mundi*: o mundo de batalha contra a alma; visão da Companhia de Jesus; outras. Visões sobre defuntos como subgênero literário.<sup>141</sup>

A sua característica mais recorrente foi a de mística, onde a Santa comenta sobre seus vários êxtases ou uniões, essas sensações são explicadas por Teresa em algumas passagens no seu *Livro da Vida*:

Quisera eu saber declarar [...] a diferença entre a união e o que chamam arroubo ou elevação, ou vôo do espírito, ou arrebatamento, que tudo é um só. Digo que todos esses nomes diferentes significam uma única coisa, que também se chama êxtase. [...] Nesses arroubos parece que a alma não anima o corpo e assim se sente muito bem que lhe falta o calor natural: vai esfriando, embora com grandíssima suavidade e deleite. [...] e vedes que sois levados, mas não sabes para onde; porque, embra sendo grande o deleite, o nosso natural fraco sente-se temeroso ao princípio e é mister alma muito mais determinada e animosa que nos estados precedentes, para arriscar tudo venha o que vier, e entregar-se nas mãos de Deus [...]. E com tais extremos que muitíssimas vezes queria eu resistir, especialmente algumas em que estava em público e várias outras em segredo, e usava de todas as minhas forças, temendo ser enganada. (TERESA DE JESUS, 1998, p.106).

<sup>139</sup> Além das imagens contidas na sessão Anexo B, ver gravuras avulsas da Santa de Castela na sessão Anexo L.

<sup>140</sup> Ver gravuras - de livros sobre Santa Teresa e sobre os carmelitas descalços - provenientes da Biblioteca do Convento de Santa Teresa do Rio de Janeiro na sessão Anexo M.

<sup>141</sup> "Visiones sobre la Trinidad y com el Espiritu Santo 'como lo pintan'. De la vida de Cristo, em especial la Pasión y la Resurrección. De la vida de María. Sobre los santos. Visiones *ad superos*: el cielo; los grados de gloria; el trono de Dios y la majestad divina; Dios como um diamante. Visiones *ad inferos*: el purgatorio y el infierno. Visiones Del diablo. La *militia mundi*: el mundo em batalla contra el alma; visión de la Compañía de Jesús, otras. Visiones sobre difuntos como subgênero literario." (GUTIÉRREZ, 2006, p.12).

Teresa teve momentos de êxtase junto à visão da Pomba do Espírito Santo: “[...] Perdeu as considerações e ao ouvir aquele língua divina, na qual parece que falava o Espírito Santo, assaltou-me um grande arroubo que quase me fez perder os sentidos, embora durasse pouco tempo [...]” (TERESA DE JESUS, 1998, p.211).

Um dos seus temas de êxtase mais recorrente é a *Transverberação* ou *Êxtase Maior*, cena onde o anjo atinge seu coração com um dardo de fogo, a qual foi concebida em 1562 no Convento da Encarnação em Ávila:

Quis o Senhor conceder-me algumas vezes esta visão: via um anjo perto de mim ao lado esquerdo, em forma corporal - coisa que não costumo ver senão por milagre. Embora muitas vezes se me representem anjos, não os vejo senão como da visão de que já falei antes. E esta visão quis o Senhor que eu a visse assim. Não era grande, antes pequeno, muito belo, e o rosto tão incendiado que parecia ser dois anjos mais elevados – desses que parecem abrasar-se todos. Deve ser dos chamados querubins, pois os nomes não me disseram; mas bem vejo que no céu há tanta diferença de uns anjos para outros, e de outros a outros, que não as poderia dizer. Vi-lhe nas mãos um grande dardo de ouro e na ponta da arma pareceu-me ver um pouco de fogo. E parecia que mo enfiava pelo coração algumas vezes e me chegava até as entranhas. Ao tirá-lo, cuidava eu que as levava comigo e me deixava toda abrasada, num grande amor de Deus. A dor era tão forte que me fazia soltar gemidos; e tão excessiva a suavidade que me deixava aquela dor infinita, que não podia desejar que me deixasse nem se contenta a alma com menos de que Deus. Não é dor corporal, mas espiritual, embora o corpo não deixe de ter participação e grande. É um trato de amor tão suave que passa entre Deus e a alma que, suplico eu à sua bondade, faça-o gozar a quem pensa que estou mentindo. (TERESA DE JESUS, 1998, p.171).

Essa foi uma das cenas mais comuns relatadas por Santa Teresa e que acontecia com grande frequência durante sua vida. No período contrarreformista, foi a cena mais divulgada da vida de Santa Teresa pela iconografia Cristã. Sabe-se que essa representação do *Êxtase Maior* de Santa Teresa teve inspiração na série de estampas de Adrian Collaert e Cornelius Galle,<sup>142</sup> onde um anjo sustenta Teresa por detrás, enquanto que outro aponta a parte dianteira de uma flecha no coração dela. Na pintura portuguesa, a cena foi tema de várias obras e pintores, como exemplo, o quadro da pintora Barroca Josefa de Óbidos<sup>143</sup> (ver figura 30), que pintou, além daquela, outras cenas da vida da Santa de Castela. Porém, a iconografia da *Transverberação* também se destacou na escultura, a mais famosa foi a que

---

<sup>142</sup> Ver gravura nº 8 na sessão anexo B.

<sup>143</sup> Josefa de Ayala Figueira foi uma das poucas pintoras femininas da época Barroca de que se tem conhecimento e uma vasta pesquisa sobre sua vida e obra, nascida na Espanha, mas criada em Portugal, onde produziu várias obras pictóricas, em sua maioria muito bem conservadas. Nascimento em Sevilha, Espanha, em fevereiro de 1630; morte em Óbidos, Portugal, em 22 de julho de 1684. Sobre os suas obras ver Couto (1949) com o catálogo do Museu Nacional de Arte Antiga de Portugal, intitulado *Exposição das pinturas de Josefa de Óbidos*.



Lorenzo Bernini<sup>144</sup> esculpiu no século XVII, localizada na igreja carmelita de Santa Maria da Vitória em Roma (ver figura 31).



Figura 30: Transverberação de Santa Teresa por Josefa de Óbidos na igreja da Matriz de Cascais - Portugal (1672)

Fonte: <<http://pt.corbis.org>>, acesso em: 10 jul. 2007



Figura 31: Transverberação de Santa Teresa por Gian Lorenzo Bernini (séc.XVII)

Fonte: <<http://www.britishmuseum.org>>, acesso em: 17 jul. 2009

---

<sup>144</sup> Gian Lorenzo Bernini nasceu em Nápoles, Itália, em 7 de dezembro de 1598; morreu em Roma, Itália, em 28 de novembro de 1680. Bernini vivenciou o período de Contrarreforma na capital Católica, sendo um dos mais famosos artistas do barroco italiano, além de escultor, foi pintor e arquiteto.

No Brasil, a cena da *Transverberação* aparece em pintura de caixotões ou parietais em meio às narrativas da vida da Santa. A imagem é representada em uma só cena, ou em um conjunto de duas cenas seguidas (ver figuras 32 e 33).



Figuras 32 e 33: Pinturas parietais sobre a Transverberação de Santa Teresa de Jesus da igreja da Ordem Terceira do Carmo (Recife/PE)  
Fonte: Valladares (1983)

Ainda como mística, Teresa, que em vida afirmou ter se casado com Jesus, aparece em cenas da *Entrega Mística* e do *Desposório* ou *Casamento Místico*.<sup>145</sup> Na primeira cena, Teresa tem a visão do Jesus Ressuscitado que lhe diz: *Filia iam tota mea es, ego totus tuus*.<sup>146</sup> “Muitas vezes me diz Sua Majestade, mostrando-me grande amor: ‘Já és minha e Eu sou teu’. As palavras que tenho costume de dizer e, segundo penso, digo com verdade são: ‘Que me importo eu comigo, Senhor, senão Convosco?’ [...]” (TERESA DE JESUS, 1998, p.253).

Na segunda cena, Teresa tem a visão do Jesus com as chagas, Ele tem nas mãos o prego da Cruz e faz um gesto de que vai colocar as chagas na mão de Teresa, como prova de

<sup>145</sup> Ver gravuras nº 10 e 13 na sessão Anexo B.

<sup>146</sup> *Filha, és toda minha, eu sou todo seu.*

união espiritual. Nesta, existem as seguintes frases em latim: *Deinceps ut vera sponsa meum zelabis honorem.*<sup>147</sup>

Como reformadora, a Santa aparece ao lado daqueles que ajudaram no Carmelo descalço como São João da Cruz e São Pedro de Alcântara, ou sendo abençoada pela Santíssima Trindade ou por Nossa Senhora e São José, recebendo algum objeto (joia) como prova de bênção e reconhecimento da Reforma do Carmelo.

[...] Teve visões da Santíssima Trindade, do Espírito Santo e sobretudo de Cristo e do Menino Jesus. Além da Transverberação, a visão que mais tem interessado ao Carmelo foi a que teve na igreja de Santo Tomás de Ávila no dia da Assunção de 1561, quando apareceram-lhe a Virgem e São José [...]. (SEBASTIÁN, 1989, p.89).<sup>148</sup>

No mais, todas as cenas se baseiam na vida de Teresa que, em sua maioria, tem referência principal no seu *Livro da Vida* e demais obras literárias escritas pela santa ou sobre a Santa, estas últimas, em sua maioria, escritas pelos seus biógrafos.

### 2.3 ANTECEDENTES HISTÓRICOS E ARTÍSTICOS DAS IGREJAS CARMELITAS EM SALVADOR/BA

No Brasil colônia, principalmente no século XVI e XVII, percebeu-se que os acontecimentos históricos e artísticos da Capitania da Bahia e dos religiosos carmelitas nessa região foram pioneiros em comparação com as demais Capitânicas. Dessa forma, Salvador, como uma das capitais do Reino, também teve no mesmo período uma vantagem em relação às demais cidades, importando e reconfigurando sua vida social, religiosa, artística e política a partir das novidades chegadas da Metrópole. Os religiosos carmelitas, as Ordens Terceiras do Carmo, os artistas e as artes encomendadas para as igrejas foram desde cedo uma realidade em Salvador colonial. A Ordem carmelita calçada dessa cidade foi a primeira da Capitania da Bahia a erguer seus templos, a contratar artistas para a arte religiosa e a decorar os interiores de suas igrejas. Além disso, com a presença da Ordem masculina dos carmelitas descalços

---

<sup>147</sup> *Em seguida, como verdadeira esposa, zelará pela minha honra.*

<sup>148</sup> “[...] Tuvo visiones de la Santísima Trinidad, del Espíritu Santo y sobre todo de Cristo y del Niño Jesús. Aparte de la Transverberación, la visión que más ha interesado al Carmelo fue la que tuvo en la iglesia de Santo Tomás de Avila el día de la Asunción de 1561, cuando se le aparecieron la Virgen y San José [...]” (SEBASTIÁN, 1989, p.89).



que chegaram no século XVII e que permaneceram somente em Salvador e Olinda durante todo o período colonial, Salvador foi contemplada com a religião e a arte religiosa daqueles frades devotos de Santa Teresa D'Ávila.

Nesse raciocínio, a seguir, aparece o estudo dos antecedentes histórico-artísticos, e, sobretudo, pictóricos, das duas igrejas carmelitas que, certamente, foram referências para toda a Capitania da Bahia, inclusive para as regiões do Recôncavo e de Sergipe.

### 2.3.1 Igreja da Ordem Terceira do Carmo de Salvador

Foram erguidas três igrejas da Ordem Terceira na Capitania da Bahia: a de Salvador, Cachoeira e São Cristóvão. Porém, o estudo só contemplará as duas últimas por terem pinturas do século XVIII, porque a primeira igreja, apesar de ter sido construída e decorada no século XVII, foi incendiada no século XVIII e reconstruída no século XIX ao estilo Neoclássico (ver figuras 34 e 35). “A primeira igreja dos Terceiros do Carmo queimou na noite de 22-21 de março de 1788. [...] cuja segunda igreja, afinal, foi feita na maior parte do século XIX [...]” (OTT, 1998, p.85).

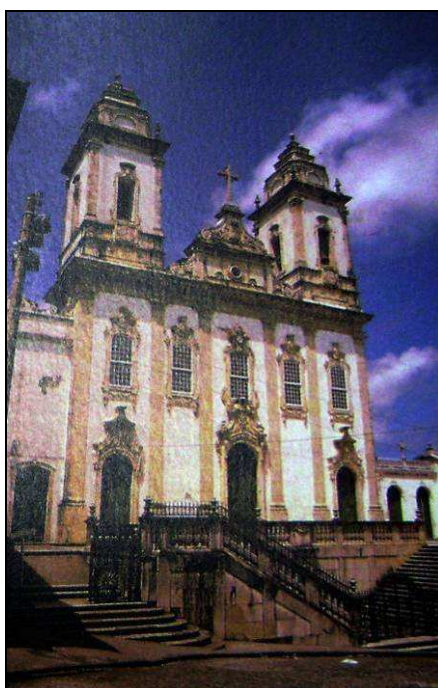


Figura 34: Fachada da igreja da Otc  
Fonte: Valladares (1983)



Figura 35: Detalhe central da pintura de teto da igreja da Otc's (séc.XIX)  
Fonte: Araújo e Montes (1998)

As pinturas das duas igrejas de Ordem Terceira na região de Cachoeira/BA e São Cristóvão/SE podem ter tido influência ou relação direta com o tipo arquitetônico e os estilos artísticos das pinturas da antiga igreja de Otc's, já que ela foi construída em fins do século XVII e início do século XVIII. Essas referências não chegaram aos nossos dias, mas o trabalho de Ott (1998) registra elementos baseados em documentos do Arquivo da Otc's: livro de Assentos da irmandade, recibos e contratos com pintores, entalhadores e marceneiros no século XVIII.

Ott (1989, p.31-32) mostra uma intensa atividade de encomendas da Otc's a partir do seu Livro de Assentos do período de 1660 a 1709. Em 1680, o pintor Francisco Pestana recebeu 140\$000 réis para realizar por volta de quatorze a dezesseis pinturas sobre a vida de Santa Teresa D'Ávila. Portanto, essa referência da vida da Reformadora do Carmo já foi acessível à sociedade baiana no final do século XVII.

Em seguida, segundo o autor (1989, p.31), a Ordem Terceira encomendou mais vinte e duas pinturas de teto em caixotões da sua igreja, em 1682, sendo paga a quantia de 90\$000 réis, nessa mesma obra foi notada a presença do carpinteiro Domingos Sampaio. Para preencher as paredes da igreja, contratou-se o pintor João Pereira Dalva para a produção de quatorze pinturas parietais pela quantia de 46\$400. Além disso, o mestre Teotônio da França

Fiuza pintou, aos 25 de setembro de 1689, quatorze quadros pela quantia de 46\$400. Ott coloca que o total de quadros até 1698 foi de noventa pinturas.

Em 1714, mandaram produzir vinte e quatro novos painéis para o teto da igreja:

A pintura do teto da nova capela-mor já tinha sido resolvida, aos 2 de fevereiro de 1714, por se haver 'levantado o forro'; observação bem interessante que mostra ter sido apenas alteado o antigo templo. O forro do antigo templo estava cheio de painéis, os quais porém não foram aproveitados na nova capela-mor, pois foram encomendados 24 painéis novos para o mesmo lugar. Encarregou-se deste trabalho como do douramento das molduras o mestre pintor João Álvares Correia. Outro pintor, Manoel Soares estava também interessado na obra e tinha dado o seu orçamento. [...] João Álvares Correia pintou os 24 painéis para a capela-mor da Ordem 3ª do Carmo no cavalete, sendo depois pregados por um carpinteiro no forro. (OTT, 1998, p.45).

Mais adiante, o citado autor refere-se à contratação de um pintor chamado Felipe de Santiago, o qual fez a complementação decorativa desses quadros, que provavelmente eram pinturas em caixotões, além de fazer mais cinco quadros, e a pintura e decoração do teto da nave central da igreja:

Anteriormente, já vimos que o mestre pintor Felipe de Santiago teve de acrescentar flores e decorações mais alegre entre os quadros [...] de João Álvares Correia. E esta pintura nova agradou tanto aos Terceiros do Carmo que encomendaram ao mesmo Felipe de Santiago cinco quadros para a sua igreja, pagando-lhe pelo trabalho de 40\$000. [...] ninguém se admira que os Terceiros, em 6 de junho de 1722, chamaram novamente o mestre pintor Felipe de Santiago, esta vez pra pintar o teto da nave de sua igreja, que constaria tanto de painéis como da decoração de flores. (OTT, 1998, p.48-49).

As pinturas produzidas no início do século XVIII na antiga igreja de Otcs privilegiaram os quadros parietas e os conjuntos de caixotões, com molduras douradas e pintadas com decorações de florais. Nas demais igrejas – de Otcc e de Otcsc - também foi percebida essa mesma tendência pictórica. Porém, ao contrário da igreja de Salvador, a desvantagem daquelas é a falta de documentos do século XVII ou do século XVIII, dificultando a data precisa das criações da talha e das pinturas.

### 2.3.2 *Convento de Santa Teresa dos carmelitas descalços*

Os carmelitas descalços ou teresios, como comumente eram chamados em Salvador, chegaram nessa cidade em 1661.

Chegaram à Bahia seis carmelitas descalços que se dirigiam a Angola com o intuito de fundar um convento por ordem do Rei. Foram obrigados a permanecer em Salvador por alguns meses [...]. Durante esta permanência, os carmelitas

demonstraram zelo e espírito de caridade, atendendo aonde eram chamados, criando um ambiente propício para lançar a ideia de um convento teresio na cidade. (GUIMARÃES, 2008, p.21).

Logo, criaram residência à beira-mar, na região chamada Preguiça, sob o priorado de Frei Joseph do Espírito Santo. Sobre a construção do templo, há divergências. Autores dizem que o convento e igreja foram construídos pelo Frei Beneditino Macário de São João (PREFEITURA MUNICIPAL DO SALVADOR, 1962, p.20). Outros, como Lins (2008, p.34), afirmam que:

A falta de documentação sobre os teresios da Bahia dificulta a reconstituição da história da construção do convento de Santa Teresa da Bahia, especialmente no que se refere à participação dos mestres de obra e artífices que ali desenvolveram suas atividades. Entretanto, pode-se atribuir a fundação da atual casa ao ano de 1668, quando os religiosos obtiveram licença do Cabido para construir nova casa em local mais alto. Na consagração da nova igreja, que ocorreu em 15 de outubro de 1698, o Frei Ruperto de Jesus, Abade Provincial dos beneditinos do Brasil, pronunciou o sermão. As obras para dotar o convento de todo o aparato necessário à vida religiosa continuaram durante o século XVIII.

Sabe-se que a construção do Convento de Santa Teresa em Salvador (Csts) teve como base o regimento dos carmelitas descalços (ver figura 36), sobretudo o que foi recomendado pelas Constituições:

Os edifícios construídos pelos Carmelitas Descalços obedeceram sempre aos preceitos estabelecidos em suas Constituições. Daí a expressão arquitetura carmelitana ou estilo carmelitano, comumente utilizada para designar as casas dos teresios. [...] Quando da redação das novas Constituições, em 1581, da qual participou São João da Cruz, o capítulo primeiro da primeira parte determinava que as casas não fossem suntuosas, mas humildes, e as celas não tivessem mais que doze pés em quadra. Os Capítulos Gerais da Ordem, celebrados a seguir, estabeleciam maiores definições acerca da construção dos conventos, de maneira que todos fossem edificados de um mesmo modo. (LINS, 2008, p.32).



Figura 36: Fachada do Csts

Fonte: Jornal A Tarde, disponível em: <[www.atarde.com.br/cidades/noticia.jsf?id=945749](http://www.atarde.com.br/cidades/noticia.jsf?id=945749)>, acesso em: 9 jul. 2009.

Para além do Csts, os descalços mantiveram “fora da cidade, a missão de Massarandupió, no distrito da Torre, onde levantaram a igreja de São João da Cruz, hoje desaparecida.” (PREFEITURA MUNICIPAL DO SALVADOR, 1962, p.8)

Sabe-se que os religiosos tiveram bom convívio com a sociedade laica e religiosa de Salvador, prova disso são os indícios de que no século XVIII a instituição acumulou muita renda, chegando a emprestar dinheiro a juros. Além disso, as lápides dos ilustres abastados e religiosos comprovam dentro do templo descalço o prestígio dos teresios na região.<sup>149</sup>

Em relação ao repertório pictórico do convento, seu acervo é bem vasto, contando com pinturas de altares, pinturas em azulejo, pinturas parietais, dentre outras. Porém, a maioria foi produzida no século XVIII, assim como registra Lins (2008, p.34) sobre quatro pinturas dos Passos da Paixão de Cristo que: “em 1755, foram colocados os quatro quadros, em óleo sobre tela, nos nichos que se localizam em cada ângulo do claustro [...]”. Todavia, o que chamou atenção foram pinturas mais antigas, já que podem ter influenciado as pinturas de Cachoeira e de São Cristóvão. As pinturas estão na sacristia do convento, fazendo parte do arcaz daquele local (ver figura 37).

---

<sup>149</sup> Ver o trabalho de Viana (1960) intitulado *Lápides da Igreja de Santa Teresa*.





Figura 37: Arcaz da sacristia do Csts com as pinturas sobre Santa Teresa  
 Fonte: Antônio Pereira, 2009

As pinturas foram provavelmente realizadas no final do século XVII e início do século XVIII e tiveram como base as cenas da vida da Santa Reformadora.<sup>150</sup> São onze pinturas a óleo de pequenas proporções, cada qual narra uma cena da vida de Teresa. Foram pintadas cenas como a da Ressuscitação do sobrinho da Santa; duas cenas que representam a Visão da Pomba do Espírito Santo, uma delas lembrando a efígie da Santa; algumas visões de Jesus Cristo; dentre outras temáticas. Para execução dessas pinturas, com certeza, os artistas tiveram referência nas passagens do *Livro da Vida*, talvez direcionadas pelos religiosos descalços, mas, sobretudo, das gravuras europeias do início do século XVI, tendo composições semelhantes às gravuras da famosa série já citada neste trabalho.<sup>151</sup>

Além dessas pinturas, há outras pinturas baseadas na vida de Teresa, nesse caso, destaca-se uma pintura em azulejo localizada no claustro da igreja, com a temática já mencionada de *Nossa Senhora Protetora* (ver figura 38), uma das visões da vida da Santa de Castela.<sup>152</sup>

---

<sup>150</sup> Ver todas as pinturas na sessão Anexo M.

<sup>151</sup> Ver a sessão Anexo B.

<sup>152</sup> Rever gravura nº 19 na sessão Anexo B.



Figura 38: Pintura de azulejo do claustro do convento de Santa Teresa  
 Fonte: <<http://www.mas.ufba.br>>, acesso em: 2 dez. 2007

A pintura faz parte de um conjunto de azulejos do convento produzidos provavelmente no século XVIII. Na cena, Nossa Senhora é coroada por dois anjinhos, ela segura o Menino Jesus com a mão esquerda e suporta o manto com a mão direita. Ao seu lado encontra-se São José. Os três juntos formam a tríplice da Sagrada Família. Seu grande manto protege três carmelitas da Ordem Primeira – masculina - do lado esquerdo, e três carmelitas da Ordem Segunda – feminina – do lado direito. A imagem é emoldurada por elementos do Barroco estilizados com fitomórficos, volutas, vasos, entre outros.

Na composição, há quatro frases em latim, uma delas se encontra embaixo da Virgem, fazendo parte da moldura. Curiosamente, as outras três são as falas dos personagens da Sagrada Família. A Virgem diz: *Ego plantavi*.<sup>153</sup> São José diz: *Ego protegi, et protego*.<sup>154</sup> Menino Jesus diz: *Ego autem incrementum dedi*.<sup>155</sup> Essas três frases podem ter sido adaptadas da Bíblia Sagrada, retirada de um dos trechos da Primeira Epístola de São Paulo aos Coríntios (Vulgata, 1Coríntios 3,6), onde se diz: *Ego plantavi, Apollo rigavit, sed Deus incrementum*

<sup>153</sup> *Eu plantei.*

<sup>154</sup> *Eu protegi, e protejo.*

<sup>155</sup> *Eu também dei o crescimento.*

*dedit*.<sup>156</sup> (BÍBLIA SAGRADA, 1979). Todos os três personagens são figuras importantes para os carmelitas descalços, uma vez que, Nossa Senhora foi a sua base mariana, São José foi o protetor de Santa Teresa e, conseqüentemente, dos descalços, e Jesus é o modelo de santidade.

Junto com as mencionadas pinturas da igreja de Ordem Terceira do Carmo, as pinturas, do arcaz da sacristia e do azulejo do claustro do convento dos Teresios, serviram como referências pictóricas da vida da Santa de Teresa na Capitania da Bahia. Sendo base para os demais templos carmelitas na região, inclusive Cachoeira e São Cristóvão.

## 2.4 REPERTÓRIO PICTÓRICO DA IGREJA DA OTCC

### 2.4.1 *Descrição espacial do conjunto arquitetônico*

O conjunto arquitetônico do Carmo em Cachoeira/BA é composto pela igreja e convento da Ordem Primeira interligado ao conjunto da igreja da Ordem Terceira (claustro, consistório, igreja e capela-cemitério).<sup>157</sup>

A fachada de todo o conjunto arquitetônico do Carmo compreende a igreja da Ordem Terceira, a capela-cemitério, a sacristia e o consistório (no andar superior), além da igreja da Ordem Primeira (ver figura 39).

---

<sup>156</sup> *Eu plantei, Apolo regou, mas Deus deu o crescimento.*

<sup>157</sup> Ver Planta do piso inferior do complexo do Carmo de Cachoeira/BA na sessão Anexo O.